

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**RELAÇÕES COLABORATIVAS E REDES  
SOCIOPRODUTIVAS: UM ESTUDO SOBRE OS  
PRODUTORES DE VINHO ARTESANAL DO  
CHAPADÃO – JAGUARI – RS – BRASIL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Fernanda Elisa de Oliveira Venturini**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**



**RELAÇÕES COLABORATIVAS E REDES  
SOCIOPRODUTIVAS: UM ESTUDO SOBRE OS  
PRODUTORES DE VINHO ARTESANAL DO  
CHAPADÃO – JAGUARI – RS – BRASIL**

**Fernanda Elisa de Oliveira Venturini**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Extensão Rural.**

**Orientador: Prof. Alessandro Porporatti Arbage**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Venturini, Fernanda Elisa de Oliveira  
Relações colaborativas e redes socioprodutivas: um estudo sobre os produtores de vinho artesanal do Chapadão - Jaguari - RS - Brasil. / Fernanda Elisa de Oliveira Venturini.-2014.  
120 p.; 30cm

Orientador: Alessandro Porporatti Arbage  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, RS, 2014

1. Organizações rurais 2. Relações colaborativas 3. Redes rurais 4. Redes organizacionais 5. Rede socioprodutiva I. Arbage, Alessandro Porporatti II. Título.

---

© 2014

Todos os direitos autorais reservados a Fernanda Elisa de Oliveira Venturini. A reprodução da parte ou do todo deste trabalho só poderá ser feito com autorização por escrito do autor.

E-mail: nanda.agroindustria@gmail.com

---

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

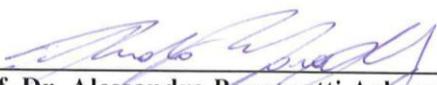
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

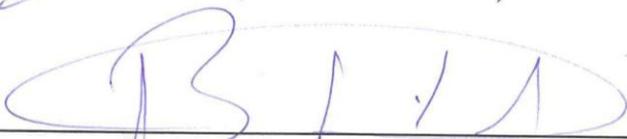
**RELAÇÕES COLABORATIVAS E REDES SOCIOPRODUTIVAS: UM  
ESTUDO SOBRE OS PRODUTORES DE VINHO ARTESANAL DO  
CHAPADÃO – JAGUARI – RS – BRASIL**

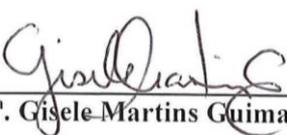
Elaborada por  
**Fernanda Elisa de Oliveira Venturini**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Extensão Rural**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Alessandro Porporatti Arbage (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Alsones Balestrin (UNISINOS)**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Gisele Martins Guimarães (UFSM)**

Santa Maria, 26 de agosto de 2014.



*“O homem não tece a teia da vida;  
ele é apenas um fio.  
Tudo o que faz à teia,  
ele faz a si mesmo”.*

Chefe Cacique Seattle



## AGRADECIMENTOS

Às forças vindas da natureza que fortaleceram a persistência nesta etapa da vida.

Aos meus pais e irmãos que sempre foram apoiadores das causas que apoiei e consequentemente busquei.

Aos colegas que encontrei por dois anos, os quais permaneceram e acompanharam toda a labuta durante estes anos compartilhando incertezas, angústias e claro, bons momentos de alegria; e principalmente aos amigos da casa do estudante “CEU III” que compartilharam momentos que jamais esquecerei.

Ao meu orientador que teve paciência de aguardar o tempo necessário para o meu amadurecimento acadêmico.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Alimentação e Sociedade - NEPALS que me possibilitou conhecer a realidade de extensão rural vivenciada pelo município de Jaguari - RS e que me aguçou a buscar compreender as formas de desenvolvimento local, representado pela pessoa do prof. Paulo Roberto Cardoso da Silveira.

Aos colegas do Instituto Federal Farroupilha – Campus Jaguari e em especial a aluna Jéssica Feliciani colaboradora deste trabalho.

Aos amores que passaram pela minha vida e que de uma forma ou outra participaram deste trabalho; e principalmente, aquele que me acompanha atualmente nesta caminhada e que contribuiu com este fragmento de minha vida. Muito obrigada “*mio amore*” Alex Lago.

E principalmente, aos atores desta pesquisa, membros da rede socioprodutiva do Chapadão, que possibilitaram a observação e análise da suas vivências organizacionais, para que tudo saísse do empírico para formar este aglomerado de palavras no intento de que possa contribuir com o desenvolvimento rural em outras querências.



## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós Graduação em Extensão Rural  
Universidade Federal de Santa Maria

### **RELAÇÕES COLABORATIVAS E REDES SOCIOPRODUTIVAS: UM ESTUDO SOBRE OS PRODUTORES DE VINHO ARTESANAL DO CHAPADÃO – JAGUARI – RS – BRASIL**

Autora: Fernanda Elisa de Oliveira Venturini  
Orientador: Alessandro Porporatti Arbage  
Santa Maria, 26 de agosto de 2014.

O objetivo dessa pesquisa é compreender o processo de estruturação da rede socioprodutiva das agroindústrias familiares de vinhos da localidade Chapadão - Jaguari-RS - Brasil, analisando quais os elementos que proporcionam a formação e sustentação desta rede no tempo e no espaço. A constituição de redes pode se dar partindo dos atores locais, ou de cima para baixo, a partir de programas de natureza governamental. Os equívocos em projetos de fomento a organizações coletivas, como uma rede de agricultores familiares, podem ser onerosos tanto em recursos humanos quanto em verba pública. Neste sentido, a pesquisa torna-se importante para reconhecer em comunidades rurais quais elementos constituem as bases de fortalecimento das relações sob as quais se sustentam atividades produtivas. A metodologia de estudo foi qualitativa. Foi realizado um estudo de caso junto à onze unidades de produção de uva/vinho situadas na localidade do Chapadão do referido município. Como resultados se obteve a estrutura da rede socioprodutiva em formato de sociogramas, mostrando a influência dos elementos de sociabilidade na organização da rede nas dimensões sociocultural e econômico - financeira. A pesquisa também comprovou que o conjunto de elementos, confiança e reciprocidade tem potencial de sustentação da rede na dimensão sociocultural, assim como os elementos interesse e interação potencializaram a formação da rede na dimensão econômico financeira. Considera-se que essa pesquisa pode vir a contribuir com o trabalho de mediação de agentes de desenvolvimento rural, através da verificação dos elementos de sociabilidade existentes, dentre um determinado grupo de agricultores organizados rede.

**Palavras-chave:** Organizações rurais. Relações colaborativas. Redes rurais. Redes organizacionais. Rede socioprodutiva.



## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós Graduação em Extensão Rural  
Universidade Federal de Santa Maria

### **COLLABORATIVE RELATIONS AND SOCIO-PRODUCTIVE NETWORKS: A STUDY ABOUT ARTISANAL WINE PRODUCERS OF THE CHAPADÃO. – JAGUARI – RS**

Author: Fernanda Elisa de Oliveira Venturini

Advisor: Alessandro Porporatti Arbage

Santa Maria, August 26<sup>th</sup>, 2014.

The main objective of this research is to understand the process of structuring of the network socio productive of the family agricultural industries of the wines of Jaguari-RS, analyzing which elements provide the permanence of this network in time and space. The networks could form from local actors or top down, starting with programs aimed at developing models. The misconceptions made in projects to encourage collective organizations, as in the case of a network of family agribusinesses, are very common, both in human resources and in public resources. In this sense, the research becomes important in rural communities, to recognize elements of sociability that serve to empowering relationships in other territories which in turn have productive affinities. The study methodology was qualitative. A case study was conducted with eleven producers of grape / wine, located in the locality of the Chapadão of that municipality. As a result we obtained the structure of socio-productive network in sociograms, showing the influence of the elements of sociability in the organization of the network in the socio-cultural and economic- financial dimensions. The research also proved that the set of elements, trust and reciprocity has the potential to support the socio-cultural dimension of the network, as well as the interest elements and interaction potentiated network formation in the economic and financial dimension. The results of this research could contribute to the work of agents of rural development, through the checking of the existing sociability among a certain group of farmers organized in network.

**Keywords:** Rural organizational. Collaborative actions. Rural networks. Organizational networks. Socio-productive network.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 – Modelo de topologias de rede .....	29
Figura 2 – Dois tipos de tríades .....	30
Figura 3 – Esquema de análise .....	50
Figura 4 – Canais de comercialização dos Vitivinicultores do Chapadão.....	71
Figura 5 – Esquema das organizações da cadeia da uva e vinho de Jaguari. ....	73
Figura 6 – Sociograma do compartilhamento de equipamentos.....	90
Figura 7 – Sociograma do compartilhamento de mão de obra – colheita .....	92
Figura 8 – Sociograma do compartilhamento de mão de obra – poda .....	96
Figura 9 – Sociograma referente a Manifestação de Ritos locais.....	99
Figura 10 – Esquema interpretativo dos elementos presentes na rede socioproductiva.....	102

### MAPAS

Mapa 1 – Mapa de localização do município de Jaguari - RS.....	52
Mapa 2 – Localização das propriedades vitivinicultoras da pesquisa no Chapadão - Jaguari - RS.....	56

### IMAGENS

Imagem 1 – Capela de Sra. Monte Bérico, a esquerda (fachada) a direita (interior da capela) .....	58
Imagem 2 – Clube Internacional Chapadão .....	58
Imagem 3 – Imagem mostrando a estrutura vitivinícola do IFF - Campi Jaguari.....	59
Imagem 4 – Local de comercialização do vinhos na propriedade VIT 5.....	77
Imagem 5 – Equipamentos e instalações na Propriedade VIT 5 (a esquerda desengaçadora de uva e a direita recipientes de armazenamento do vinho).....	78
Imagem 6 – Residência secular na propriedade VIT 5 .....	84
Imagem 7 – Produção de queijos (a esquerda) e produção de licores (a direita) .....	85
Imagem 8 – Filhos de um dos vitivinicultores ajudando e aprendendo o ofício da poda .....	87
Imagem 9 – Poda do vinhedo sendo realizada .....	95
Imagem 10 – Família vitivinicultora do Chapadão em época de poda .....	97

Imagem 11 –Desfile do dia 7 de setembro em Jaguari – trazendo a representação do imigrante Italiano e da uva.....	98
Imagem 12 –Abertura da colheita da uva em Jaguari – na imagem representantes da APROVIJA e enólogo da Cooperativa São José .....	101

## **QUADROS**

Quadro 1 – Matriz de respostas do compartilhamento de equipamentos, coletada a campo.....	65
---	----

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Representação da assistência técnica para a produção de vinhos.....	72
Gráfico 2 – Área de vinhedo dos vitivinicultores do Chapadão .....	76
Gráfico 3 – Histórico da produção de vinhos da região.....	77
Gráfico 4 – Descendência étnica dos vitivinicultores do Chapadão.....	84
Gráfico 5 – Representação dos órgãos de assistência técnica para a Viticultura dos produtos do Chapadão .....	86
Gráfico 6 – Utilização da mão de obra para poda e colheita da uva no Chapadão.....	87

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO A – Roteiro de entrevista I.....	117
ANEXO B – Roteiro de perguntas II e Planilhas de respostas.....	119



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 O problema de pesquisa .....</b>	<b>23</b>
<b>1.2 Objetivo geral.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 Objetivos específicos .....</b>	<b>24</b>
<b>1.4 Plano da obra .....</b>	<b>25</b>
<b>2 O UNIVERSO DAS REDES ORGANIZACIONAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 O termo “rede” e seus elementos de sustentação .....</b>	<b>27</b>
2.1.1 A interação na topologia da rede.....	28
2.1.2 Relações de confiança e reciprocidade.....	34
2.1.3 Os interesses compartilhados .....	40
<b>2.2 Tipos de redes.....</b>	<b>42</b>
2.2.1 Redes sociotécnicas.....	45
2.2.2 Redes sociais e seus laços .....	46
<b>2.3 Esquema de análise .....</b>	<b>48</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 O município de Jaguari - RS.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 A localidade do Chapadão e suas unidades produtivas.....</b>	<b>54</b>
<b>3.3 Etapas da pesquisa.....</b>	<b>62</b>
<b>4 RESULTADOS: A REDE SOCIOPRODUTIVA E SEUS ELEMENTOS .....</b>	<b>67</b>
<b>4.1 As organizações em torno da cadeia da uva em Jaguari.....</b>	<b>67</b>
<b>4.2 O contexto institucional e a produção do vinho informal .....</b>	<b>73</b>
<b>4.3 A influência das políticas públicas na formação da rede – “A experiência do PRORENDA”.....</b>	<b>79</b>
<b>4.4 Caracterização da rede Socioprodutiva do Chapadão.....</b>	<b>83</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>117</b>



# 1 INTRODUÇÃO

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.*

*Madre Teresa de Calcuta.*

Esta dissertação tem como objetivo compreender o processo de formação e sustentação da rede socioprodutiva das agroindústrias familiares de vinhos de Jaguari - RS, analisando os elementos que proporcionam a continuidade e sustentação desta rede em operação.

A importância desta pesquisa surge em um momento onde o setor público busca, a partir de organizações sociais (redes), fomentar o desenvolvimento dos territórios. A constituição de redes pode se dar partindo dos atores locais ou de cima para baixo, partindo de programas que visam desenvolver modelos de organização.

Neste sentido, a pesquisa torna-se importante para reconhecer em comunidades rurais quais são os elementos que servem como fortalecedores e sustentadores das relações em outros territórios. Compreende-se que tais elementos não estão isolados das relações produtivas locais, pois operam junto às relações de trabalho e relações em comunidade; por isto este estudo aborda as relações sociais dentro da cadeia da uva/vinho.

O local escolhido para a pesquisa foi o município de Jaguari, no estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente, na localidade do Chapadão. Esta localidade possui um histórico na cadeia produtiva da uva e vinho, mantendo os vitivinicultores no mercado local/regional, competindo com os vinhos da serra gaúcha.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Vinho (IBRAVIN, 2011), no Rio Grande do Sul, foram produzidos, em 2010, 461,07 milhões de litros de vinho, sendo que mais da metade deste total são de vinhos comuns, a partir de uvas de mesa. Este dado reforça a importância da produção vitivinícola para o município de Jaguari - RS.

O município possui 673,401 km<sup>2</sup> de área territorial e uma população de 11.473 habitantes, sendo que destes, 4.942 são considerados habitantes do meio rural. Segundo dados do IBGE 2012, a produção de fruticultura de Jaguari é liderada pela uva, que possui 138

hectares de área colhida, distribuídos em minifúndios, seguida da laranja com 109 hectares e o pêssego com 16 hectares.

O recorte analítico da pesquisa foi definido em função do número de agricultores familiares que produzem e processam uvas de mesa na região. Além disso, são agricultores que possuem um histórico de produção de vinhos deste 1888, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos trazendo mudas de videiras (MARCHIORI, 1999).

Nesta localidade ainda se mantém hábitos e costumes tradicionais tanto de produção quanto de vivência da cultura italiana, mantendo principalmente a produção de uva para a elaboração de vinho. Em função da quantidade de viticultores da região, no ano de 1932, um conjunto de agricultores se organizaram e fundaram a Cooperativa Agrária São José, no intuito de organizar a comercialização do vinho na região. Atualmente, esta cooperativa conta com sessenta cooperados que se dedicam à produção de vinhos de mesa, vinhos finos e sucos.

A comercialização da uva na região de Jaguari é canalizada, na grande maioria dos casos, para a Cooperativa Agrária São José, a qual possui uma capacidade de armazenamento em torno de 500 mil litros. Mas, pelo fato de existir uma tradição de produção de vinhos, principalmente na localidade do Chapadão, os agricultores continuam produzindo informalmente para o consumo familiar e os excedentes do produto são comercializados.

A amostra desta pesquisa são estes produtores de uva e vinho que possuem como principal canal de comercialização da uva a Cooperativa Agrária São José, mas que também elaboram seus vinhos e comercializam informalmente na propriedade.

Este estudo parte de um universo empírico onde um grupo de vitivicultores organiza-se no que está se denominando rede socioprodutiva e busca-se compreender quais são os elementos que sustentam este arranjo organizacional. Então, a rede, é o nível de análise objetivo deste estudo, o qual está centrado nos elementos que contribuem para a formação e sustentação desta rede em torno da atividade vitivinícola, os quais são denominados neste trabalho de elementos de sociabilidade<sup>1</sup>.

Conforme sinaliza a abordagem teórica escolhida, alguns elementos dão sustentação para uma rede no tempo e no espaço. Alguns deles podem ser a confiança, reciprocidade,

---

<sup>1</sup> O conceito de sociabilidade denota ações onde os indivíduos cooperam entre si, associam-se de forma lúdica, compartilham vivências, desenvolvendo ações práticas, diárias e rotineiras que beneficiam a todos do grupo (SHERER, WANEN, 1997). A sociabilidade pode ser interna, na dimensão do lar, e uma sociabilidade externa, voltada ao ambiente social para os amigos, as relações de trabalho. O conceito de sociabilidade supõe ações de interação com os demais. O desenvolvimento da sociabilidade ocorre onde as diferenças são neutralizadas levando a ações colaboração e reciprocidade favorecendo o coletivo (Dicionário de Ciências Sociais, 1986).

interação e compartilhamento de recursos humanos, financeiros (MORENO, 1962; GRANOVETTER, 1985; FRANCO, 2007, 2009; MIOR, 2008).

Granovetter cita a construção de laços fracos e laços fortes, dentro da concepção de relações dadas empiricamente como simples e rotineiras, por um determinado grupo social. São estes fortalecedores dos laços fracos como, por exemplo, o ato de almoçar e jantar juntos, atos de companheirismo e compartilhamento de diferentes recursos que fazem com que se criem mais conexões, formando canais para circulação de informação (GRANOVETTER, 1987).

Uma rede pode ser analisada por diferentes formas. Alguns autores optam por analisar a densidade das relações, que pode ser variável, ou seja, depende da frequência com que acontecem; a posição de alguns atores na rede pode ser mais central ou não, assim como a distância entre um ator e outro pode ser maior ou menor, afetando a posição de alguns atores na rede, que pode ser mais central ou não; esses aspectos acabam por refletir no padrão de interação dos membros da rede. Estas relações são apontadas por teóricos como configuradoras da rede e afetam o desenvolvimento socioeconômico onde estão inseridas (GRANOVETTER, 1987; WILKINSON, 2004; MIOR, 2005, 2006, 2008).

Neste contexto, torna-se importante constituir um marco referencial teórico para nortear as discussões dos resultados em função da amplitude da abordagem da temática das redes organizacionais e suas diversas aplicações. Considera-se que a Nova Ciência das Redes Sociais pode explicar o objeto empírico da pesquisa, não descartando a possibilidade do uso de outras abordagens sobre a temática de redes, como relatam outros estudos (GRANOVETTER, 1987; BALESTRIN, 2010; MARQUES, 2010).

Para dar subsídio à compreensão da organização destes vitivinicultores informais, partiu-se de alguns estudos já realizados. Tais estudos retratam a importância de determinados elementos para a formação de estruturas coletivas e, assim, a possível reprodução social no território. Entende-se que este grupo de agricultores organizados em uma espécie de rede, em torno da cadeia da uva e vinho, somente se mantém na atividade pela existência de elementos de sociabilidade entre eles.

Partindo das fontes mais antigas se tem o estudo de Mauss (1974), em que o mesmo aborda elementos como reciprocidade, solidariedade e confiança entre os atores como promotores de valores humanos e agenciadores de valores econômicos. No estudo o autor aponta tais elementos como sustentadores de relações entre os atores locais.

Robert Putnam (1996), em seus estudos no norte da Itália, trouxe os elementos de confiança e reciprocidade como forma de agregação social e manutenção do desenvolvimento social e econômico da região.

Alsones Balestrin (2005), em sua tese intitulada, *A dinâmica da complementariedade de conhecimentos no contexto das redes interorganizacionais*, mostrou que alguns elementos, entre eles, a reciprocidade, podem exercer influência na formação e no funcionamento de uma rede.

Rogério Anési (2009), em sua tese, buscou identificar as condições sociais e econômicas de desenvolvimento através do Capital Social, identificando os setores industriais da Região do Vale do Jaguari/RS. Anési, reforça em seu estudo a importância de reconhecer o tecido social e a capacidade de articulação e confiança como elementos importantes no processo de desenvolvimento mais endógeno.

Calgaro Neto e Diesel (2009), ao analisarem a organização de um grupo de piscicultores de Santa Maria – RS expõem a importância das relações interpessoais como sustentação da rede sociotécnica. Através dos princípios de sociometria caracterizaram os relacionamentos produtivos entre os membros da organização dos piscicultores, revelando uma estrutura que interage, mesmo que superficialmente, quanto às atividades técnicas. A pesquisa revela a importância de avaliar redes sociais pelo enfoque do mapeamento sociométrico ou topológico das redes, no sentido de compreender a dinâmica dos relacionamentos produtivos locais.

Marques (2010) em seu livro “Redes Sociais, Segregação e Pobreza” (2010) traz a discussão da importância das *redes pessoais* como um processo de diferenciação que pode levar à reprodução da pobreza ou não. Marques discute, em última instância, de que maneira os padrões relacionais influenciam na mobilidade de recursos que mantem a rede, expondo assim os elementos de confiança e coesão existentes no compartilhamento de interesses.

Guimarães (2011), em seu trabalho de tese, reporta-se a redes de trocas entre produtores da Quarta Colônia de Imigração Italiana – RS, as quais são classificadas pela autora como à Rede Estratégica de Abastecimento ao Turismo (REAT) e a Rede Informal de Abastecimento ao Turismo (RIAT), tendo em vista que a região possui características culturais da imigração italiana, sendo aproveitada turisticamente.

Com base em estudos já realizados, pode-se inferir que a temática de redes organizacionais é teoricamente interdisciplinar, trazendo para constituição de um referencial de análise, o encontro de algumas correntes teóricas. Neste sentido para explicar a formação e sustentação da rede de vitivinicultores informais da região do estudo, que aqui chamar-se-á de

**Rede Socioproductiva**, foram utilizadas as abordagens da Nova Ciência das Redes Sociais e conceitos da sociologia econômica.

Partindo do entendimento de que organizações em rede podem ser analisadas por diferentes dimensões, como econômico-financeira e sociocultural, utilizou-se, para interpretar o fenômeno empírico, a Nova Ciência das Redes Sociais no intuito de compreender a organização em rede do Chapadão e quais elementos são importantes para sua formação e sustentação.

Dentro destas dimensões elencou-se as categorias de análise, as quais deram aporte para avaliar a formação e sustentação da rede socioproductiva. Na dimensão sociocultural e econômico financeira, a confiança, a interação a reciprocidade e o interesse em recursos financeiros e humanos podem ser encontradas, em maior ou menor grau de intensidade nas relações da organização.

### **1.1 O problema de pesquisa**

As organizações há muitos anos são estudadas e se transformam com o passar do tempo, conforme a realidade socioeconômica e socioambiental onde estão inseridas, se reestruturando ou se adaptando. As organizações em rede tem sido alvo de pesquisas no sentido de compreender sua forma e complexidade.

Para Souza (2012), as organizações são objetos variados, podendo ser simploriamente caracterizadas como “grupos de indivíduos com um objetivo comum” que poderiam ser compreendidos também como tendo indivíduos com identidades socioculturais e socioprofissionais semelhantes.

Organizações são grupos de indivíduos que têm interesses comuns, julgam que as ações individuais desorganizadas são menos eficientes que a ação coletiva destinada a contemplar seus interesses e atuam, sob certas circunstâncias, de maneira coordenação (SOUZA, 2012, p. 25).

Partindo da ideia de que rede é um tipo de organização, então analisou-se o grupo de vitivinicultores do Chapadão - Jaguari como organização em rede, por possuírem alguns objetivos comuns e interesses compartilhados, gestão descentralizada, reciprocidade entre os membros, os quais permite definir este grupo como uma organização em rede. Embora não sendo uma organização institucionalizada formalmente, mas uma organização onde se compartilham ações comuns em torno da cadeia da uva e vinho.

A importância desta pesquisa surge em um momento onde o setor público busca, a partir de organizações grupais (redes), fomentar o desenvolvimento dos espaços rurais. Tendo em vista que atualmente os esforços do setor público no segmento de fomento às agroindústrias familiares rurais estão voltados à constituição de redes, é necessário entender como estas organizações se formam e se sustentam, pois no afã de capitanear recursos financeiros, essas organizações podem ser constituídas sem base de sustentação, por ausência de cultura cooperativa e ou colaborativa, o que pode vir a resultar em desperdícios de verba pública, e ainda frustrações por parte dos agricultores quanto ao desenvolvimento local.

Neste sentido a pesquisa torna-se importante para identificar em comunidades rurais elementos de sociabilidade que servem como fortalecedores das relações em outros territórios com os quais tenham afinidades produtivas, proporcionando o desenvolvimento do rural. Busca-se saber então, quais são os elementos de sociabilidade que dão sustentação para as relações da rede socioprodutiva dos vitivinicultores do Chapadão.

Esse caso analisado não é um tipo especial de organização informal em rede, tendo em vista que todas as organizações em rede possuem elementos que as sustentam no tempo e no espaço como mostram outros estudos já citados. Esses elementos estarão presentes, em maior ou menor grau de intensidade nas redes. Mas o que a presente investigação busca saber é, dentre os elementos de sociabilidade, quais são os elementos presentes nesta rede socioprodutiva de Jaguari, os quais permitiram a formação desta e que tem garantido sua sustentação ao longo do tempo.

## **1.2 Objetivo geral**

Compreender as características das relações colaborativas e a rede socioprodutiva das agroindústrias familiares rurais de vinho artesanal do Chapadão - Jaguari - RS.

## **1.3 Objetivos específicos**

Caracterizar socioeconomicamente as atividades produtivas da localidade do Chapadão no município de Jaguari - RS.

Identificar quais as relações colaborativas se fazem presentes no estudo de caso.

Descrever as relações colaborativas entre os vitivinicultores informais do chapadão representando-as graficamente através de sociogramas.

Avaliar a presença dos elementos de sociabilidade nas relações colaborativas dos vitivinicultores.

Verificar como os elementos de sociabilidade influenciam na sustentação da rede.

#### **1.4 Plano da obra**

O plano da obra é uma sessão importante para nortear o leitor da ordem cronológica e teórica da pesquisa, durante a consulta. Neste sentido, o texto apresenta cinco capítulos.

O **primeiro capítulo** da presente dissertação presta-se a apresentar a pesquisa, trazendo o problema de pesquisa, os objetivos do trabalho e o marco referencial teórico utilizado.

No **segundo capítulo** são abordados os elementos teóricos para explicar a rede socioprodutiva em questão. Buscou-se discernir do universo das redes sociais, as terminologias características do estudo das redes sociais para assim auxiliar na análise.

No **terceiro capítulo** são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Este capítulo traz a apresentação do município sede da pesquisa e da localidade do Chapadão, assim como a contextualização das suas características naturais e socioeconômicas.

No **quarto capítulo** são apresentados os resultados do trabalho empírico trazendo o contexto institucional da região de pesquisa, as organizações de relevância que circundam a região e também as políticas públicas de fomento às organizações associativas locais. Este capítulo traz um breve histórico das barreiras legais para a produção artesanal de vinhos no contexto da agricultura familiar, no intuito de uma melhor compreensão do desenvolvimento rural da região. São apresentados os resultados da pesquisa, trazendo a discussão dos elementos de sociabilidade presentes na rede e a estrutura topológica da rede socioprodutiva nas dimensões sociocultural e econômico-financeira.

O **quinto capítulo** trata das considerações finais, trazendo a importância dos resultados encontrados para futuras pesquisas apontando as limitações conceituais teóricas e metodológicas do trabalho. Traz reflexões no sentido de que os agentes de extensão rural devem olhar para organizações em rede no intento de descobrir quais são os elementos que podem facilitar a formação e sustentação das mesmas, objetivo primordial desta pesquisa.



## 2 O UNIVERSO DAS REDES ORGANIZACIONAIS

*“A teoria também se converte em graça material uma vez que se apossa dos homens.”*  
Karl Marx.

### 2.1 O termo “rede” e seus elementos de sustentação

O termo “rede” carrega uma pluralidade de contextos e formas de interpretação, pois rede, na atualidade, principalmente em função das redes sociais cibernéticas, popularmente vulgarizadas como redes sociais, apresenta um uso banalizado para tratar de interações entre pessoas e ou conexões entre pessoas na vida real. Esta seção tem a finalidade de clarear as formas que estão sendo dadas à rede e como se pretende utilizar o termo nesta pesquisa.

A rede social, do ponto de vista genérico, é uma estrutura flexível formada por um conjunto de pessoas ou organizações, as quais estão ligadas ou conectadas por algum tipo de relação, compartilhando interesses e normas, recursos, valores, objetivos comuns. Esta estrutura dinâmica permite configurar-se e reconfigurar-se rapidamente (CASTELLS, 1996; MIOR, 2005; FRANCO, 2009; MARQUES, 2010).

Neste sentido, as redes sociais podem operar em diferentes dimensões e por isto o conflito de tantos codinomes como rede de relacionamentos, redes profissionais, redes comunitárias, redes políticas, redes colaborativas, redes sociotécnicas, redes técnico-econômicas, redes temáticas, entre tantas. O objetivo de tantos nomes é analisar em diferentes níveis, como os sujeitos ou as organizações interagem para desenvolver determinadas atividades.

Os variados nomes das redes sociais comungam de um ponto em comum, todos compartilham informações, conhecimentos, interesses e esforços em torno de objetivos comuns (FRANCO, 2009).

O termo rede atualmente também é utilizado em várias áreas da ciência, passando pelas sociais, até as exatas (rede elétrica), e ciências da computação (redes de computadores) entre outras. A significação do termo rede é muito generalista, sendo sua origem do latim *rete*, que significa “rede” ou “teia” pelo fato de assemelhar-se a teia fabricada pela aranha, onde existem pontos de interseção entre linhas. Estes pontos de interseção são chamados de *nós* ou

*nodos* e eles interligam diferentes componentes que travam relações, no caso de rede sociais, através de *linhas* que são chamadas de conexões (BARAN, 1964; FRANCO, 2009).

O termo rede é utilizado por vários autores e de formas distintas, mas em sua maioria o elo, está em compreender rede como uma *interação/conexão* entre dois pontos ou mais. Estes pontos podem ser pessoas, entidades, instituições, organizações, animais. Uma das formas de diferenciar organizações é pela sua topologia, a qual pode ser entendida como a posição de aproximação ou afastamento que os membros ocupam na organização (FRANCO, 2009).

A topologia pode ser hierarquizada ou em rede. Sendo que, por rede, entende-se uma organização de pessoas em um processo de interação, motivadas por elementos que sustentam esta rede (FRANCO, 2009). Nesta pesquisa trabalhou-se a organização sobre os princípios da topologia, no intuito de representar a configuração da rede sob as diferentes dimensões socioculturais e financeiras.

As relações colaborativas estão baseadas em alguns elementos, os quais são considerados chaves para a perpetuação deste arranjo no tempo e no espaço. Tais elementos são apontados como de sustentação das relações em diferentes dimensões no interior da organização. A interação, a confiança, a reciprocidade e alguns interesses compartilhados, são elementos de sociabilidade que, em certo grau, podem determinar a permanência da rede (MAUSS, 1974; PUTNAN, 1996; WILKINSON 1999; MURDOCH, 2000; MIOR, 2008; BALESTRIN, 2010; SILVEIRA et al., 2013).

### 2.1.1 A interação na topologia da rede

Nesta seção pretende-se demonstrar a importância da interação para a organização em rede, abordando a discussão a partir da Nova Ciência das Redes Sociais, buscando-se apresentar a forma como pode ser interpretada através da topologia da rede. Para melhor explicar a influência da interação na organização, a Nova Ciência das Redes Sociais se utiliza dos princípios da topologia.

Em 1964, Paul Baran tipificou três estruturas topológicas para tratar de redes de comunicação: a centralizada, a descentralizada e a distribuída. Segundo o autor, a primeira configura-se numa estrutura com um nodo central de importância superior aos demais do seu entorno, sendo este nodo central imprescindível para a configuração desta organização, ou

seja, se eliminado a rede é desestruturada. Numa estrutura centralizada o poder está concentrado no nodo principal da organização, reduzindo assim o nível de distribuição desta. Para Franco (2009), o poder obstrui, separa e desconecta a organização em rede.

Das três topologias apresentadas por Baran (1964), a distribuída, é considerada como o tipo ideal de rede, por isso considerando-se como distribuída uma rede com até 50% de distribuição. A configuração descentralizada ou de multicentros, possui mais de um nodo central, formando uma organização com mais de um centro. É como se fossem várias configurações centralizadas, interligadas pelos nodos centrais. Esta configuração é a mais encontrada nas organizações com níveis de hierarquização e burocratizadas. A maioria das organizações da atualidade possui esta topologia, vide item (B) da Figura 1 (FRANCO, 2009).

Já, na configuração distribuída, todos os nodos possuem a mesma importância entre si, e a eliminação de um dos nodos não é desestruturante, como na configuração centralizada e descentralizada, pois a informação se distribuiu mais facilmente, por existirem várias possibilidades de caminhos dentro da rede (FRANCO, 2009).

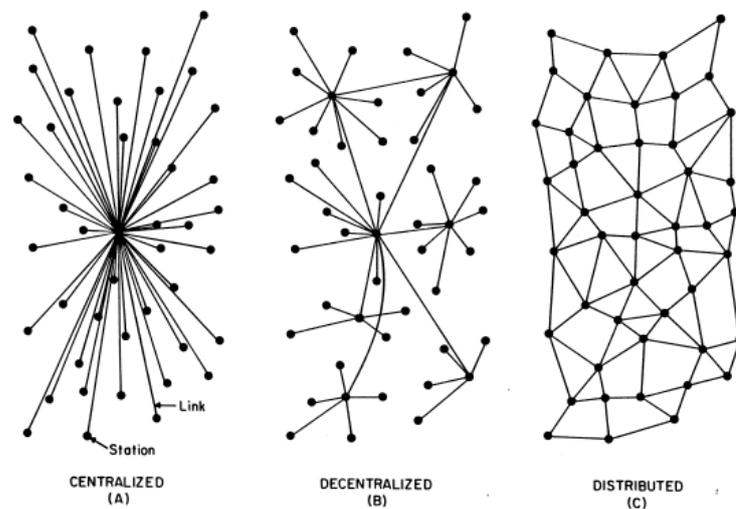


FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Figura 1 – Modelo de topologias de rede

Fonte: Franco (2009).

Rede social já era descrita há cerca de um século atrás, designando um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social, isto em diferentes dimensões, desde redes interpessoais até redes internacionais. Em 1990 surge a Nova Ciência das Redes

Sociais, no sentido de explicar organizações mais flexíveis, em processo de transformação quanto sua burocratização e hierarquização (FRANCO, 2009).

A organização em rede, por sua forma organizacional, é tida como complexa e de certa forma instável. Uma rede se forma no sentido de superar a dinâmica das relações tradicionais caracterizando-se pela sua densidade e amplitude. A densidade refere-se ao número de conexões, laços ou vínculos entre os membros da rede. Já, a amplitude, refere-se graficamente ao número de nodos que representa os membros da rede, então, quanto mais nodos mais ampla a rede, ou seja, amplitude refere-se ao tamanho da rede (FRANCO, 2009; MARTINHO, 2010).

Alguns autores da sociologia econômica discutem a centralidade do membro da rede e a importância deste na configuração da mesma. Mizuchi (2009), considera na análise de redes, conexões em tríade fechada e hierárquica. Para ele, uma tríade fechada, conforme mostra a Figura 2, proporciona coesão na rede determinando uma rede positiva onde os membros da rede possuem vínculo entre si. Uma tríade hierárquica se dá onde existe um membro interlocutor, ou corretor, como denomina Mizuchi (2009), sendo que um laço entre os membros A e B impede qualquer laço entre os membros A e C". Ter um interlocutor nas relações da rede denota uma rede negativa (BONACICH, 1987; MARSDEN, 1987; MIZRUCHI, 2010).

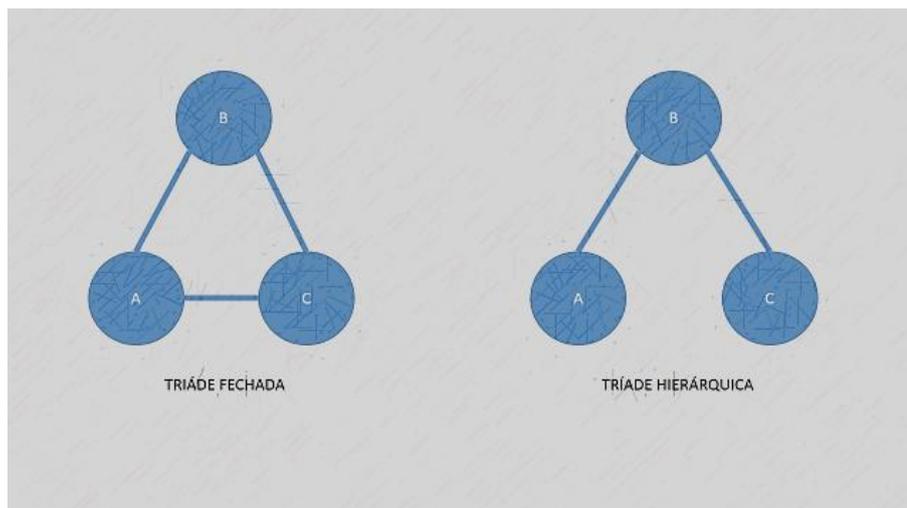


Figura 2 – Dois tipos de tríades

Fonte: Organizado pela autora a partir de Mizuchi (2009).

Marques (2010), ao analisar as redes sociais da periferia de São Paulo, utiliza o termo *cliques* para as tríades fechadas, onde os membros possuem maior reciprocidade para compartilhar ações dentro da organização.

A Nova Ciência das Redes é uma ciência contemporânea, mas considera que redes sociais sempre existiram. No entanto, esta Ciência busca desenvolver o estudo de três segmentos: análise de redes, redes como estruturas que se desenvolvem e sistemas dinâmicos complexos. Ela trata de explicar alguns fenômenos que ocorrem há muitos anos na forma de organização dos seres humanos, como os ‘*clusters*’, entendidos como uma tendência de formação de aglomerados, independente da vontade, partindo de ações colaborativas e cooperativas (FRANCO, 2009).

Ações colaborativas e cooperativas são terminologias frequentemente utilizadas no estudo de redes sociais, as quais, neste trabalho, são utilizadas no intento de explicar o fenômeno empírico observado.

[...] ações colaborativas, compreendidas aqui como aquelas em que os atores possuem objetivos e interesses diferentes, mas que colaboram mutuamente na busca de vantagens a ambos. Diferencia-se aqui, colaboração de cooperação, pois esta última pressupõe a existência de objetivos comuns a perseguir. Assim, pode-se conceber que cada ator tem sua especificidade, seu papel dentro do campo organizacional e sua ação interfere positivamente (ação colaborativa) ou negativamente (ação disjuntiva) no comportamento dos demais (definição de estratégias de posicionamento no campo) (SIVEIRA, GUIVANT, 2010, p. 11).

A colaboração está baseada em processos de ajuda, auxílio, trabalho conjunto, mesmo não tendo, por vezes objetivos e interesses comuns, mas sim uma busca por vantagens a ambos, onde cada ator membro da organização exerce um papel interferindo positivamente para o todo, ou seja, mantendo relações colaborativas.

A Nova Ciência das Redes Sociais busca explicar também o ‘*swarming*’ como um comportamento coletivo descentralizado e autogestionado, como se fossem bandos de pássaros organizadamente em uma inteligência coletiva. Outro fenômeno analisado pela Nova Ciência de Redes Sociais é o ‘*mundo pequeno*’, ou em inglês “*small world phenomenon*”, denota a aproximação social que uma rede bem distribuída possa ter, ou seja, com muitas conexões (FRANCO, 2009).

Uma rede pode se configurar de muitas formas. Paul Baran (1964) fez uma classificação com três tipos de formas organizacionais de rede (centralizada, descentralizada e distribuída). Esta topologia permanece como base para estudos na atualidade, gerando os mapas sociológicos ou sociogramas, que são instrumentos de representação das interações, importantes para a análise de redes (FRANCO, 2009).

As organizações em rede possuem configurações diferentes, conforme a posição dos nodos (pontos) e das linhas, as quais determinam sua topologia, conforme mostra a Figura 1. Cada nodo é correspondente a um ator, ou uma pessoa, e a linha que liga dois nodos é chamada de conexão. Na figura 1, os nodos estão situados no mesmo local nas três representações (centralizada, descentralizada e distribuída) o que leva a perceber a dinamicidade de uma organização, que consegue se adaptar e transformar-se mais facilmente diante das modificações que o meio impõe (FRANCO, 2009; MORENO, 1962).

A topologia mais encontrada nas organizações atuais é o diagrama (B), hierarquizado, com multicentros, onde não há apenas um centro conector. As organizações descentralizadas estão buscando horizontalizar determinados setores, na busca de inovação e de rapidez, para atender as demandas do mundo globalizado.

No diagrama (B), os relacionamentos entre centros necessitam sempre passar pelo nodo central, sendo assim, as informações de um nodo qualquer de um centro precisam passar pelo nodo central do seu centro e, posteriormente, do outro centro, para assim chegar no nodo de destino, são tríades hierarquizadas. Diferentemente, no diagrama (C) que apresenta relacionamentos mais diretos, todos os nodos tem a possibilidade de trocar informações diretamente com outros nodos, sem hierarquizar a dinâmica da organização (FRANCO, 2009; MIZRUCHI, 2010).

Uma rede social inicia a partir da conectividade. É na interligação entre seus nodos, os quais são as pessoas que fazem parte da rede, que se transformará em uma organização, não havendo, segundo Franco (2009), uma forma organizacional prévia.

A rede se estrutura e se torna uma organização conforme vão ocorrendo conexões que são mais importantes para a organização que para os próprios componentes da rede. Essa capacidade de conectividade é uma construção de elos, ou laços para Mark Granovetter, sendo que a Nova Ciência das Redes traz as conexões ou elos como de extrema importância na constituição da rede. Pessoas organizadas em rede distribuída não atuam em um ambiente hierarquizado, onde existem diferentes níveis decisórios e diferentes níveis de poder (FRANCO, 2009).

Uma rede necessita de um conjunto de ações que fomentem a continuidade da participação, que dê combustão para as dinâmicas de conexão e interação entre os indivíduos da rede. Martinho (2010) chama essa ação de animação, como sendo tudo que promove a participação, mudando assim a interação na rede, pois nem todos os indivíduos tem o mesmo nível de participação (MORENO, 1969). No mapeamento da rede são identificados os indivíduos participantes como ativos, isolados e periféricos. Os ativos, são aqueles que

interagem e participam mais ativamente das ações da organização, os isolados são aqueles indivíduos que não participam das ações e os periféricos são aqueles que não participam efetivamente das ações da organização mas se utilizam do fluxo de informações da rede da qual são integrantes (MORENO, 1969; CALGARO NETO, DIESEL, 2009).

A organização em rede parte de pessoas interagindo em torno de determinado fim comum, para tal espaços de conversação, onde os indivíduos possam se encontrar física ou virtualmente, são catalizadores de redes. Um exemplo para o meio rural são os clubes de comunidade, a igreja, as festas culturais gastronômicas, os jogos, entre outros. Estes espaços são vitais para que vínculos de afeto entre os indivíduos se estabeleçam, a relação face-a-face ainda é importante para a geração de interação nas relações e, principalmente, para formação de redes no meio rural (MARTINHO, 2010).

Neste sentido, o processo de comunicação e mediação de agentes de extensão rural quando trabalhados estes espaços de conversação fomentam a organização em rede na promoção de encontros presenciais, na troca de ideias e experiências. O fato de estar reunido, onde os participantes da rede possam ter a oportunidade de estabelecer contatos, de conversar e se reconhecer no outro, auxilia o processo de entendimento de diferenças criando a possibilidade de vínculos afetivos (MARTINHO, 2010).

O pressuposto para a interação da rede é a existência de interesses coletivos, o participante tem seus objetivos individuais, mas comunga de alguns objetivos grupais que podem ser de diversas naturezas ou dimensões. Podem se tratar de interesses econômicos, financeiros, sociais, culturais, ambientais, entre outros (CALGARO NETO, DIESEL, 2009).

O pressuposto básico da rede é que a união de esforços individuais criará um conjunto mais forte do que a mera soma dos esforços individuais, ocorrendo sinergia. À medida que os atores trocam informação e compartilham capacidades, a rede se torna mais poderosa e os processos fluem melhor por ela (MARTINHO, 2010, p. 6).

Uma organização em rede nasce a partir do momento em que um determinado grupo identifica entre si uma “capacidade de projeto comum”, de um interesse compartilhado, e parte de dois pressupostos: identificar os parceiros, em geral homofílicos<sup>2</sup>, e a definição do projeto em comum (MARTINHO, 2010).

Rogers (1966, 2003), na teoria de difusão de inovações, trabalha com a ideia da interação de forma diferenciada, apontando a interação entre indivíduos com semelhanças

---

<sup>2</sup> Indivíduos que apresentam semelhanças entre si.

entre si, trazendo o termo homofilia para a discussão. A homofilia pode ser em maior ou menor grau e trata-se de uma transferência de ideias entre a fonte e o indivíduo receptor, a partir de uma medida de semelhança entre atributos sociais e culturais que geram uma agregação em torno de interesses comuns. A heterofilia é um antônimo da homofilia, onde os indivíduos possuem extratos culturais e sociais distintos, gerando dificuldades de comunicação e interação.

De fato, a interação é um elemento fundamental para rede, ela é parte da caracterização de uma rede, pois é a partir da interação que se agrupam os elementos presentes na rede. Então, só se consegue identifica-la após existir relações de confiança, reciprocidade e alguns interesses compartilhados.

### 2.1.2 Relações de confiança e reciprocidade

Para este trabalho, busca-se compreender a confiança nas relações sociais e como que ela influencia nas atividades socioprodutivas dos vitivinicultores do Chapadão. Buscou-se através de outros estudos trazer, a importância deste elemento nas relações socioprodutivas, pois com a entrada de instrumentos institucionalizadores e com o distanciamento das relações face a face, perde-se a segurança no outro.

O fio do bigode e o aperto de mão, na maior parte das negociações atuais, já não são mais as formas de acerto preponderantes. Cabe, nesta seção, discutir a confiança nas relações sociais no intuito de dar base para discutir como este elemento pode estar alicerçando as redes. Utilizou-se de abordagens de Granovetter (1987, 2003), autor moderno da sociologia econômica e de Giddens (1991), um autor pós moderno. Tendo ciência que são autores que discutem questões distintas, optou-se por entender que ambos trazem alguns conceitos para o estudo de redes que, portanto podem contribuir no contexto desta pesquisa.

Confiança, nos últimos tempos, tem se apresentado em vários âmbitos de estudo, na economia, na psicologia, na administração, nas ciências sociais, entre outros. O termo tem sido utilizado em ações que remetam a geração de expectativa no outro, ou numa situação, passando até por um índice, onde a confiança pode estar em baixa, ou em alta.

Granovetter (2003) ao tratar o termo confiança, a contrapõe com a má fé, englobando as questões de oportunismo, moral e honestidade. Entende a confiança generalizada como o desenvolvimento de acordos implícitos de respeito pelo próximo, os quais são fundamentais

para a propagação da sociedade e indispensáveis para o seu funcionamento. O autor aponta a existência de uma moral generalizada, que pode ser positiva ou negativa, às negociações. Positiva quando vincula confiança a uma força, e negativa, quando vinculada à má-fé, à desconfiança, ao oportunismo. A essa moral generalizada, Giddens (1991), chamou de sistemas abstratos ou compromissos sem rosto. O autor discute a ideia de compromissos com rosto e compromissos sem rosto, como sendo:

Os primeiros, se referem a relações verdadeiras que são mantidas por, ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de copresença. Os segundos, dizem respeito ao desenvolvimento de fé em fichas simbólicas ou sistemas peritos, os quais, tomamos em conjunto, devo chamar de sistemas abstratos (GIDDENS, 1991, p. 92).

Para Granovetter (2003, p. 82) a confiança é um elemento organizador da estrutura, pelo fato de entender que “a desordem e a má-fé acontecem obviamente na ausência de relações sociais” sendo que as principais responsáveis pela produção de confiança são as relações sociais em determinado tempo e espaço. Mas, nem sempre as relações sociais geram confiança, podem gerar conflitos e desconfiança.

As questões relacionais que envolvem confiança vão além de parâmetros objetivos, pois envolvem sentimentos. “Nas relações pessoais, é do conhecimento geral que ‘se magoa sempre a pessoa que se ama’; a confiança que nos é depositada por outra pessoa coloca-a numa posição muito mais vulnerável que a de um desconhecido” (GRANOVETTER, 2003, p. 80).

Quanto maior for a confiança, maior a possibilidade de ganho dos actos de má-fé. O facto dessas situações serem estatisticamente improváveis deve-se à força das relações pessoais e da reputação. O facto delas, apesar de improváveis, ocorrerem com uma certa regularidade demonstra os limites dessa força (GRANOVETTER, 2003, p. 80).

O autor se refere à susceptibilidade que existe nos sujeitos quanto ao uso da confiança. Talvez seja um dos motivos de muitas organizações se balizarem por contratos bem definidos, em função do grau de periculosidade que está por trás do ato de confiar. Para Granovetter (2003, p. 81), *“as relações pessoais podem originar situações de enorme confiança mas também dar azo a enormes atos de má-fé”*.

Granovetter exemplifica, através da transação de diamantes, que a circulação de informação permite a produção da confiança ou desconfiança: *“[...] negociantes criam padrões de comportamento claramente definidos e facilmente controlados pela rápida circulação de informação acerca dos casos de má-fé”* (GRANOVETTER, 2003, p. 81).

Giddens (1991, p. 41), um autor que faz uma releitura da confiança no contexto em que se vive as consequências da modernidade, considera confiança próxima à crença com a sutil diferença que a confiança oferece risco e a crença não abre espaço para pensar no risco. A confiança está no ato de querer negociar “*com indivíduos de conhecida reputação*” mas “*a confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença. Tanto a confiança como a crença se referem a expectativas que podem ser frustradas ou desencorajadas*”.

Confiar consiste em considerar, conscientemente, as alternativas para seguir em frente com uma ação esperando não ter motivos para duvidar. O indivíduo que não faz considerações está numa situação de crença. Numa relação de confiança, enquanto não houver motivos para desconfiar, existem motivações para continuar fazendo trocas em diversas dimensões, mas toda a confiança tem um certo grau de *cegueira* (GIDDENS, 1991).

Giddens (1991, p. 43) ao elencar alguns aspectos sobre as relações de confiança, cita a relação existente entre a confiança e proximidade dos indivíduos, ou sua ausência, no tempo e espaço. Para ter conhecimento das ações de um indivíduo qualquer, precisa-se conhecê-lo, estar espacialmente perto em determinado tempo. Neste sentido, a confiança está diretamente relacionada a períodos de tempo em determinados locais que, na atualidade, podem ser ambientes virtuais também. Nestes últimos, o grau de risco é maior, mas existe uma moral generalizada que pode ser observada.

Os relacionamentos de longo prazo proporcionam a confiabilidade que Giddens (1991, p. 95) aborda, podendo ser “*aquela estabelecida entre indivíduos que se conhecem bem e que, baseados num relacionamento de longo prazo, substanciaram as credenciais que tornam cada um fidedigno aos olhos do outro*”.

É de pensar, a dificuldade de manter a confiança quando se convive mais e existe a possibilidade de se aproximar mais dos erros do outro, assim como de aumentar o grau de confiança por se aproximar dos acertos gerando mais créditos, ou seja, confiabilidade. Giddens (1991, p. 98) exemplifica que “*os pacientes não tenderiam a confiar implicitamente numa equipe médica se tivessem pleno conhecimento dos enganos que são feitos nas enfermarias e mesas de operações*”.

“*A confiança está basicamente vinculada, não ao risco, mas à contingência*” este aspecto citado por Giddens (1991, p. 44) mostra a complexidade das relações que envolvem confiança, pois confiar envolve certos riscos, mas está mais vinculado aos tipos de situações e à ausência do período de interação em determinado espaço, do que propriamente ao risco que

se corre. Embora que quem confia sempre tem um risco aceitável, pois “*risco e confiança se entrelaçam*”.

Confiança para Giddens pode ser definida como:

[...] crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico) (GIDDENS, 1991, p. 44).

Marques (2010, p. 158) observa que a confiança possui variantes no tempo e no espaço em virtude da reciprocidade e intimidade, facilitando ou não os padrões relacionais. Para o autor, a confiança consiste na “*segurança no cumprimento das expectativas de uma dada relação, quaisquer que sejam essas expectativas*”. Giddens (1991, p. 44) ao discutir segurança, a entende, “*como uma situação na qual um conjunto específico de perigos está neutralizado ou minimizado*”.

Mior (2005) faz uma analogia da confiança com a rastreabilidade ao tratar de confiança como um elemento de sustentação de redes. A rastreabilidade é uma forma de garantir que determinadas etapas vão transcorrer de determinado modo, permitindo que o produto final tenha características muito próximas. E a confiança, para o autor, torna-se sinônimo de rastreabilidade, por entender que é uma segurança de que o retorno será de acordo com as expectativas. “*Isso que é rastreabilidade. Todos os elos numa mesma linguagem. Eu acho que confiança é a palavra que eu diria que seria o sinônimo de rastreabilidade, que muitas vezes pode se perder se não utilizar ela dessa forma*” conforme Mior (2005, p. 300).

Marques (2010, p. 158), ao tratar de confiança em sua tese, supõe três tipos e leva em consideração, em função de resultados de sua pesquisa, a homofilia, onde “*confia-se em quem tem atributos (ou comportamentos) similares*”. Mas entende que há diferentes expectativas que acabam por regular as situações de confiança, gerando tipos distintos de confiança, as quais ele intitula: pessoal, profissional e política/associativa.

Para o autor, a confiança pessoal está vinculada à intimidade, confidências, e segurança do ego. A confiança profissional “*diz respeito à segurança que um determinado ego tem de que seus contatos vão cumprir as regras pactuadas em atividades profissionais*” (MARQUES, 2010, p. 158). Giddens (1991), complementa que a confiança também está vinculada ao conhecimento técnico e confia-se muito mais em quem tem o conhecimento técnico para determinada ação do que num leigo no assunto. Isso implica diretamente nas

relações de confiança de uma rede socioprodutiva. Segundo o autor, *“a ignorância, entretanto, sempre fornece terreno para o ceticismo ou pelo menos cautela”*.

A confiança profissional e a política/associativa são as que mais intervêm na estruturação da rede que se busca analisar neste trabalho.

A confiança política/associativa, no trabalho de Marques (2010), apareceu em menor frequência, mas, para este trabalho, pode vir a ser a mais significativa. Configura-se na *“segurança de que os seus companheiros cumprirão os pactos estabelecidos no desenvolvimento de atividades e no estabelecimento de alianças e disputas políticas”* (MARQUES, 2010, p. 158). Está vinculada também a ideais comuns, um tipo de homofilia de ideias associada à similaridade de posicionamentos políticos (MARQUES, 2010, p. 171).

Discutir confiança traz indagações do que é a desconfiança, as quais, nas relações sociais, não podem ser tratadas simples e puramente como o contrário da confiança, pois torna-se mais ampla, mesmo que em algumas circunstâncias poder-se-ia dizer como o contrário.

O termo “desconfiança” se aplica mais facilmente quando falamos da relação de um agente com um sistema, indivíduo ou tipo de indivíduo específico. No que toca sistemas abstratos, desconfiança significa ser cético a respeito, ou ter uma atitude ativamente negativa para com as reivindicações de perícia que o sistema incorpora (GIDDENS, 1991 p. 112).

A confiança e/ou a desconfiança são construídas nas relações contingencialmente no tempo e espaço, onde o espaço torna-se importante. Giddens (1991, p. 100) argumenta a importância de locais que são fomentadores de confiança em função da interatividade que promovem. A estes locais ele chama de pontos de acesso *“são pontos de conexão entre indivíduos ou coletividades leigos e os representantes de sistemas abstratos. São lugares de vulnerabilidade para os sistemas abstratos, mas também junções, nas quais a confiança pode ser mantida ou reforçada”*.

Reforçando a ideia de construção de confiança no tempo e espaço, Giddens (1991), destaca a rotina como uma forma de segurança no mundo contemporâneo:

A previsibilidade das rotinas (aparentemente) sem importância da vida cotidiana está profundamente envolvida com um sentimento de segurança psicológica. Quando tais rotinas sofrem alteração – por quaisquer razões – a ansiedade transborda, e mesmo aspectos muito firmemente alicerçados da personalidade do indivíduo podem ser afetados e alterados (GIDDENS, 1991, p. 110).

As relações de confiança que se estabelecem no tempo e no espaço, a partir de determinada rotina permitem que ocorram interação e vice-versa. Esses dois elementos

confiança e interação, tornam-se importantes para a sustentação de uma organização em rede e, aliados à reciprocidade, fortalecem a estrutura organizacional.

Segundo Tesch (1999) a existência de uma rede predispõe reciprocidade e ocupa um peso especial na manutenção. A partir da reciprocidade existente ocorrerão ações subsequentes, pois ela desperta a confiança, assim os produtores rurais se conectarão de alguma forma, ou por estrutura (equipamentos), ou parentesco, vizinhança, amizade, associações, cooperativas, entre outras.

Neste sentido a ideia de Mauss (1974) ao tratar do termo reciprocidade, em que o mesmo diz que é um ato de *dar* de forma generosa e gratuita, de *receber* e de *retribuir*, formando um processo de solidariedade, ajuda mútua, fortalecendo a confiança. Neste ato de dar existe mais que uma mera troca, pois existe todo um simbolismo presente que reforça valores humanos além dos valores econômicos envolvidos.

Conforme analisa Tesch (1999), as relações sociais de reciprocidade influenciam de forma determinante nas estruturas formais (associações, cooperativas), as quais possuem normas e regras, ou seja, de nada valem as regras se nas relações pessoais existem conflitos capazes de gerar a desagregação do grupo ou associação. O autor cita ainda que diversos grupos se extinguem com bons rendimentos econômicos pela falta de reciprocidade nas relações entre seus membros. Do contrário, grupos informais se perpetuam compartilhando interesses, pelo fato de construírem atributos de reciprocidade, confiança e interação entre seus membros.

O tempo é um fator importante para reciprocidade, pois ela não pode ser imediata mas também não pode ser postergada por muito tempo. De acordo com Bourdieu (1996), o período de tempo é importante. O ato de retribuir quando ocorre em um período de tempo muito longo entre as ações pode tencionar a relação se o período entre o dar e o receber for muito grande, pode-se gerar certa desconfiança e desencadear conflito nas relações sociais, principalmente em casos de relações muito recentes. Se for uma retribuição imediata pode quebrar o vínculo que ocorre com o tempo, ou seja o tempo pode manter ou romper com a reciprocidade (CAILLÉ, 1998; TAVARES, MELLO, 2006).

Mas a reciprocidade e a confiança estão muito próximas, pois na reciprocidade existe uma certa confiança de que o outro irá cumprir com as expectativas, irá retribuir a fim de manter sua reputação, tanto para o outro, quanto para os demais que se relaciona. Mas vai além, pois é uma troca permanente de bens e serviços em determinado espaço, é como uma norma tácita, dando uma dinâmica de obrigatoriedade nas relações entre os membros de um

grupo quanto ao ato de *dar, receber e retribuir* (MAUSS, 1974, 1999; TAVARES, MELLO, 2006).

A reciprocidade é a maneira pela qual as relações sociais são estabelecidas e mantidas, ao *dar* algo se inicia o estabelecimento de uma relação, ou seja a construção de um laço, para esta relação se estabelecer realmente é necessário o outro receber, assim estará aceitando a relação, e ao retribuir está mantendo o elo relacional (MAUSS, 1974, 1999; TAVARES, SABOURIN, 2003; MELLO, 2006).

Sabourin (2003) compreende que há motivos para que ocorra reciprocidade, pois ninguém dá algo sem motivo, não há dádiva desinteressada, os atores da rede são motivados por algum interesse no outro, ou reconhecimento do outro.

### 2.1.3 Os interesses compartilhados

Esta seção tem o objetivo de trazer algumas referências sobre o compartilhamento de interesses dentro das organizações, no sentido de mostrar o quanto as pessoas se organizam em torno de interesses de diferentes tipos, financeiros, social, religioso, entre outros. Em uma organização, os membros comungam de objetivos comuns em algum momento e se organizam coletivamente para atingi-los. O interesse em torno de algo faz com que pessoas se aproximem á partir de ações concretas.

Toda a organização necessita de recursos que podem ser internos e externos e cada uma dentro da sua racionalidade arranja estratégias para busca-lo. O interesse é o primeiro caminho para se chegar no recurso. Parte-se do interesse por determinado recurso para acessá-lo ou não. Primeiramente, o interesse é individual, e posteriormente, da organização, e são eles os motivadores das ações de compartilhamento numa rede. Dependendo do grau de interesse a interação será maior ou menor na organização em rede.

O interesse em determinado recurso agrupa afins, ou seja, membros de uma organização em rede se aproximam mais em função de um determinado interesse. Então, os interesses dentro de uma organização podem gerar subgrupos ou microrredes (FRANCO, 2009). Nas organizações em rede é muito comum existirem grupos que se aproximam em determinadas ações colaborativas e se afastam posteriormente podendo retornar ou não, dependendo do interesse e da periodicidade da ação. Os interesses podem ser financeiros, informacionais, por conhecimentos, entre outros.

Os recursos podem ainda ser tangíveis ou intangíveis. Alguns autores como Pfeffer e Salancik (1978), discutem os interesses na organização com vistas a teoria da dependência de recursos, a fim de explicar o compartilhamento ou acesso de recursos. Recursos tangíveis são aqueles bens materiais, físicos, quantificáveis e mensuráveis, e recursos intangíveis são aqueles que não se pode mensurar, como cultura por exemplo.

Para Pfeffer e Salancik (1978), os participantes se coligam quando há alguma vantagem, por possuírem interesse em algo e, quando esse já não existe mais, deixam a organização. Mas o que faz com que um interesse individual passe a ser comum a todos? Para Pfeffer e Salancik (1978), as necessidades dos participantes da organização é um dos fatores, e a legitimidade desse interesse; se ele é legitimado pela organização, pode se tornar um recurso alcançado, a partir de uma ação entre os membros.

O conjunto de interesses dos participantes da organização que definirá as atividades da organização, assim sendo se desinteressa em participar da organização existe a necessidade de uma transformação das atividades para que estas sejam de interesse ao menos para a maioria dos participantes.

O interesse de um indivíduo, ou um grupo torna-se mais atrativo para a maioria, quando os membros, quando estes possuem certa homofilia, como por exemplo, os sujeitos atuantes na mesma cadeia produtiva. Embora que para a sobrevivência de uma organização, a homofilia em grau elevado é prejudicial. March e Simon (1958) reportam-se a importância da heterofilia nas organizações, as quais buscam acessar conhecimentos que não possuem, ou seja o interesse está no conhecimento que o arranjo organizacional pode trazer.

É importante salientar que numa organização os interesses, por vezes, divergem, mesmo havendo homofilia nas relações. É necessário consensuar. Mesmo numa organização em rede onde não existe uma hierarquia, nem uma direção, e sim membros com maior habilidade social<sup>3</sup> que outros, não se pode desconsiderar a influência dos interesses que ocorrem no processo de interação e que podem vir a influenciar nas decisões da maioria.

Uma rede vai se modificando conforme os interesses, para Tomaél et al. (2005), os quais são os motivadores da organização em rede.

A configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim relações de interesses que se desenvolvem e se modificam conforme a sua trajetória. Assim, o

---

<sup>3</sup> Habilidade Social é entendida como a capacidade cognitiva que algumas pessoas têm de mobilizar outros atores, de influencia-lo e de transmitir ordens, é uma capacidade de indução a cooperação de outros (FLIGSTEIN, 2009).

indivíduo vai delineando e expandindo sua rede Conforme sua inserção na realidade social (TOMAÉL et al., 2005, p. 93).

Malagolli et al. (2013, p. 937), ressaltam a existência de conflitos de interesses que ocorrem em qualquer organização inclusive nos tipos distintos de rede. “[...] *os conflitos de interesses ocorrem, porém, tradicionalmente, constituem conflitos localizados tanto no número de atores envolvidos quanto no tempo de duração [...]*. É necessário que os membros saibam gestar o conflito para permanência da rede, pois do contrário pode vir a fragilizar a organização.

## 2.2 Tipos de redes

As redes, cumprem um papel importante na dinâmica social e econômica em nível local/regional. Cabe, neste sentido, trazer algumas abordagens trabalhadas sobre rede no sentido de estabelecer conexões com o objeto de pesquisa a ser analisado. Serão abordados nesta seção alguns tipos de rede já trabalhadas por outros autores no intuito de esclarecer qual a opção de rede que será utilizada nesta pesquisa.

Embora existam diferentes tipos de rede, os autores não divergem que elas são estruturas organizacionais que conectam pessoas e entidades de forma estratégica, podendo ser flexíveis e se sustentam pela vontade de seus integrantes de compartilhar e atingir um objetivo comum, constituindo-se assim em estratégias importantes na busca de informação, de conhecimento e união frente às adversidades.

As redes são estruturas organizacionais que conectam pessoas e entidades de forma democrática, participativa e horizontal. Em sua maioria, são flexíveis e se sustentam pela vontade de seus integrantes de colaborar em ações que sejam de seu interesse (LIMA, PINHEIRO, 2004).

Conforme Balestrin (2005) uma rede pode se apresentar por diferentes tipos. pode ter graus de horizontalidade ou verticalidade, assim como de formalidade ou informalidade. As relações podem ser de cooperação no caso de uma rede horizontal ou relações mais hierárquicas no caso de uma rede vertical.

Uma rede horizontal pode se configurar em formal ou informal, quando formal as relações são estabelecidas estão da dimensão dos contratos, quando informal as relações são estabelecidas na dimensão que o autor chamou de convivência, ou seja, na amplitude das

relações de amizade, afinidade e parentesco (MARCON; MOINET, 2000). O autor ainda aponta que *“nessa dimensão, as redes são formadas sem qualquer tipo de contrato formal que estabeleça regras e agem em conformidade com os interesses mútuos em cooperarem, baseados sobretudo na confiança entre os atores”* (BALESTRIN, 2005, p. 30).

os efeitos mais gerais da organização informal seriam os costumes, hábitos, folclore, instituições, normas sociais e ideais. Portanto tudo aquilo que chamaríamos de relações informais, cultura, normas e valores, também comporiam a organização (SOUZA, 2012, p. 27).

Calgaro Neto e Diesel (2009), ao analisar a rede interpessoal de um grupo de piscicultores de Santa Maria – RS, salientam que existem diversas redes operando no mesmo tempo e espaço.

As redes interpessoais formadas por produtores rurais podem ser diversificadas. É muito comum que agricultores pertençam a diferentes redes de trabalho ao mesmo tempo, na medida em que estes podem realizar intervenções de cunho comunitário, como também participar de organizações sociais de desenvolvimento de alguma atividade produtiva específica, de interesse próprio, como cooperativas e associações (CALGARO NETO, DIESEL, 2009 p. 7).

Uma rede interpessoal é formada por um grupo de pessoas que mantêm relações entre si em torno de um interesse coletivo. As redes interpessoais tornam-se um espaço de maior liberdade comunicativa e assim essa tendência denotará um sociograma mais distribuído do que centralizado (GALGARO NETO; DIESEL, 2009).

Redes de desenvolvimento rural são aquelas que, através da interação dos indivíduos do rural, promovem o desenvolvimento. Mas há quem contraponha a ideia de aliar desenvolvimento e redes. Conforme retratou Marques (2010) em sua pesquisa de doutorado, uma rede pode manter pessoas sempre pobres ou sempre ricas, pode condicionar em função dos relacionamentos homofílicos. Na maioria dos casos estudados as organizações em rede são vistas como experiências positivas, onde a organização promove o desenvolvimento dos membros que fazem parte dela, mas nem sempre ocorre desenvolvimento nos âmbitos social, econômico, ambiental e tecnológico.

Redes para Mior (2005, 2008), são construídas socialmente perante condições de necessidade do agricultor familiar, através de redes de familiares, redes de amigos, redes de movimentos sociais, fechando assim um canal de comercialização que ligue as etapas de produção da matéria prima, transformação, distribuição e consumo final. O autor ainda cita que a construção desta rede antes da formalização de uma agroindústria coletiva facilita sua sustentação posteriormente.

Segundo Tesch (1999) a rede se forma a partir da reciprocidade existente, sendo os produtores rurais ligados de alguma forma, ou por estrutura (equipamentos), ou parentesco, vizinhança, amizade, associações, cooperativas, entre outras. Neste sentido, a ideia de Mauss, (1974) ao tratar do termo reciprocidade, onde laços são configurados em um processo de solidariedade e ajuda mútua, fortalecendo a confiança.

Conforme analisa Tesch (1999), as relações sociais de reciprocidade influenciam de forma determinante nas estruturas formais (associações, cooperativas), as quais possuem normas e regras, ou seja, de nada valem as regras se nas relações pessoais existem conflitos capazes de gerar a desagregação do grupo ou associação. O autor cita ainda que diversos grupos se extinguem mesmo com bons rendimentos econômicos pela falta de reciprocidade nas relações entre seus membros.

Mior (2005), complementa que a partir de um processo de internalização da problemática regional, assume-se posturas pró-ativas na construção e implementação de novas estratégias de desenvolvimento, estratégias estas, encontradas através da verticalização. As redes verticais, que o autor caracteriza como sendo a forma como a agricultura é incorporada em processos mais amplos de produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos e matérias primas, dentro de uma abordagem setorial do desenvolvimento.

As redes não servem como um modelo de desenvolvimento rural, e sim se deve reconhecer que existem “diferentes tipos de redes atuando de maneiras diferentes”. Isto implica analisar as diferentes realidades em que estas redes estão inseridas, por isso que o termo rede acaba por variar (MIOR, 2005, 2008).

Visto alguns tipos de rede existentes e como se dão as relações dentro dessas organizações apresenta-se o que se entende por **rede socioproductiva**, não como sendo uma nova rede, mas com atributos eleitos a partir de uma realidade objetiva, onde sujeitos rurais buscar calcar suas ações produtivas, seu trabalho, com a ajuda de vizinhos, parentes e amigos da localidade. e desse modo não generalista espera-se que essa análise venha a contribuir com outras análises de redes sociais do meio rural.

Entende-se “Rede Socioproductiva” a configuração organizacional, formal ou informal, representada por um conjunto de pontos interligados de forma horizontal, ou seja, um conjunto de pessoas que são representadas por nodos e linhas, organizado de forma não-hierárquica e não burocratizada, a partir de interesses coletivos em torno de uma determinada atividade produtiva, neste caso as atividades vitivinícolas do Chapadão em Jaguari - RS.

Estar formalizado ou não perante o aparato legal que regulamenta organizações no Brasil é indiferente para a configuração da rede socioproductiva. O que é de relevância são

indivíduos que colaboram compartilhando interesses e por tal estão interligados, conectados, interagindo em torno de uma atividade produtiva, ou em torno de ações em prol de determinada atividade produtiva.

### 2.2.1 Redes sociotécnicas

Redes sociotécnicas se baseiam na abordagem teórica de Redes Verticais e Horizontais de Murdoch (2000). O autor parte do princípio que desenvolvimento rural não é o acréscimo de novas atividades no meio rural, vai além, envolvendo a construção de novas redes, com agregação de valor a recursos existentes e uma reconfiguração do social. (MIOR, 2005, 2008, 2011; SCHNEIDER, 2009).

O termo rede vertical, refere-se à forma como a agricultura é incorporada em processos mais amplos de produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos e matérias-primas, dentro de uma abordagem setorial do desenvolvimento. Já o termo redes horizontais de desenvolvimento rural refere-se à incorporação da agricultura e dos territórios rurais em atividades que os atravessam e estão imersas nas economias locais e regionais, inclusive urbanas (MIOR, 2009, p. 287).

Luiz Carlos Mior trabalhou em sua tese o mapeamento das principais experiências de agroindustrialização familiar rural, dando voz aos agricultores. Seguindo a abordagem da Teoria Ator-Rede, no sentido de mostrar como os agricultores mobilizavam recursos sociais, econômicos, culturais, ambientais no processo de organização de suas agroindústrias.

A noção de rede sócio-técnica se diferencia dos tradicionais atores da sociologia, uma categoria que geralmente exclui os componentes não humanos e cuja estrutura interna é raramente assimilada a uma rede. Mas, por outro lado, a rede sócio-técnica não deve ser confundida com uma rede que articula de uma forma previsível elementos que estariam perfeitamente definidos e estáveis. Neste tipo de rede as entidades que a constituem podem a qualquer momento redefinir sua identidade e transformar as características da rede (MIOR, 2005, p. 15).

Mior (2008), aponta um sujeito rural diferenciado que vai além de um produtor, que usa sua capacidade de articulação para tecer laços de amizade e confiança, mobilizando conhecimentos tradicionais, sendo este novo agricultor, já inserido na dinâmica global, capaz de trabalhar em rede. A confiança, reciprocidade e cooperação entre os indivíduos são vistas como fundamentais para relações horizontais não hierarquizadas.

Mior (2011), ressalta a importância de ao analisar-se uma estrutura organizacional em rede, atentar para a forma como se associam atores locais, natureza e objeto, ou seja, quais as ações em comum dentro da rede para que ela se mantenha no tempo e no espaço.

Em consonância com a rede sociotécnica existe a rede técnico-econômica que se configura a partir de relações humanas e relações produtivas, ou seja, atendendo as questões sociais e não sociais, dentro da mesma linha de abordagem da sociologia econômica, foca mais na cadeia produtiva do que no social em si.

[...] um conjunto coordenado de atores heterogêneos os quais agem mais ou menos com êxito para desenvolver, produzir, distribuir e difundir métodos bens e serviços” (SCHNEIDER, 2009, p. 288).

### 2.2.2 Redes sociais e seus laços

Mark Granovetter é um dos estudiosos de redes sociais dentro da perspectiva da sociologia econômica. Para o autor as organizações em rede se estruturam mais pelas relações pessoais que pelos atributos de gênero, idade, classe social, diferentemente do que tratam Moreno (1962) e Marques (2010), os quais compreendem a rede muito ligada à homofilia.

As relações dentro das organizações em rede possuem uma densidade variável, quando existe frequência nos relacionamentos, aumenta a densidade, reduzindo a distância nas relações entre os atores, com posições variáveis dentro da rede. Alguns atores podem ocupar uma posição mais central e outros mais periférica. Neste sentido, Granovetter (1973, 1981, 1992) e Kauffman (2012), compreendem essa organização relacional e apontam a existência de laços fortes e fracos.

[...] a abordagem estrutural de Granovetter tem vários méritos. Em primeiro lugar, o de ter dado impulso à Nova Sociologia Econômica e de continuar alimentando uma de suas principais correntes analíticas. Em seguida, como mostra Steiner, trata-se, apesar de suas limitações já apontadas, de uma análise genuinamente sociológica dos fenômenos econômicos, que mostra até que ponto as relações sociais influenciam a ação, os resultados e as instituições econômicas. Finalmente, esta abordagem vem desenvolvendo uma série de conceitos fundamentais para o estudo dos fenômenos econômicos, como rede, imbricação ou grupo econômico (RAUD-MATTEDI, 2005, p. 78).

Granovetter (1973, 1992), esclarece as relações presentes em uma rede se utilizando do termo imbricação, o qual pode ser compreendido como um tipo de interação. Essa

imbricação pode ser relacional ou estrutural. Na relacional, estão as relações pessoais entre família e amigos (laços fortes); já a interação estrutural, refere-se a relações mais afastadas, que ocorrem com indivíduos de universos sociais diferentes (laços fracos), mas são iniciadas a partir de laços fortes (família e amigos).

Discutindo os conceitos de Granovetter, pode-se compreender que os laços fortes mantêm as relações, são aqueles com mais confiança e reciprocidade, trabalham a densidade da rede. Já os laços fracos dão a estrutura da rede, fazendo com que ela se amplie, possibilitando a análise da amplitude da rede.

Para Swedberg e Granovetter (1992), a organização em rede pode vir a contemplar várias questões do desenvolvimento econômico, da confiança e oportunismo, da formação de preços. As redes sociais, por facilitarem a troca de informações, mantêm a confiança entre os indivíduos, postergando comportamentos oportunistas. Os autores defendem que as relações econômicas são facilitadas entre os indivíduos que possuem laços fracos ou fortes.

Granovetter recupera trabalhos de antropólogos para lembrar que, muitas vezes, a atividade econômica nos países em desenvolvimento se encontra freada pela falta de confiança existente na sociedade. Como sabemos, na análise estrutural, a confiança não é dada a priori pelas regras jurídicas ou morais mais gerais, mas se enraíza nas redes de relações interpessoais (RAUD-MATTEDI, 2005, p. 69).

Granovetter (1992) aborda que os laços fracos, ao contrário do que possa significar o nome “fraco”, é mais importante que os laços fortes para o desenvolvimento da rede, pois é através deles que novas informações chegam à rede, são como pontes entre uma rede e outra (ou entre uma rede e novos atores prontos a compartilhar informações, conhecimento e estabelecer relações), permitindo que se estendam os laços e se amplie a rede. Por isso é importante identificar os indivíduos cosmopolitas na rede, pois esses tem facilidade em fazer relações denominadas aqui de laços fracos.

Torna-se necessário deixar claro que este novo ator pode se relacionar com um, ou poucos membros da rede em questão, mas através deste laço fraco municia a rede de informações e põe à disposição dela instrumentos que podem aperfeiçoar sua ação. Portanto, os participantes de uma rede que tecem várias relações com atores de fora da rede representam papel importante em sua manutenção e funcionamento. Aqui está em jogo a capacidade de inovação da rede, a criação de novas possibilidades de ação.

Por fim Swedberg e Granovetter (1992, p. 9) estabelecem vagamente um conceito de rede, como “[...] *um conjunto regular de contatos ou conexões sociais similares entre indivíduos ou grupos*”. Este conceito converge, em alguns pontos, conceitualmente

apresentados por Franco (2007, 2009, 2011), onde argumenta-se que a rede se configura, conforme a vontade de comungar interesses entre os indivíduos. Para o autor esta é uma condição para considerar a existência de uma rede, como uma organização flexível, não hierarquizada, não burocratizada.

### **2.3 Esquema de análise**

Uma rede pode ser analisada por diferentes dimensões, econômico financeira, ambiental, sociocultural, socioprofissional, geográfica ou política por exemplo. Dependendo da dimensão a ser analisada o viés da discussão torna-se diferente, mas os elementos que auxiliam na formação e sustentação de uma rede basicamente são os que a bibliografia trás, e que aqui apresentamos como elementos de sociabilidade.

Conforme estudos já realizados sobre a temática de redes sociais, existem alguns elementos que foram apontados como sendo os principais elementos que fazem parte das relações colaborativas entre os membros. Estes podem ser sustentadores da organização quando encontrados em maior ou menor grau. É o caso do interesse, da reciprocidade, da confiança e interação. Assim como existem os que sustentam também existem aqueles que fragilizam, como é o caso da desconfiança aliada ao conflito e do desinteresse. Cabe nesta seção apresentar o esquema de análise (Figura 3).

O grau de participação desses elementos dentro das relações na organização em rede são fundamentais para o entendimento da organização, pois por hora pode haver um bom compartilhamento de interesses, mas não há muita confiança e reciprocidade e por vezes pode haver confiança e reciprocidade, mas não existem ações em torno de interesses compartilhados então acaba que não se configura enquanto rede. A interação tem sua importância porque facilita o compartilhamento de interesses e o aumento da confiança e da reciprocidade.

O elemento interesse pode ser apontado como o precursor dos elementos, como desencadeador dos demais elementos relacionais. No entanto se não houver na sequência uma interação com construção da confiança e reciprocidade pode ocorrer, simplesmente uma ação colaborativa. A ação colaborativa “instantânea”, onde determinados membros colaboram para atingir um objetivo e quando o alcançam suspende-se a relação de troca, até que haja outro motivo ou interesse para colaborarem novamente. Já a ação cooperativa envolve mais os membros por mais tempo, onde há construção de confiança e principalmente reciprocidade.

Em qualquer organização pode ocorrer o desinteresse, mas na organização em rede não formalizada, o desinteresse é a *'praga na lavoura'*, ele enfraquece os laços fortes da rede e não permite que sejam construídos laços fracos, fragilizando a organização. O desinteresse na ação coletiva surge quando não há mais motivos para estar junto, por isso uma organização em rede precisa ser dinâmica no intuito de atender aos interesses dos membros.

Entende-se que as relações de confiança e reciprocidade podem ser expressas por meio de laços podendo ser fracos ou fortes, conforme Granovetter (1987, 2003). Os laços fortes proporcionam maior coesão na rede, o que pode ser visto pela densidade que a rede apresenta. Logo a confiança cultiva a reciprocidade, pois confiar é o ato de ter suas expectativas atendidas, e a reciprocidade é o ato de dar, receber e retribuir, logo, a se há confiança pode haver reciprocidade, mas não há reciprocidade sem confiança.

Os laços fracos, são denominados assim por ser um contato mais distante, ou num primeiro momento desconhecido, mas são esses laços que proporcionam a ampliação da rede, em número de membros e também em ações diversificadas de acordo com os interesses dos participantes.

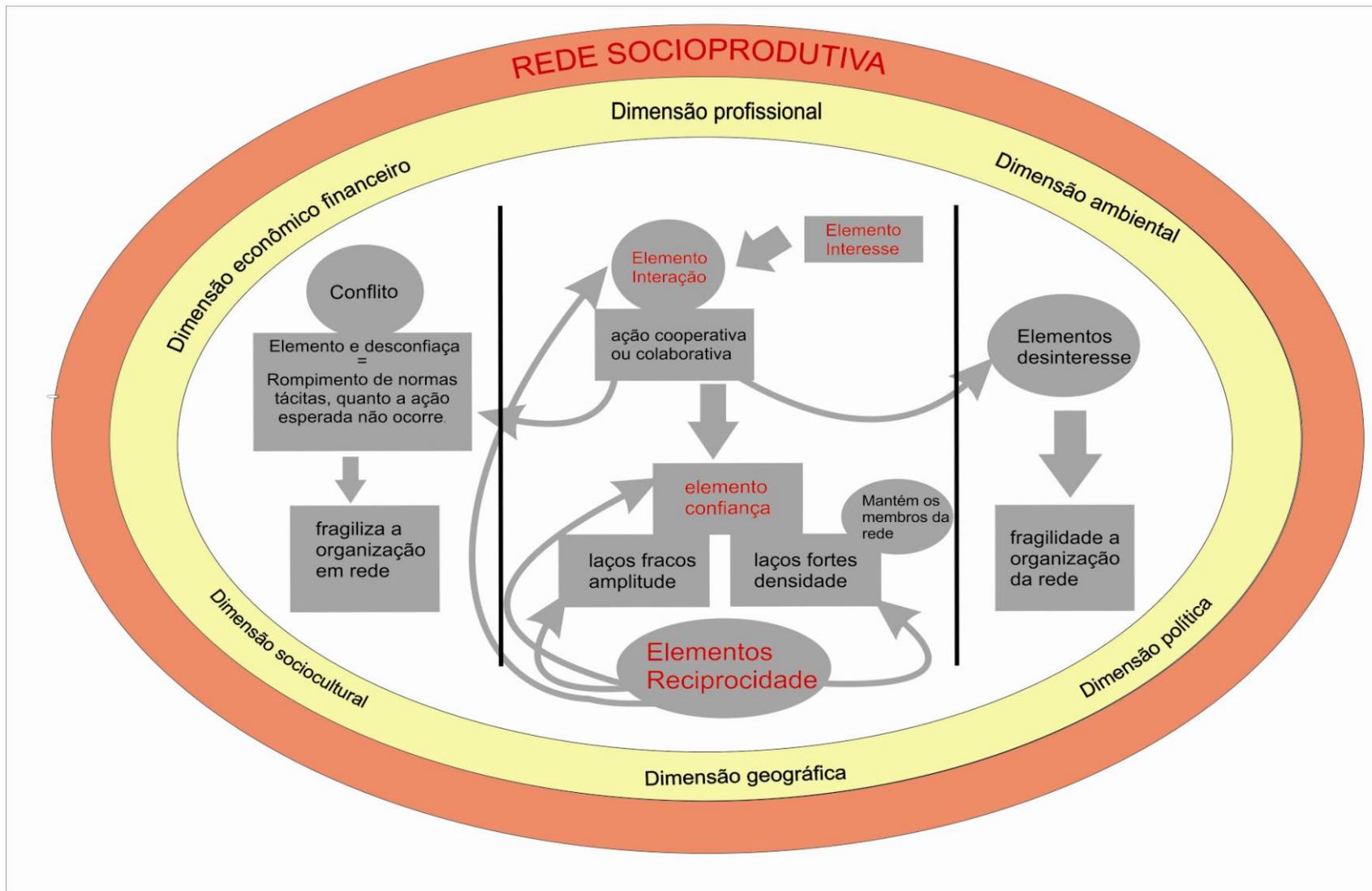


Figura 3 – Esquema de análise

Fonte: Elaborado pela autora a partir do referencial teórico utilizado.

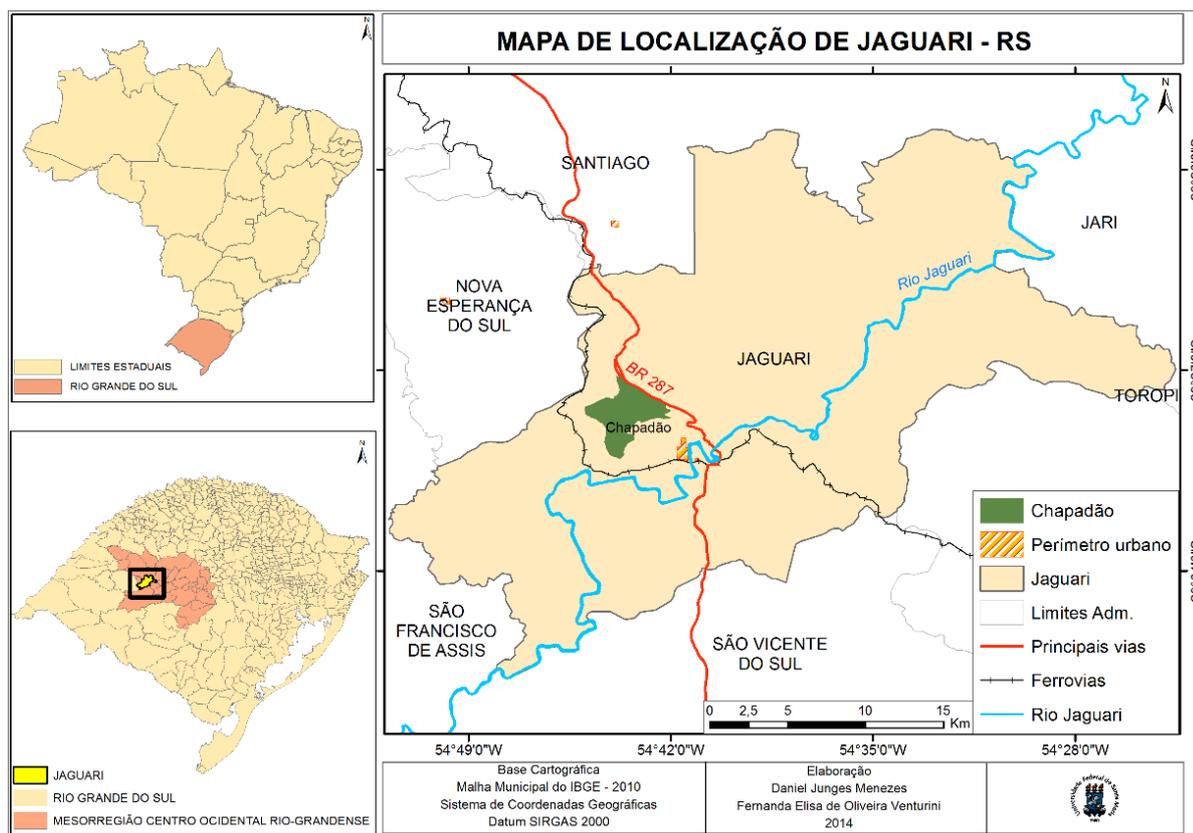
### 3 METODOLOGIA

*“Alguns homens vêem as coisas como são, e dizem ‘Por quê?’ Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo ‘Por que não?’”  
Geroge Bernard Shaw.*

#### 3.1 O município de Jaguari - RS

O município de Jaguari está localizado na região do Vale do Jaguari, composta por nove municípios: Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul e Unistalda. O município está localizado geograficamente (Mapa 1) a oeste do Rio Grande do Sul, abrangendo uma área territorial de 673,401 km<sup>2</sup>, é banhado pelo rio Jaguari e na sede (perímetro urbano) a altitude é de 112 metros acima do nível do mar (LIMANA, 2011).

O município de Jaguari possui segundo dados do IBGE (2010), uma população total de 11.473 habitantes sendo que deste montante 4.942 habitantes concentram-se no meio rural. Quanto a concentração de habitantes por gênero no meio rural 52,73 % são homens e 47,27% mulheres.



Mapa 1 – Mapa de localização do município de Jaguari - RS

Fonte: Menezes e Venturini, 2014.

A história de Jaguari inicia com um povoamento a partir de 1885, quando alguns colonos advindos da região denominada Quarta Colônia de Imigração Italiana<sup>4</sup> chegaram e se instalaram na “região das matas”. A colônia de Jaguari foi fundada em 1889, quando se encontravam na região em torno de mil imigrantes italianos (MARCHIORI, 1999).

A forma de colonização do município gerou uma estrutura fundiária de pequenas e médias propriedades, assim como o cultivo de produtos característicos de uma agricultura de

<sup>4</sup> A Quarta Colônia de Imigração Italiana está situada na região centro do estado do Rio Grande do Sul, e é composta por nove municípios, sendo eles: Silveira Martins, Pinhal Grande, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma, São João do Polesine, Ivorá, Restinga Seca e Agudo. No ano de 1875, com a unificação da Itália e a necessidade de ocupação da região serrana da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, chegaram as primeiras levas de imigrantes italianos nas Colônias de Campo dos Bugres Dona Isabel e Conde D’Eu, hoje Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. Estavam formadas as três colônias de Gaspar da Silveira Martins, percebeu a necessidade de povoar a Serra de São Martinho, fazendo defesa a norte e nordeste para a intendência de Santa Maria de Boca do Monte. Surge então mais uma colônia de imigração italiano no Rio Grande do Sul, sendo então a quarta. Foi na cidade chamada hoje de Silveira Martins que chegaram os primeiros imigrantes italianos se espalhando nos rebordos da região para colonizar (NEUMANN et al, 2006).

subsistência, embora ocorra também a presença das lavouras comerciais de soja, milho, arroz e fumo. A maior parte das propriedades do município de Jaguari possuem entre 20 a 50 ha.

É importante destacar que ao longo dos anos as famílias dos colonos de imigrantes foram se ampliando e assim as terras foram sendo divididas o que explica o dado do IBGE (2010) onde aproximadamente 36% das propriedades rurais possuem de 5 a 20 ha.

Essa característica fundiária do município remete a categorias da agricultura familiar. Essa categoria é o plano de fundo desse trabalho, nesse sentido vale ressaltar teoricamente o que se trata de uma categoria produtiva específica na qual o sujeito, os agricultores/produtores praticam atividades no meio rural. A Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006 considera agricultor familiar aquele que possui até 4 (quatro) módulos fiscais, que utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas da sua propriedade, que tenha renda familiar predominantemente originada das atividades econômicas vinculadas a propriedade, e dirija sua propriedade com sua família.

Essa categoria conforme dados do IBGE, (2006) representa 80% dos estabelecimentos rurais brasileiros, ocupando uma área de 25% do total de estabelecimentos no Brasil, reforçando que são pequenas áreas de terras. A agricultura familiar atualmente é responsável por aproximadamente 75% da produção dos alimentos estratégicos para as populações.

O município pertence ao COREDE Vale do Jaguari, o qual realizou um planejamento estratégico, objetivando promover o desenvolvimento da região, em 2010. Salienta-se algumas considerações para melhor compreender a realidade regional. No que tange a agricultura familiar, existe predominância desta categoria socioprofissional e sente-se necessidade de políticas de crédito para fomentar a diversificação das atividades produtivas. O planejamento aponta um excessivo número de agroindústrias informais, com baixo nível tecnológico na cadeia produtiva, baixa capacitação e escassez de assistência técnica.

A agroindústria informal é aquela que processa a matéria e comercializa os produtos processados, mas não atende ao aparato legal vigente, quanto a legislação tributária, sanitária e ambiental. em locais onde existe hábito de processamento de alimentos, como é o caso de Jaguari, em geral existem muitos empreendimentos informais. Com o processo de modernização nem todos conseguem se adequar as exigências sanitárias, por exemplo, acarretando em maiores níveis de informalidade.

Jaguari é considerada a terra das belezas naturais, com cascatas, rios, mirantes aliado a um patrimônio histórico e cultural secular para ser aproveitado turisticamente. Mesmo que lentamente, o município vem investindo, no turismo ecológico, cultural e rural, haja vista que participa do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável Caminho das

Origens<sup>5</sup>, que juntamente com outros 10 municípios busca fomentar o turismo, diversificando a economia na região centro oeste do estado.

Quanto à produção agrícola a matriz produtiva atual está nas culturas da soja, milho, fumo, arroz, pecuária leiteira, cana de açúcar e viticultura. A soja ocupa áreas mais planas do município desenvolvendo-se com mais tecnologia, tendo atualmente uma produção significativa. A fomicultura tem se apresentado em expansão principalmente nas pequenas e médias propriedades em consequência da mão de obra que necessita e do retorno financeiro dado as famílias em pequenas áreas. O cultivo da uva, em função das condições de solo e clima que necessita fica restrito a algumas áreas do município, como o Chapadão, por exemplo, onde praticamente todas as propriedades cultivam uvas, seja para a subsistência, ou para comercialização do produto in natura ou para a produção de derivados como geleias, doces, suco e vinho (NEUMANN et al., 2012).

### **3.2 A localidade do Chapadão e suas unidades produtivas**

A localidade de Chapadão está situada no município de Jaguari - RS nas proximidades da BR 287, distante 11 km da sede do município. Esta localidade é conhecida como “Chapadão” devido ao seu relevo que é predominantemente plano, ondulado e alto, conforme é apresentado no mapa da (Mapa 2). É um dos pontos mais altos do município, apresentando invernos mais rigorosos, ventos frios e com eventuais geadas. Nessas áreas onde há forte declividade o trabalho na terra torna-se mais complicado pela dificuldade de entrada de implementos agrícolas, e justamente nessas áreas que se encontram as pequenas propriedades (NEUMANN et al., 2012).

Importante destacar que nesta localidade a maior parte dos habitantes são de uma comunidade que, historicamente, produz uvas e vinho de mesa. Em nenhum momento se utilizaram de algum plano estratégico para organizarem-se em rede, mas pelo fato de conhecerem-se, possuírem as mesmas atividades agrícolas, ou identidades socioprofissionais, possuírem racionalidades na gestão de suas Unidades de Produção Agrícola (UPAs) semelhantes, acabam por compartilhar interesses financeiros, socioculturais e profissionais.

---

<sup>5</sup> Fazem parte do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável Caminho das Origens os municípios de Jaguari, Santiago, Bossoroca, Cacequi, São Vicente do Sul, Nova Esperança do Sul, Mata, Capão do Cipó, Itacurubi, São Francisco de Assis e Unistalda.

[...] as identidades socioprofissionais referem-se a um conjunto de significações e interesses atribuídos a fatos ou demandas específicas de grupos de atores sociais que partilham de objetivos em comum. As atividades profissionais, bem como as profissões formalizadas, são exemplos de condições de identidades socioprofissionais estabelecidas entre atores, que se auto reconhecem como semelhantes, a partir do trabalho, partilhando interesses e significações” (GUIMARÃES, 2011, p. 48).

O termo identidade socioprofissionais nesse trabalho é utilizado no intento de mostrar a vinculação dos atores locais à condição agricultor, em que as ocupações referentes ao processamento e a comercialização dos produtos, por eles elaborados, não constituem prioridade dentre as atividades, conformando-se apenas como mais uma delas, por isso, denominados, aqui, como produtores/agricultores ou mais precisamente vitivinicultores.

Esta localidade também é reconhecida como a Quinta Colônia de Imigração Italiana, sendo que chegaram os primeiros colonizadores (Italianos) por volta de 1888 e povoaram essa região. Ao chegar na região se instalaram e logo iniciaram o desmatamento e o plantio de videiras<sup>6</sup> trazidas da Itália e ainda de cultivares para a subsistência.

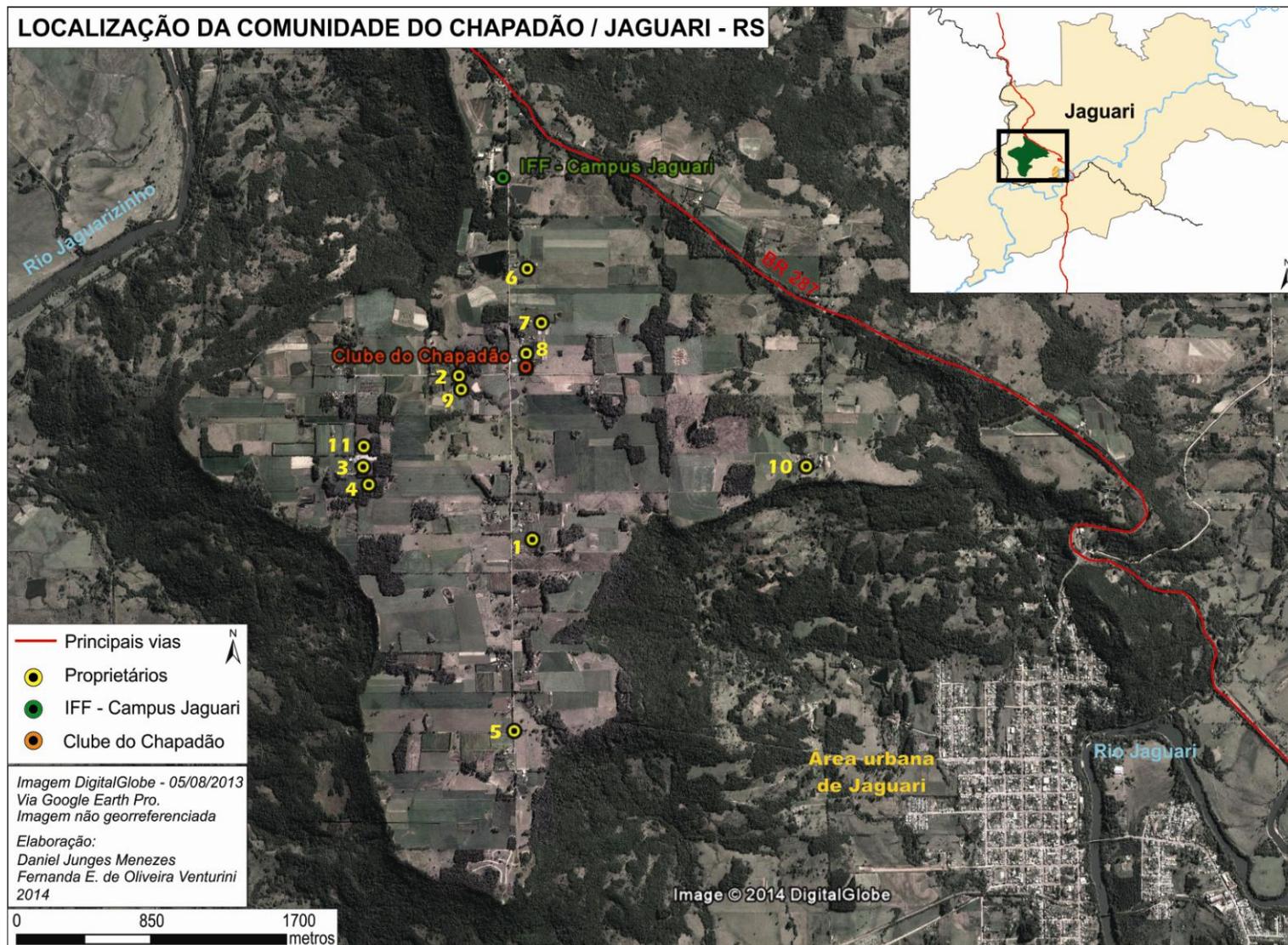
Na maioria das propriedades da localidade a videira é o carro chefe, pois essa cultura foi e está sendo passada de geração para geração; a maioria dos produtores de uva dessa região “nasceram e se criaram embaixo do parreiral”, como muitos gostam de falar. Vende-se o produto in natura, ou elaboram-se vinhos. No que se refere à produção, antigamente predominava a uva e milho para a subsistência da propriedade. Com o tempo houve a entrada de outras culturas, como fumo e soja. Em 2009 houve aumento da área plantada, no momento não existe expansão de áreas. Historicamente a maior parte dos parreirais era de uvas brancas, contudo, por uma demanda de vinho tinto, houve a substituição para uvas tintas (NEUMANN, et al., 2012, p. 24).

No Chapadão as unidades de produção são relativamente diversificadas, pois além da viticultura, existe um saber fazer<sup>7</sup> local para elaboração de vinhos, processamento de panificados, queijos e doces cremosos de forma artesanal. Algumas propriedades também processam cana-de-açúcar para a produção de cachaça, haja vista, que esta é uma aptidão de outras localidades do município como Fontana Freda e Ijucapirama. Estes produtos artesanais informais são comercializados na propriedade, supermercados e mercearias do município.

---

<sup>6</sup> As videiras segundo relatos de descendentes moradores da localidade foram trazidas pelos antepassados estaqueadas em batatas, mantendo assim as mudas vivas após a travessia do atlântico.

<sup>7</sup> *Saber-fazer* é a arte que conduz o processo produtivo, a ausência de pessoas dotadas deste conhecimento, implica em ameaças as caracterizações dos produtos que precisam ser “tipicamente” coloniais. Esse “saber-fazer” se materializa em um contexto de produção, e é marcado por cultura no sistema de conhecimento local que abriga processos produtivos específicos, delimitados pelas condições de localização do lugar (GUIMARÃES, 2011).



Mapa 2 – Localização das propriedades vitivinícolas da pesquisa no Chapadão - Jaguari - RS

Fonte: Menezes e Venturini, 2014.

Na atualidade, as lavouras extensivas, prioritariamente de culturas de verão como a soja, o fumo e o milho tem ganhado espaço, embora ainda seja uma característica da localidade, a presença da ‘horta’ nas unidades de produção, reforçando uma agricultura ainda de subsistência (NEUMANN, et al., 2012).

Além do processamento de alimentos orientado na maioria dos casos pela cultura local, algumas unidades de produção dedicam-se ao turismo rural aproveitando os recursos naturais e culturais existentes. No ano de 1999 foi criada a *Rota Nostra Colônia*, visando fomentar o turismo a partir dos recursos naturais e culturais existentes no local.

A *Rota Nostra Colônia* alicerça-se em função da cultura de Imigração Italiana, da gastronomia típica e do modo de vida em torno da cadeia produtiva da uva, ao passo que durante os passeios é explicado o processo de elaboração de vinho, de modo que se proporciona a compra de produtos artesanais diretamente com os produtores.

A rota teve resultados surpreendentemente positivos nos primeiros meses, mas depois passou por um período de baixa, que continua, exigindo melhor planejamento e apoio, conforme moradores (NEUMANN et al., 2012, p. 25).

Algumas propriedades se destacam apresentando atrativos turísticos, aproveitando os recursos naturais e culturais disponíveis, tais como mirante, passeio de reboque, patrimônios arquitetônicos culturais como casas, igrejas<sup>8</sup>, (Imagem 1) cantinas, gastronomia típica e produtos coloniais. Na sede do município também existe um museu que conserva elementos da história da imigração italiana na localidade.

---

<sup>8</sup> A Capela Nossa Senhora de Monte Bérico, marco da arquitetura italiana, que foi construída no início do século XX. A construção foi feita pelos imigrantes, com pedra de arenito.



Imagem 1 – Capela de Sra. Monte Bérico, a esquerda (fachada) a direita (interior da capela)

Fonte: Venturini, (2014).

Na localidade existe um clube de moradores denominado Clube Internacional Chapadão (Imagem 2), que é um ponto de encontro dos moradores, onde as relações sociais e também econômico financeira acabam se estreitando. Praticamente todas as atividades coletivas da comunidade acontecem no clube desde festas típicas, jogos de bocha, jantares, jogos de cartas e outros.



Imagem 2 – Clube Internacional Chapadão

Fonte: Venturini, (2014).

Encontra-se na localidade, um dos campos do Instituto Federal Farroupilha, o qual possui infraestrutura para atividades vitivinícolas, conforme mostra a (Imagem 3) e com

processamento de cana-de-açúcar, que é outra atividade representativa no município de Jaguari.



Imagem 3 – Imagem mostrando a estrutura vitivinícola do IFF - Campi Jaguari

Fonte: Venturini (2014).

Segundo diagnóstico do sistemas agrários<sup>9</sup> de Jaguari realizado por Neumann et al. (2012), na localidade do Chapadão, foram identificados dois sistemas de produção<sup>10</sup>. No primeiro, o consórcio da atividade principal, que é o fumo de galpão, a viticultura e a pecuária leiteira familiar; e o segundo um consórcio da atividade principal da viticultura com a produção de queijos e a aposentadoria.

Na citação abaixo a caracterização do primeiro sistema de produção.

<sup>9</sup> O diagnóstico de sistemas agrários uma importante ferramenta para desenvolvimento rural, que através de um arcabouço teórico visa facilitar a compreensão das relações sociopolíticas, culturais e tecnológicas que ocorrem em um determinado ecossistema. A Teoria dos Sistemas Agrários propõe o entendimento das formas de agriculturas como objetos complexos e historicamente constituídos, que podem ser analisados como sistemas (NEUMANN et al., 2012).

<sup>10</sup> O sistema de produção é composto pelo conjunto de sistemas de cultivo e/ou de criação no âmbito de uma propriedade rural, definidos a partir dos fatores de produção (terra, capital e mão-de-obra) e interligados por um processo de gestão. Pode ser avaliada no nível de uma unidade produtiva (talhão, gleba, lavoura, etc); estabelecimento ou propriedade rural; microrregião e/ou mesorregião (HIRAKURI et al., 2012).

A propriedade localiza-se na Localidade Chapadão, possui uma área aproximada de 25 ha de terra, da qual, aproximadamente 22,3 ha são utilizados para a produção agropecuária. Trabalham na UPA um casal adulto e esporadicamente seu filho, que é estudante. A área utilizada para a produção do milho é de 07 hectares, para a produção de fumo de galpão é 04 hectares, para o cultivo de pastagens utiliza-se uma área de 3,5 ha e o produtor possui um parreiral com área de 0,8 ha. Além disso, possui cerca de 07 ha de potreiro, o qual abriga cerca de 10 cabeças de gado leiteiro, que se subdividem em 5 vacas em lactação, 02 vacas secas, 01 novilha e 02 terneiros (NEUMANN et al., 2012, p. 80).

Independente do sistema de produção, as UPAs da localidade do Chapadão estão inseridas em um contexto de agricultura familiar sendo que a horta está sempre presente, indicando ainda a produção para a subsistência, assim como a produção de milho para as criações, conforme Neumann et al., (2012).

Por ser uma comunidade relativamente pequena, onde há muitos anos são as mesmas famílias que habitam a região, existem laços de amizade e ajuda mútua na comunidade. Conforme Neumann et al. (2012, p. 81), “*O cultivo das terras é mecanizado, o qual é feito por um trator pertencente 50% ao seu irmão*”. Este tipo de cooperação e troca de serviços, mesmo sem grau de parentesco, ocorre entre as famílias em função das atividades e da racionalidade das UPAs serem semelhantes.

Algumas características do cultivo de videiras na localidade são comuns. Como o tipo de uva, em geral bordô e Goethe, as quais, consideradas mais adaptadas e por isto, mais resistentes. As videiras são conduzidas em forma de latada, popularmente conhecida como parreira, devido às condições de clima e altitude locais e também à tradição de produzir desta forma. A colheita é realizada de forma manual, a partir do mês de fevereiro. A produção das videiras é favorecida na localidade devido as condições edafoclimáticas, como a altitude, solo e clima, principalmente para a uva de mesa ou americana.

A uva Goethe é uma espécie de uva branca, tipo americana (*vitis labrusca*), mas que possui em seu genoma traços de espécies européias (*vitis vinífera*), o que a torna diferenciada em termos de sabor, lembrando vinhos finos e termos de rusticidade herança genética *vitis labrusca*. Desde a chegada dos imigrantes na colônia de jaguari a uva goethe era cultivada, mas atualmente os vitivinicultores locais empenham-se em buscar a certificação de origem para uva goethe, como sendo uma uva de jaguari. Essa certificação é um modo de conceituar o vinho da uva goethe de jaguari no país colocando em cheque a produção de vinhos de jaguari, trazendo mais competitividade.

A produção de vinho para as famílias do chapadão é tradicional. Com a chegada dos imigrantes nas terras de jaguari trouxeram esse saber fazer. Conforme salienta Silva e Bezzi, (2006):

Quanto à fabricação do vinho pelo colono italiano, destaca-se que nesta fase inicial da colonização, os meios de produção ainda eram basicamente rústicos. Portanto, a fabricação ocorria de forma artesanal e visava a subsistência do imigrante que tem no vinho uma de suas marcas culturais (SILVA; BEZZI, 2006, p. 9).

A comercialização da uva, em geral, é realizada com a cooperativa São José, na qual a maioria dos produtores é sócio. A cooperativa processa a uva produzindo vinhos e sucos, planejando a recepção da matéria prima na colheita, estipulando um percentual de entrega diário por cooperado durante a safra. Alguns produtores deixam parte da safra para produzir vinho artesanalmente em suas cantinas domésticas. Esses são os produtores do recorte desta pesquisa de abordagem qualitativa, aqueles que produzem uvas e também o vinho na unidade de produção.

O segundo sistema de produção identificado pela associação das atividades de viticultura, produção de queijos e aposentadoria rural tem como características uma propriedade diversificada e com uma renda fixa de aposentadoria rural, conforme caracteriza Neumann et al., (2012).

Situada a 10 Km da cidade de Jaguari, na Localidade Chapadão, a unidade de produção agropecuária é regida principalmente pela aposentadoria rural, como muitas outras do município. A mão de obra é composta por um casal de idosos. O produtor trabalha com uva a aproximadamente 50 anos. A área total da propriedade é de 12,5 ha, própria, sendo que da área total o produtor utiliza 01 ha de área reflorestada, 0,5 ha de capoeira, 5,5 ha de potreiro, dois açudes totalizando 0,5 ha, 3,0 ha com cana-de-açúcar, pastagem, mandioca, batata-doce, abóbora, cebola, feijão e pastagem no inverno e 2,0 ha com parreiral de uva. A UPA possui um plantel de 06 vacas leiteiras, sendo que se encontram em lactação somente 04, isso por que as outras duas estavam para vim de cria. Cada vaca produz em média 04 litros de leite por dia totalizando em 16 litros/dia. Uma parte dessa produção vai para consumo próprio da família (4 litros/dia) outra parte é para a produção de queijos, vendendo o produto na propriedade para atravessadores. Também possui 15 ovelhas, 15 galinhas, um suíno e peixes para o consumo próprio (NEUMANN et al., 2012, p. 87).

Nota-se que a localidade do Chapadão é diversa dentro do contexto da agricultura familiar, obtendo rendimentos da propriedade a partir da diversificação da produção. Os vitivinicultores entrevistados possuem em comum a produção de uvas e elaboração de vinhos, mas mantem outras atividades em torno da cadeia da soja, da pecuária de leite e do fumo, praticando ainda a produção de frutas e hortaliças para o consumo.

### 3.3 Etapas da pesquisa

Optou-se neste trabalho por uma pesquisa de cunho qualitativo a partir de um estudo de caso. Dentro de um estudo qualitativo o fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa lógica integrada, partindo da perspectiva das pessoas, buscando captar os pontos de vista importantes com base no problema de pesquisa e objetivos.

O estudo de caso de estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa que tem como objeto é uma unidade social, a qual se analisa profundamente. No caso desta pesquisa a unidade é a rede socioprodutiva do Chapadão. O propósito de um estudo de caso é aprofundar a descrição de determinado fenômeno, onde o investigador pode optar por situações típicas, ou não usuais, como é caso desta pesquisa, que não é usual.

O estudo de caso foi realizado junto às unidades de produção de uva e vinho da localidade do Chapadão no município de Jaguari - RS. conforme prevê um estudo de caso, utilizou-se um enfoque exploratório e descritivo, mas tendo como base um referencial teórico.

Mesmo que inicie o trabalho a partir de algum esquema teórico, deverá se manter alerta aos novos elementos ou dimensões que poderão surgir no decorrer do trabalho. O pesquisador deve também preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa (GODOY, 1995 p. 25).

No estudo de caso, geralmente se utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, no caso desta pesquisa optou por três etapas que estabelecem variadas fontes de informação. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a observação participante, recomendada para estudos de grupos e a entrevista semi-estruturada com o uso do instrumento questionário. “A observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ ou comportamentos” (GODOY, 1995, p. 27).

A opção por um estudo de caso também se deu devido a forma de apresentar a pesquisa, podendo ter um estilo mais informal, narrativo, com fotos, gráficos, ilustrado com citações dos sujeitos da pesquisa, e principalmente por poder comportar dados quantitativos que buscamos apresentar neste trabalho no sentido de compreender a dinâmica do recorte da pesquisa.

Foram utilizados dados primários coletados durante o trabalho de campo do estudo de caso e de dados secundários da cadeia da uva e vinho fornecidos por materiais já publicados sobre a região. Para realizar o levantamento de dados das características da região, foi realizada uma pesquisa documental junto ao Instituto Brasileiro de Vinho – IBRAVIN e na Cooperativa Agrária São José de Jaguari.

A pesquisa qualitativa se vale da interpretação dos fenômenos, neste caso social, e atribuição de significados das inter-relações que acontecem em torno de um objetivo comum (SILVA; MENEZES, 2001).

O estudo de caso, segundo a metodologia, foi dividido em três etapas:

**Estudo exploratório** etapa em que se analisou documentos tais como, o estatuto da Cooperativa Agrária São José, o estatuto da Associação dos Produtores de Vinho de Jaguari – APROVIJA, e artigos produzidos pelo conjunto de instituições que desenvolvem ações de apoio ao setor vitivinícola na região. Neste momento foi importante o entendimento da organização local em torno da cadeia vitivinícola, para o qual se utilizou de entrevistas com informantes qualificados, membros da Cooperativa Agrária São José Ltda. do Instituto Federal Farroupilha - Campi de São Vicente do Sul e de sujeitos rurais que participaram e/ou conhecem a história da cadeia vitivinícola de Jaguari.

Nesta situação foi escolhido o recorte a ser analisado, tendo como critério, produtores de uva e vinho artesanal informal ou seja, os vitivinicultores<sup>11</sup> informais da localidade do Chapadão, sendo que contabiliza-se onze produtores de uva e vinho que participaram da pesquisa. Na localidade do Chapadão existem 30 produtores de uvas, ou seja, viticultores, mas destes apenas 11 produzem vinhos artesanais informalmente e o restante ou não produz vinhos ou produz dentro do marco legal.

**Etapa investigativa**, onde buscou-se compreender como se davam as relações entre os produtores de uva e vinho do Chapadão a partir da participação e observação em reuniões e atividades coletivas com os vitivinicultores locais. Utilizou-se também de entrevistas semiestruturadas sobre as atividades produtivas, no intuito de compreender a dinâmica produtiva da propriedade.

Buscou-se compreender as relações de colaboração entre os atores, no sentido de desnudar os desafios e conflitos nos momentos de colaboração e cooperação; para assim

---

<sup>11</sup> Vitivinicultores são produtores de uva e vinho e viticultores são apenas produtores de uva, ou seja, não elaboram vinhos.

identificar quais elementos que contribuem para a formação e sustentação da organização estavam presentes no referido grupo.

Durante as reuniões utilizando a técnica da observação participante, percebeu-se quais eram as relações colaborativas ou interesses compartilhados entre os atores locais, e a partir destes interesses, direcionou-se a pesquisa. Neste momento tornou-se necessário fazer questionamentos aos membros da rede, permitindo legitimar os interesses compartilhados e seu papel na conformação da rede, avançando no conhecimento da tessitura dos sociogramas. Foi realizado um levantamento de dados de cada propriedade vinculado à atividade de produção de uvas e vinho, a partir de um questionário semiestruturado, contendo perguntas abertas e fechadas.

**Etapa de sistematização e análise**, nesta etapa buscou-se organizar os dados para melhor analisar. A partir da observação participativa e das entrevistas pode-se compreender quais relações colaborativas o grupo mantinha. Sendo elas: compartilhamento de equipamentos, compartilhamento de mão de obra para poda, compartilhamento de mão de obra para colheita e compartilhamento dos ritos locais (festas tradicionais, jogos locais).

Se utilizando da interpretação da abordagem teórica escolhida, que traz a diversidade e complexidade da temática redes buscou-se um enfoque ou uma dimensão melhor compreender. a escolha por duas dimensões para analisar os elementos de sociabilidade presentes deu-se devido a interpretação da abordagem teórica escolhida, por compreender que os elementos presentes nas relações colaborativas do grupo possuíam uma abrangência sociocultural e econômico-financeira.

Dependendo da relação colaborativa (compartilhamento de aquisição de equipamentos, compartilhamento de mão de obra para poda, compartilhamento de mão de obra para colheita e compartilhamento dos ritos locais) podem estar mais inclinados na dimensão sociocultural ou na dimensão econômico-financeira.

Cada relação colaborativa ou interesse compartilhado pelo grupo deu origem a um sociograma, os quais são formas de representação de organizações sociais, conforme a topologia de Baran (1964) e Franco (2009). Sociogramas são mapas sociais, que indicam a topologia da rede. No sociograma cada indivíduo é representado por um círculo os quais estão conectados por setas (linhas) indicando o sentido da relação entre os atores na rede.

Para tal construção, foi organizado um questionário em que constavam questões sobre cada relação colaborativa, sendo que cada um dos onze vitivinicultores entrevistados fazia uma avaliação dos outros dez vitivinicultores numa escala de 1 (um) a 10 (dez), sendo 1 (um) para aquele que possuía relações mais próximas e 10 (dez) para aquele em que as relações

eram mais distantes (conforme anexo b). A avaliação se dava dentro dos quatro relações colaborativas que foram observados que eram compartilhadas por eles, mas em função das relações de vizinhança e até mesmo de parentesco, e talvez por constrangimento de avaliar os conhecidos, os entrevistados apresentavam suas respostas muito próximas do 1 (um), ou seja, mostrando um relação de interação muito forte quanto ao quesito perguntado.

Para efeito de análise foi estipulado o seguinte padrão: o entrevistado que respondeu o número 1 (um) tinha uma relação muito próxima, a qual denominamos de interação forte (1). Já o entrevistado que respondeu 2 (dois) considerou-se uma relação um pouco mais distante, a qual denominou-se de interação média (2), e aquele que respondeu acima de 3 (três) considerou-se uma relação muito baixa, ou seja, onde há mais dificuldade de interação. A escala foi pensada de 1 a 10, mas os entrevistados da pesquisa ao responder poucas vezes passavam do número três (3) e por isso para melhor representar o sociograma, utilizou-se a partir do três como referência para interação fraca.

COMPARTILHAMENTO DE EQUIPAMENTOS											
MEMBROS DA REDE	VIT 1	VIT 2	VIT 3	VIT 4	VIT 5	VIT 6	VIT 7	VIT 8	VIT 9	VIT 10	VIT 11
VIT 1	0	1	2	2	3	1	3	3	2	3	3
VIT 2	1	0	3	3	5	2	3	7	1	6	7
VIT 3	1	1	0	1	2	2	2	2	1	4	1
VIT 4	3	1	1	0	1	2	1	1	1	2	2
VIT 5	1	2	2	5	0	10	8	10	3	2	2
VIT 6	1	2	7	7	5	0	5	6	3	8	1
VIT 7	1	1	1	1	2	1	0	1	1	1	5
VIT 8	3	2	4	5	10	10	1	0	6	7	8
VIT 9	1	1	5	5	7	4	5	5	0	4	9
VIT 10	1	2	1	2	1	4	2	3	2	0	2
VIT 11	1	3	1	2	4	6	8	9	7	5	0

Quadro 1 – Matriz de respostas do compartilhamento de equipamentos, coletada a campo

Fonte: Venturini, 2014.

Tendo em vista a variedade de metodologias aplicadas na análise de relações sociais e a representação destas relações, optou-se pela elaboração de sociogramas com o uso do Programa Netdraw na versão 2.138 e também foi utilizado o software Ucinet na versão 6.486 para o condicionamento dos dados (BORGATTI et al., 2002).

Uma vez importados os dados para o Netdraw, foram utilizados os algoritmos matemáticos do Netdraw para determinar os membros principais, seu posicionamento na rede e as devidas interações estabelecidas entre si. A posição espacial dos atores é ditada por dois

critérios: a afinidade e a repulsão entre os membros. Deste modo a afinidade coloca-os próximos, ao mesmo tempo que a repulsão os afasta. Porém, quando dois elementos forem analisados entre si, deve-se sempre ter em mente que a posição de cada ator é decorrente do cruzamento de todas as suas conexões (flechas) para com todos os nodos (membros) da rede. Esse emaranhado de interações resulta na configuração do sociograma em cada uma das ações da rede que foram submetidas à análise.

Nos sociogramas o círculo (nódo) indica o membro da rede que pode estar numa posição mais central ou mais periférica. A seta (conexão) significa que existe determinada relação (com interação forte, média, ou fraca) entre um ator e outro; deste modo foram gerados então, quatro sociogramas: compartilhamento de equipamentos, compartilhamento de recursos humanos (mão de obra para colheita e mão de obra para poda) e compartilhamento dos ritos locais. A cor da seta indica o grau de interação. Quando roxa interação forte; quando laranja interação média e quando preta, interação considerada fraca.

Calgaro Neto e Diesel (2009), ao trabalhar com esta metodologia, representaram os membros ativos, periféricos e isolados da rede. No caso desta pesquisa não apareceram membros isolados e periféricos, somente ativos.

Foram analisados dados socioprodutivos das propriedades com um questionário semiestruturado de perguntas fechadas e abertas, conforme (Anexo A). Esses dados se referem a tamanho de propriedade, assistência técnica, atividades produtivas, os quais foram sistematizadas e analisadas com o uso do programa Excel 2013.

## **4 RESULTADOS: A REDE SOCIOPRODUTIVA E SEUS ELEMENTOS**

*“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente”.*  
*Roger Von Oech*

### **4.1 As organizações em torno da cadeia da uva em Jaguari**

As relações produtivas em torno da cadeia da uva e do vinho em Jaguari iniciaram com a chegada dos imigrantes italianos na região, os quais trouxeram partes vegetativas de videiras para o plantio e reprodução. Ao longo dos anos organizações foram se estabelecendo na região, ao passo que hoje, existem algumas organizações já formalizadas, como é o caso da Cooperativa Agrária São José e da Associação dos Produtores de Vinho e derivados de uva do Vale do Jaguari (APROVIJA).

Conforme já mencionado, o município de Jaguari apresenta uma produção considerável de uva que fomentada por questões hereditárias e condições edafoclimáticas favoráveis para a produção, frente a outros municípios da região. Neste sentido, para melhor compreender as relações em torno da cadeia da uva e do vinho, contextualizar-se-á essas relações que neste trabalho consideramos em rede.

A Cooperativa Agrária São José foi fundada 1932 por viticultores de Jaguari no intuito de auxiliar os produtores rurais a escoar a produção. Iniciou suas atividades com a venda de vinho, no qual cada produtor trazia de sua cantina particular o vinho elaborado, mas a cooperativa também beneficiava e comercializava fumo e outros produtos da agricultura familiar.

O vinho que chegava até a cooperativa era misturado em tonéis maiores, engarrafado e comercializado. Havia, neste processo, um impasse com relação a elaboração do produto, pois cada produtor elaborava o seu produto conforme havia aprendido com seus antepassados e, deste modo, cada vinho que chegava até a cooperativa possuía características físico-químicas diferenciadas (TAMBARA FILHO, 2208).

Em meados da década de 60, com a aprovação da legislação sanitária federal através do Decreto-Lei N° 986 de 21 de outubro de 1969, que institui normas básicas para

beneficiamento e processamento de alimentos de origem vegetal, tornou-se necessário readequar os procedimentos de elaboração de vinhos. Os produtores de uva, em sua maioria descapitalizados para investimentos em instalações e equipamentos para o processamento da uva, passam a entregar a uva para a cooperativa processar na instalação que foi equipada para tal. A maioria dos produtores cessa as atividades de elaboração de vinhos para a comercialização, mas alguns por questões de hábitos culturais continuam produzindo para o consumo e para a venda informal até os dias atuais.

Segundo a diretoria da cooperativa, 95 % dos produtores de uva de Jaguari são sócios da cooperativa Agrária São José, entregando suas uvas para elaboração de vinhos e sucos. A cooperativa possui em torno de 60 cooperados na atualidade, em sua maioria produtores de Jaguari, mas também conta com alguns de Jari, Santiago e Mata; estes associados não suprem toda a demanda de uvas, sendo necessário adquirir uvas de outras regiões do estado como a serra e a campanha gaúcha. Para os viticultores de Jaguari, a cooperativa é o principal canal de comercialização, pois ela mantém um preço mínimo, o qual nunca é menor que o preço de mercado. Desta forma, viabiliza-se a continuidade da produção da uva na região, pois se não houvesse a cooperativa, possivelmente os viticultores já teriam substituído a atividade por outras culturas, menos exigentes em mão de obra.

Passam pela história da uva e do vinho na região outros empreendimentos, como a Vinícola Irmãos Guerra e Cia, fundada em 1939, com tradição em vinhos artesanais, a qual também compra uvas dos produtores locais. As uvas produzidas na região são classificadas como uvas americanas, ou popularmente conhecidas como de mesa; são elas: Bordo, Isabel, Francesa, Niágara e a Goethe, esta última é pouco conhecida em outras regiões produtoras de uvas, tendo praticamente certificado de origem da região.

A cultivar de uva Goethe foi trazida pelos imigrantes e tem permanecido na região ao longo dos anos. Além disso, é um vinho apreciado pelo público local que possui características olfativas e gustativas que lembram o vinho fino de uva moscato, até mesmo pelo fato da uva Goethe apresentar em seu genoma genes da variedade *Vitis vinífera*. Os vitivinicultores buscam certificar a origem da uva no intuito de difundir a cultivar como um produto com origem de Jaguari.

Na localidade, produzir uvas é um hábito herdado dos imigrantes italianos, sendo que em algumas propriedades encontram-se videiras seculares, mantidas principalmente pelo valor histórico, pois a produtividade de uma videira secular já não é a mesma de uma videira jovem. Isso deixa claro, que a produção de uvas na região vai além de cultivar uma matéria prima para a comercialização e processamento, mas tem uma representação simbólica da

cultura dos antepassados, o que as famílias querem perpetuar, de alguma forma, através das vivências diárias.

Em função desse saber fazer herdado em torno da uva e do vinho, alguns produtores da região, com visão empreendedora resolveram se especializar mais no segmento vitivinícola e com o auxílio do SEBRAE, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha Campi São Vicente do Sul, fundam, em 2010, a Associação dos Produtores de Vinho e derivados de uva do Vale do Jaguari – APROVIJA. A associação compõem-se por cantinas formalizadas, que elaboram vinhos e alguns outros derivados como: suco de uva, doces cremosos e geleias. São empreendimentos considerados de pequeno porte, mas formalizados legalmente e com um relativo investimento em infraestrutura. Uma das regras para o ingresso na APROVIJA é a legalização dos empreendimentos, sendo necessário o registro como pessoa jurídica e o registro no Ministério da Agricultura, que é o órgão que regulamenta a produção de vinhos no país.

Dentre os objetivos da APROVIJA salienta-se o reconhecimento da região como produtora de vinhos e ainda o reconhecimento da uva Goethe como emblemática do município de Jaguari - RS.

- a) o desenvolvimento e incentivo à pesquisa vitivinícola, assim como a qualificação do produto vinícola e seus derivados;
- b) o desenvolvimento de ações que promovam a organização e preservação do microrregião dos municípios do Vale do Jaguari - RS, promovendo estudos e agindo junto às autoridades competentes para a elaboração de Leis adequadas ao atendimento deste objetivo;
- c) o estímulo e a promoção do potencial turístico da região, bem como o aprimoramento sócio cultural dos associados, seus familiares e da comunidade;
- d) desenvolvimento de ações educacionais;
- e) preponderar pela uva Goethe como emblemática do município de Jaguari - RS;
- f) preconizar produção de uva e de vinho de forma a não agredir o meio ambiente;
- g) a preservação e proteção à indicação geográfica dos vinhos e derivados da região “Vale do Jaguari” (ESTUTO APROVIJA, 2010, p. 1).

Nota-se que o ambiente organizacional em torno da cadeia da uva e do vinho em Jaguari possui organizações formais e informais, como em muitos outros segmentos. A Cooperativa São José é a maior em termos de número de associados, de estrutura da sede e de

abrangência em termos de mercado. Dentre os cooperados estão os vitivinicultores do Chapadão, os quais são foco desta pesquisa. A Cooperativa São José também é associada à APROVIJA, juntamente com outras seis pequenas vitivinícolas legalizadas e situadas no Chapadão.

Importante salientar que esta localidade do Chapadão é paisagisticamente privilegiada por belezas naturais, o que a tornou alvo turístico, inicialmente pelo turismo de aventura, ecoturismo e com o passar dos anos foi consolidando-se o turismo cultural; pela presença de atrativos simbólicos, ligados a gastronomia e a religiosidade italiana, como as festas tradicionais locais, queijos, pães e vinhos. Nesta região situam-se a maior parte dos vitivinicultores legalizados de Jaguari, dos quais, a maior parte é sócio da APROVIJA. As cantinas formais e informais disputam o espaço pelo mercado do vinho e derivados e também pelo turismo da localidade, que participa de uma rota denominada *Rota Nostra Colônia*.

Os vitivinicultores informais, por sua vez, são sócios da cooperativa, elaboram seus vinhos nas cantinas artesanais (agroindústrias caseiras) e normalmente comercializam na propriedade, em sua maioria, colocando no mercado local um vinho que de certa forma compete com o vinho formal da cooperativa, a qual pertencem, dividindo também mercado com o vinho dos vitivinicultores da APROVIJA, a qual a cooperativa faz parte. Ou seja, se a cooperativa é associada a APROVIJA, então os vitivinicultores informais também fazem parte da APROVIJA indiretamente.

A posição da cooperativa é de que os produtores cooperados devem entregar toda a uva para a cooperativa processar, pois a cooperativa é dos cooperados, logo todos os cooperados são proprietários da cooperativa. Neste sentido, é economicamente inviável produzir um vinho que venha a competir com seu próprio produto no mercado local, conforme mostra a (Figura 4).

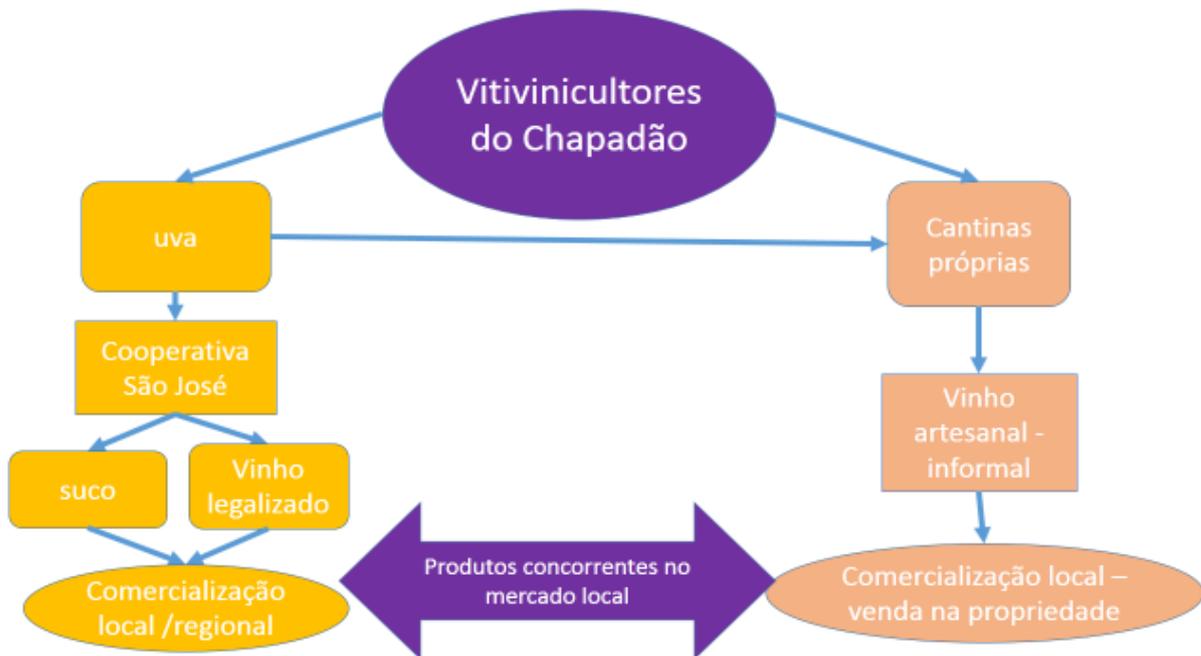


Figura 4 – Canais de comercialização dos Vitivinicultores do Chapadão

Fonte: Venturini, 2014.

Mas, ao mesmo tempo, a cooperativa auxilia os vitivinicultores do Chapadão a produzir o vinho informal, pois no momento em que os cooperados necessitam de assistência técnica para produção própria de vinho, levam amostras do produto a cooperativa para análise conforme comenta o entrevistado VIT 2, (2013) *“acredito que todos daqui já levaram amostras ao enólogo da cooperativa para fazer análise e dizer o que pode ser feito pra melhorar o vinho.*

Essa prática é habitual entre os vitivinicultores do Chapadão, principalmente em safras de baixo teor de açúcar na uva. Esse ato é consentido pela cooperativa, mesmo incentivando os associados a entregar toda a uva para cooperativa e não produzirem para venda informal, ainda assim, a figura do enólogo ajuda na parte técnica de elaboração do vinho informal, conforme pode ser visualizado no gráfico 1, elaborado a partir de entrevistas com vitivinicultores do Chapadão.

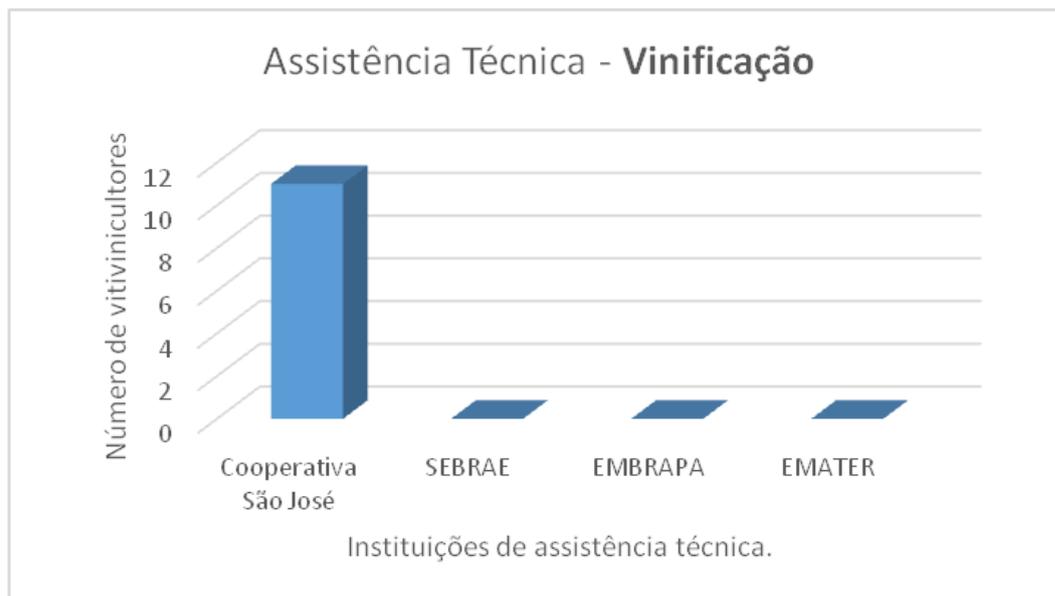


Gráfico 1 – Representação da assistência técnica para a produção de vinhos

Fonte: Venturini, 2014.

Os motivos alegados para esta prática, tanto pelos vitivinicultores, quanto pela direção da cooperativa, são variados; em primeiro lugar, por entender que esta pequena renda que entra na propriedade auxilia na viabilidade da família e que talvez ainda mantenha essas pessoas produzindo uvas ao poder elaborar seu vinho e comercializá-lo. Em segundo lugar, por entender que o processamento de vinhos é uma prática cultural dessas famílias e, também, por não querer se indispor com os associados, dos quais muitos são filhos ou netos dos sócios fundadores da cooperativa.

Vale ressaltar esse ambiente organizacional para compreender onde estão inseridos os vitivinicultores do Chapadão, dos quais onze fazem parte desta pesquisa. Primeiramente, conforme mostra a (Figura 5), todos são sócios da cooperativa, comercializando parte da produção para a cooperativa e retendo parte na propriedade para elaboração de vinhos. A cooperativa é associada a APROVIJA que por sua vez só aceita sócios legalizados, mas indiretamente acaba por englobar os vitivinicultores informais através da Cooperativa São José.

Portanto, o contexto organizacional da cadeia da uva e vinho em Jaguari acaba por se entrelaçar desta forma entre instituições formais e informais, sendo que neste meandro estão os vitivinicultores informais do Chapadão, os quais fazem parte do que convencionou-se chamar, balizados no referencial teórico, de rede Socioprodutiva da uva e vinho.

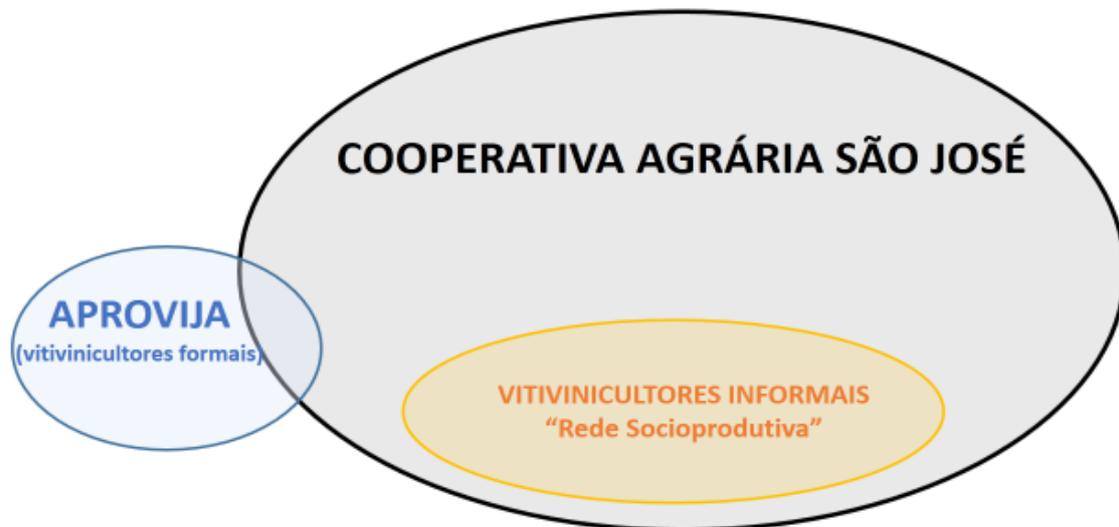


Figura 5 – Esquema das organizações da cadeia da uva e vinho de Jaguari

Fonte: Venturini, 2014.

#### 4.2 O contexto institucional e a produção do vinho informal

Nesta seção, buscou-se discutir o contexto institucional das agroindústrias familiares rurais ou cantinas artesanais como são chamadas popularmente. Essa discussão ocorre no sentido de trazer um dos pontos em comum entre os vitivinicultores do Chapadão. Eles produzem uvas e vinho, comercializando este último, informalmente em suas propriedades.

No atual contexto das políticas públicas brasileiras, a Agroindústria Familiar Rural (AFR) tem sido alvo de discussões quanto ao ambiente legal em que está inserida. As formas de processamento de alimentos artesanais, em sua maioria, não se enquadram nas exigências sanitárias.

A legislação sanitária, tributária e ambiental está voltada para grandes indústrias, as quais têm uma lógica de mercado e de desenvolvimento diferenciada das agroindústrias familiares rurais (AFRs). Mesmo entre AFRs existem diferenças, pois nem todas se utilizam de matéria prima própria, ou possuem mão de obra familiar, ou mesmo instalações e equipamentos, segundo determinações legais.

O processo de legalização pode não ser para todos, pois nem todos os agricultores que processam alimentos pretendem aumentar a escala de produção e fazer investimentos, muitos pretendem apenas agregar valor a alguns produtos que produzem, muitas vezes porque já

fazem o processamento para a família ou, em outros casos, simplesmente por ser uma renda extra, não compensando os investimentos exigidos para a legalização em pequena escala (MIOR, 2005).

A legislação, por sua vez, contempla a grande escala de produção e o circuito longo<sup>12</sup> de mercado obstaculiza o desenvolvimento destes empreendimentos rurais que buscam estratégias de sobrevivência, em muitos casos, agregando esforços coletivos. Organizações coletivas podem ser constituídas de forma tácita, por apresentarem um conjunto de normas tácitas ou consensuadas por parte dos atores, e outras podem ser constituídas formalmente com objetivos exclusivos de mercado (SILVEIRA; ZIMERMANN, 2004).

Embora somente a partir dos anos 90 a agroindústria familiar rural – (AFR) obteve reconhecimento por parte das políticas públicas, o ato de processar alimentos é importante para a reprodução das unidades de produção agrícola há muitos anos (MIOR, 2005). Tratava-se no passado de uma forma primitiva de conservar alimentos para épocas de escassez da matéria prima.

Neste contexto a agroindústria familiar rural, vem tornando-se objeto de algumas políticas públicas. Pode-se dizer que em função de trazer agregação de valor a matéria prima, mais renda, inclusão da mulher, e por vezes dos jovens é uma ferramenta desenvolvimento rural. Fomentar agroindústrias, mesmo que ainda pouco compreendidas em termos socioeconômicos, pelo fato de se resumir somente ao processamento de alimentos e bebidas, quando inserida no contexto da agricultura familiar, pode ser uma estratégia de desenvolvimento rural (WILKINSON, 1999; MIOR, 2005).

Diante destas ações torna-se indispensável discutir o conceito para agroindústria familiar rural. Segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA);

Agroindústria familiar rural é o espaço físico, uma construção civil, empregado para o beneficiamento e/ou processamento de matérias-primas agropecuárias em que o destino final da produção é a comercialização. A mão-de-obra deverá ser exclusivamente da família e sua localização no meio rural (FETAG, 2009, p. 4).

Para Mior (2005), devem ser considerados alguns aspectos que caracterizam a agroindústria familiar rural tais como: a localização no meio rural, a utilização de máquinas e equipamentos e escalas menores, procedência própria da matéria-prima em sua maior parte, ou de vizinhos, processos artesanais próprios, assim como predominância da mão-de-obra

---

<sup>12</sup> Circuito longo está relacionado a quantidade de intermediários que pode ter a cadeia produtiva de determinado produto, desde a matéria prima até o consumidor final e não tem a ver com a distância física entre o produtor e o consumidor, mas sim com o número de intermediários entre a produção e o consumo.

familiar. Pode ainda vir a ser um empreendimento associativo, reunindo uma ou várias famílias, aparentadas ou não.

Assume-se aqui o conceito de Agroindústria Familiar Rural como sendo aquela localizada na propriedade rural, que se utiliza de mão de obra familiar ou contratada temporariamente, a qual possui instalações e equipamentos para produção de pequena escala, e principalmente, processa matéria prima própria (WILKINSON, 1999; MIOR, 2005; VENTURINI; SILVEIRA, 2012).

As barreiras legais, sanitárias, ambientais e tributárias levam a maioria de agroindústrias familiares rurais ao arranjo de estratégias de sobrevivência frente ao mercado para poder comercializar, por vezes, organizando-se coletivamente como uma forma de enfrentar as adversidades, através de feiras por exemplo. Neste sentido normas tácitas são criadas pelos atores locais para compartilhar informações, assistência técnica, recursos financeiros e humanos, assim como recursos imateriais também, como por exemplo manifestações dos ritos ligados a cultura local.

Em geral, as famílias que processam alimentos e bebidas informalmente, continuam processando desta maneira por vários motivos; diversificação das atividades produtivas para maximizar o uso de pequenas áreas em relação aos produtores de uva e vinho, os quais não são apenas produtores de uva e vinho, possuem na propriedade outras atividades como soja, milho, pecuária de leite e corte, fumo; a vitivinicultura, na maioria das propriedades é a atividade principal, em outras atividade secundária, mantendo outras atividades produtivas durante todo o ano. O (Gráfico 2) mostra que em média os produtores apresentam 3 a 4 hectares de área destinado à viticultura.

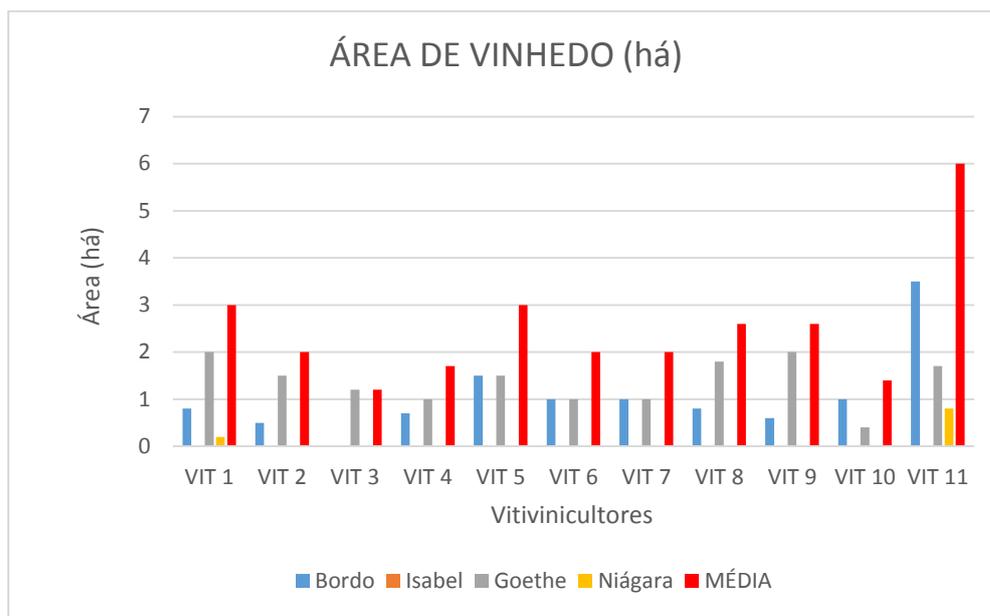


Gráfico 2 – Área de vinhedo dos vitivinicultores do Chapadão

Fonte: Venturini, 2014.

A vitivinicultura entra como um incremento significativo na renda familiar, em média os produtores elaboram cerca de 3.500 litros de vinho por ano, comercializando a R\$ 5,00 o litro, obtendo um valor médio bruto em torno de R\$ 17.500,00. Esse valor bruto é apenas da comercialização do vinho elaborado em cantina própria. Em geral a uva utilizada para a produção de vinho é de 10% a 20% da produção total, o restante da produção de uva é comercializada com a Cooperativa São José.

Ter um canal de comercialização definido para o produto *in natura* é outro motivo que faz com que esses produtores permaneçam na atividade, pois a Cooperativa Agrária São José compra a uva *in natura* diretamente na propriedade e produz vinhos e sucos de uva para comercialização regional e estadual.

Embora exista uma questão político-institucional que inviabiliza a legalização destes vitivinicultores, eles continuam produzindo, por terem motivos financeiros e culturais também, pois elaborar vinhos é um hábito cultural que está no território<sup>13</sup> do Chapadão. Além

<sup>13</sup> O território surge como “resultado de uma ação social, que de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente) e é por isso denominado de construção social” (FLORES, 2006: 4). Neste sentido, se percebe o território construído como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento de seus atores ao espaço de ação coletiva, criando-se laços de solidariedade entre estes por meio de identidades partilhadas (BRUNET, 1990). No entanto, autores como Souza (2003) e Haesbart (2002) atentam para o território não apenas como expressão do espaço construído, mas também como um cenário, onde atuam forças e relações de poder. O conceito de território está calcado nas relações

do que, esta condição de informalidade do vinho do Chapadão vem sendo cada vez mais fomentada por uma clientela fiel ao vinho artesanal, a qual tem preferência por um vinho reconhecido como “colonial” ou “de colônia” (Imagem 4). Conforme pode-se visualizar pelo Gráfico 3 existe uma tradição familiar de produção de vinhos na região.



Imagem 4 – Local de comercialização do vinhos na propriedade VIT 5

Fonte: Venturini, 2014.

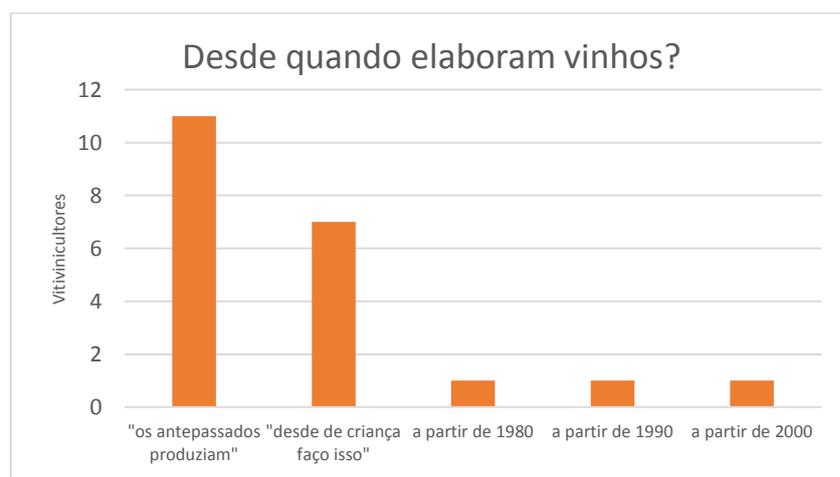


Gráfico 3 – Histórico da produção de vinhos da região

Fonte: Venturini, 2014

---

dos indivíduos dentro do espaço que convivem que resultando uma prática social que afere as atividades produtivas e condições de sociedade.

Mas, da mesma forma que esses produtores tem consciência que oferecem um produto que agrada aos consumidores, também sentem-se coagidos por outros produtores de uva e vinho legalizados da região, os quais fazem denúncias aos órgãos fiscalizadores. Neste sentido, os produtores do Chapadão buscam estar mais coesos enquanto produtores informais de vinho (Imagem 5), unindo-se também perante as relações de mercado e produção.



Imagem 5 – Equipamentos e instalações na Propriedade VIT 5 (a esquerda desengaçadora de uva e a direita recipientes de armazenamento do vinho)

Fonte: Venturini, 2014.

Marques (2010), aponta que a organização em rede pode ter um lado positivo ou um lado negativo, ao retratar que redes segregam, exemplificando que podem segregar na pobreza, ou no desenvolvimento. Salientou-se nesta seção o contexto de informalidade da produção de vinhos dos produtores do Chapadão, que agregam-se na informalidade e acabam por interagir com os iguais, neste caso informais, com aqueles que encontram homofilia nas relações. Nesse tipo de relação se sobressaem os laços fortes de amizade e confiança. Os informais juntam-se com informais, essa similaridade de comportamentos pode explicar a homofilia.

### 4.3 A influência das políticas públicas na formação da rede – “A experiência do PRORENDA”

Nesta seção apresenta-se a experiência do projeto PRORENDA, o qual marcou sua importância no processo de aprendizado organizacional dos grupos de agricultores beneficiados, dentre eles o grupo da localidade do Chapadão. O PRORENDA surgiu a partir de uma proposta do governo federal em parceria com a Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ), o qual foi executado em vários estados brasileiros, inclusive no Rio Grande do Sul, onde perdurou 9 anos, dando assistência organizacional e recursos financeiros a grupos de agricultores do Estado (BROSE, 1999).

A importância de abordar a execução deste projeto no Estado e, principalmente, sua atuação no município de Jaguari, é vista pelas informações prestadas pelos entrevistados, reforçando seu papel como propulsor do início das ações compartilhadas em torno da cadeia da uva e vinho. As citações dos entrevistados em relação ao PRORENDA mostram que o princípio da organização coletiva para aquisição de equipamentos, trocas e ajudas no meio rural se deram através de um processo de aprendizagem organizacional.

O projeto teve início, através da parceria com GTZ e o Governo Federal em 1987, mas no Rio Grande do Sul iniciou a fase piloto em 1989 se concretizando durante a década de 90. Consistiu em uma iniciativa para fortalecer a agricultura familiar do estado, no sentido de não dar somente o peixe, mas ensinar a pescar, motivar as comunidades rurais para trabalhar juntas organizadamente, propondo descentralização, integração e participação tanto para os agentes de desenvolvimento local, quanto das famílias de agricultores nas comunidades rurais.

Para modificar o enfoque tradicional de projeto públicos, centrado no fluxo de desembolso de recursos, o projeto *PRORENDA Agricultura Familiar/RS* foi planejado para priorizar e operacionalizar os princípios de **descentralização** das ações, **integração** das instituições e da ativa **participação** de todos os atores no processo, baseando-se no potencial de auto ajuda das famílias rurais e na co-gestão destas com as instituições, para iniciativas que visem romper o círculo vicioso do paternalismo e da dependência (BROSE, 1999, p. 17).

O projeto foi operacionalizado a partir de uma estratégia motivacional no sentido de gerar autonomia nas famílias rurais, onde foi fomentado nas comunidades rurais a capacidade de resolver seus problemas de forma coletiva. O projeto visava organizar agricultores dentro de suas lógicas de trabalho com enfoque nas cadeias produtivas locais, articulando órgãos governamentais estaduais e federais, prefeituras, organizações de classe e não governamentais e representações da iniciativa privada, buscando dar conta das demandas das comunidades

rurais, implementando ações de baixo para cima com a participação dos atores locais no intuito de promover um desenvolvimento mais sustentável.

Um processo de desenvolvimento só é sustentável se houver um considerável incremento na capacidade de solução autônoma de problemas e limitações em ambos os lados, nas organizações comunitárias e nas instituições prestadoras de serviços (BROSE, 1999, p. 18).

No projeto em nível nacional foram definidos três públicos: agricultores familiares, populações urbanas de baixa renda, microempresários artesãos formais e informais. No Rio Grande do Sul, o público atingido pelo PRORENDA girava em torno dos agricultores familiares, os quais, foram organizados em grupos de acordo com a necessidade de assistência visualizada pelo governo da época. O projeto iniciou com os grupos de assentamentos de reforma agrária de Santiago, os citricultores do Vale do Caí e os produtores de hortigranjeiros do Litoral Norte, mas no decorrer dos anos a equipe foi capacitando mais técnicos locais com o objetivo de melhor atender as famílias beneficiadas e também ampliar o escopo de ação, descentralizando o projeto com organizações regionais.

Em 1995 atingiu o município de Jaguari que fazia parte do Conselho Regional de Desenvolvimento Centro (COREDE-Centro), juntamente com outros quatro municípios, coordenados agora pela URI Campus Santiago. Coube a cada município com uma equipe técnica treinada pela equipe maior do PRORENDA auxiliar na execução do projeto. Os técnicos municipais tiveram como ponto de partida a organização de grupos formais ou informais a partir do que já existia, além de associações e cooperativas.

O objetivo superior do projeto era melhorar a qualidade de vida dos pequenos produtores rurais, utilizando-se da mobilização do potencial de auto ajuda e mínima intervenção estatal. Dentre os objetivos específicos do projeto no estado destacam-se dois que auxiliaram na organização da rede socioproductiva dos produtores do Chapadão: a organização do público alvo na criação de fundos de crédito rotativo para serem operados de acordo com as decisões do grupo; fortalecer a autoconfiança.

Este projeto estimulou nos agricultores alguns princípios como: responsabilidade dos agricultores, liberdade de organização, negociação com outras entidades, reforçando práticas democráticas pela possibilidade de um trabalho a médio/longo prazo com capacitação continuada. Alguns resultados sentidos pelos beneficiários foram relatados por Brose (1999), como a participação que promoveu coesão entre as pessoas da comunidade, as quais quanto mais se conhecem, mais aumentam a capacidade de articulação e negociação entre elas e dessas com agentes externos à comunidade.

Brose (1999) traz alguns relatos de agricultores participantes do PRORENDA, sendo que ressalta-se que o agricultor perde a vergonha de ser colono e começa assumir sua identidade profissional com orgulho, participando mais das decisões da comunidade. Tal relato condiz com relatos feitos durante as entrevistas desta pesquisa com os vitivinicultores do Chapadão sobre a participação no PRORENDA.

A gente começou a participar mais, juntos com os vizinhos e assumir cargos na comunidade e também fora dela, até na secretaria de obras do município como foi meu caso (VIT 7, 2013).

O trabalho em grupo que teve início de forma mais incisiva na década de 90 com o PRORENDA, segundo relatos dos vitivinicultores, permitiu uma maior circulação de informações, sendo o clube Internacional do Chapadão um espaço catalizador da interação entre eles na época do projeto. Conforme Martinho (2010), estes espaços, como o clube do Chapadão, por exemplo, são catalizadores de organizações em rede e neste caso, ele se mantém até os dias atuais como o local de encontro para atividades de trabalho, lazer entre outros.

[...] ir ao clube é se informar do que tá acontecendo, não somente na casa do vizinho e com a família dele, mas com a produção da uva, quais as pragas que atacaram o que o compadre fez pra prevenir, quem ele chamou pra ver o que tinha o vinhedo e assim por diante, é onde a gente conversa sobre a vida, joga papo fora e também fala sobre a lavoura e política, de tudo um pouco (VIT 6, 2013).

O PRORENDA se utilizou de uma metodologia intitulada método dos 10 passos, os quais serão apresentados sucintamente: Apresentação da proposta do projeto à comunidade, avaliação da proposta do projeto e tomada de decisão das famílias quanto a formação de um grupo ou utilização do grupo já existente; avaliação da tomada de decisão da equipe, diagnóstico comunitário; análise do diagnóstico; definição dos objetivos e prioridades do grupo; avaliação das prioridades; planejamento comunitário; compatibilização do plano de ação com outros grupos; reunião de negociação.

A metodologia dos dez passos do PRORENDA foi de extrema importância na motivação organizacional dos grupos beneficiados deixando resultados na organização dessas comunidades até os dias atuais.

Uma das primeiras atividades que a maioria dos grupos desenvolveu – ou logo após – o processo de formação, consiste em testar seu recém-adquirido poder de barganha e organizar a compra conjunta de insumos com sensíveis reduções nos preços pagos. Mas outras atividades começam a ser desenvolvidas; alguns grupos levam mais tempo, outros são mais rápidos na formação de opinião consensuada (BROSE, 1999, p. 104).

Neste sentido, várias ações conjuntas foram sendo desenvolvidas no processo de aprendizagem como: atividades produtivas, individuais e coletivas; ações de desenvolvimento das unidades produtivas e processos grupais para fortalecimento da cidadania. Estes 10 passos foram trabalhados de forma minuciosa e incisivamente pela equipe com os grupos ao passo que perduraram-se por nove anos de projeto. É uma forma dialogada de motivar pessoas a trabalhar coletivamente, sendo apenas o início para estimular ações conjuntas. Brose (1999) comenta que ao longo do tempo alguns grupos deixam de existir durante a aplicação dos 10 passos, outras famílias se retiram por falta de interesse no que a maioria quer, podendo também surgir grupos por aproximação geográfica ou por aproximação produtiva, ou seja os 10 passos não garantem que esses grupos vão se manter no tempo e no espaço.

Existe clareza entre os atores envolvidos no projeto de que o Método dos 10 Passos por si só não soluciona a situação problemática da agricultura familiar. Mas a prática tem demonstrado que em muitas situações ele é o gatilho inicial de um processo de maior responsabilização de ambos os atores e que possibilita o início de uma nova forma de relação entre as famílias e os técnicos, motivando novas posturas quanto ao desenvolvimento rural (BROSE, 1999, p. 149).

Uma das motivações iniciais para a entrada de grupos no projeto foi a esperança de conseguir recursos financeiros, pois era de conhecimento das famílias beneficiadas que na parceria do governo do estado com a GTZ haviam sido acordados recursos a fundo perdido. O recurso pode ter sido o desencadeador da participação, mas somente era concedido aos grupos que chegavam ao décimo passo e organizavam o planejamento estratégico com as prioridades coletivas acompanhados pela equipe.

Dentro da metodologia do projeto, este fundo foi chamado de *senal de confiança* por ser um recurso financeiro dado ao grupo, destinado para investir no que foi escolhido pelo grupo, de forma coletiva, o qual seria devolvido ao grupo como um fundo rotativo para próximos investimentos a partir de tomadas de decisão futuras.

O enfoque básico do projeto preconiza que as famílias rurais é que são responsáveis pela melhoria da sua qualidade de vida. Elas devem tomar este processo em suas próprias mãos sem esperar por mais ninguém e ativamente demandarem os recursos e serviços de apoio de que necessitam junto a órgãos públicos e organizações não-governamentais. Isso implica uma mudança de postura dos técnicos e das lideranças para que se rompa o círculo vicioso do paternalismo (BROSE, 1999, p. 103).

Os grupos de Jaguari que participaram do PRORENDA, segundo Brose (1999), tiveram desempenho satisfatório, onde a maioria obteve sucesso na implementação das ações previstas nos planejamentos, todos os grupos efetuaram compras coletivas de aquisição de implementos, de insumos e um dos grupos até se formalizou. Importante salientar que para as

famílias foi importante o projeto, principalmente, pelo contato mais próximo com agentes locais, a abertura de diálogo com os órgãos de representação do município.

Na avaliação do PRORENDA sobre os resultados dos grupos de cada município, em Jaguari, a participação, a cidadania, o processo pedagógico e a mudança de comportamento foram citados por Brose (1999) como principais resultados.

Nesta seção buscou-se clarear como se deu o processo de formação da rede socioprodutiva do Chapadão. A história local apontou o fomento da rede a partir de iniciativas do projeto PRORENDA, sendo que o processo de aprendizagem coletiva proporcionado pela aplicação dos *dez passos* manteve a capacidade dos sujeitos de continuarem se organizando coletivamente.

#### **4.4 Caracterização da rede Socioprodutiva do Chapadão**

Uma rede pode ser compreendida como uma organização de pessoas em um processo de interação, motivadas por elementos que sustentam esta rede (FRANCO, 2009). Compreendendo rede socioprodutiva pela configuração organizacional, formal ou informal, representada por um conjunto de pessoas conectadas de forma horizontal, ou seja, não hierarquizada. A rede socioprodutiva foi aqui representada por um conjunto de pontos interligados (membros) e linhas que representam as relações sociais em diferentes dimensões. Organizado de forma horizontal e não-hierarquizada, a partir de interesses coletivos em torno de uma determinada atividade produtiva, neste caso as atividades vitivinícolas do Chapadão em Jaguari - RS.

Esta não é uma nova rede a ser apresentada dentre as tantas existentes, mas uma organização em rede, constituída informalmente por produtores de uva e vinho (vitivinicultores), e que possui atributos eleitos a partir de uma leitura escolhida e a partir de uma realidade objetiva, a qual pode vir a contribuir com outras análises de redes sociais do meio rural.

Conforme dados coletados a campo a maior partes dos vitivinicultores do Chapadão possui descendência dos Imigrantes Italianos, conforme (Gráfico 4) e (Imagem 6). Estes sujeitos rurais, dentro de seu modo vida, continuam a praticar atividades e ritos da sua etnia (MARCHIORI, 1999). Considera-se importante trazer este dado para a caracterização da rede pela homofilia existente com relação a alguns hábitos e costumes locais proporcionados por

essas semelhanças entre atributos sociais e culturais, os quais geram uma agregação em torno dos interesses comuns.

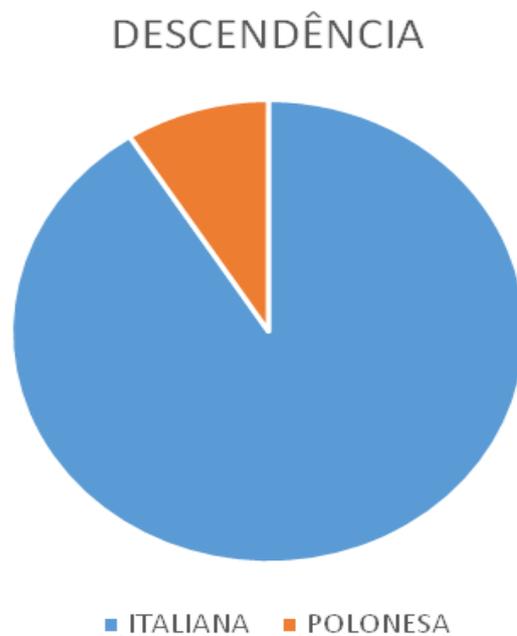


Gráfico 4 – Descendência étnica dos vitivinicultores do Chapadão

Fonte: Venturini, 2014.



Imagem 6 – Residência secular na propriedade VIT 5

Fonte: Venturini, 2014.

Quando perguntado aos entrevistados por que ainda produzem vinho, sendo que a cooperativa compra a uva, uma das respostas era em torno de hábito, entre outras, como o acréscimo na renda. Sabe-se que alguns autores, como Bourdieu (2003) explicam o hábito, mas não é a intensão neste trabalho, e sim salientar a existência desta prática que está vinculada a práticas e hábitos alimentares locais (Imagem 7).



Imagem 7 – Produção de queijos (a esquerda) e produção de licores (a direita)

Fonte: Venturini, 2014.

A assistência técnica para esses produtores torna-se importante, visto os hábitos culturais de produção. Durante as entrevistas frisaram a importância de conhecer as técnicas que aumentem a produtividade, de se utilizar da renovação do vinhedo, da limpeza do vinhedo durante a poda, entre outros tratos. Conforme mostra o Gráfico 5 atualmente a cooperativa, a partir da contratação de um técnico em viticultura, tem ofertado assistência técnica de qualidade aos associados. Mas em outros períodos parcerias com Embrapa Uva/vinho de Bento Gonsalves, SEBRAE, Emater/RS já foram os principais órgãos de assistência técnica. Conforme respostas dos entrevistados, seis citaram a assistência técnica da Emater, assim como outros 8 apontaram a Embrapa e atualmente a maioria percebe a Cooperativa como órgão de assistência técnica para a produção da uva.

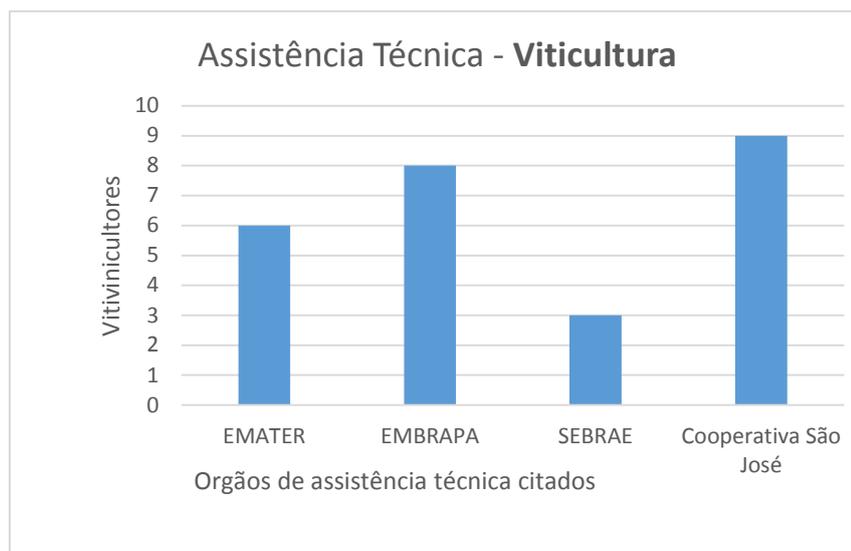


Gráfico 5 – Representação dos órgãos de assistência técnica para a Viticultura dos produtos do Chapadão

Fonte: Venturini, 2014.

No município, a maior problemática enfrentada é a sucessão familiar. Existem diversas discussões sobre esta questão na atualidade, como despertar o jovem para as atividades produtivas (Imagem 8). A questão da sucessão familiar não é este trabalho não é foco de discussão deste trabalho, apenas salienta-se por ser um dos fatores que contribuem para a falta de mão de obra nas UPAs. Esta avaliação é feita pelos vitivinicultores locais, ao salientarem que *“uma vez tinha mais pessoas nas famílias para fazer os mutirões de ajuda, hoje já ficou mais complicado”* (VIT 1, 2013).

O (Gráfico 6) mostra como os vitivinicultores locais fazem a partir da necessidade de mão de obra, comprovando que atualmente a contratação de mão de obra principalmente na colheita é maior, mas ainda fazem trocas de serviços, os *mutirões* ainda ocorrem entre algumas famílias da localidade.



Imagem 8 – Filhos de um dos vitivinicultores ajudando e aprendendo o ofício da poda  
 Fonte: Venturini, 2014.

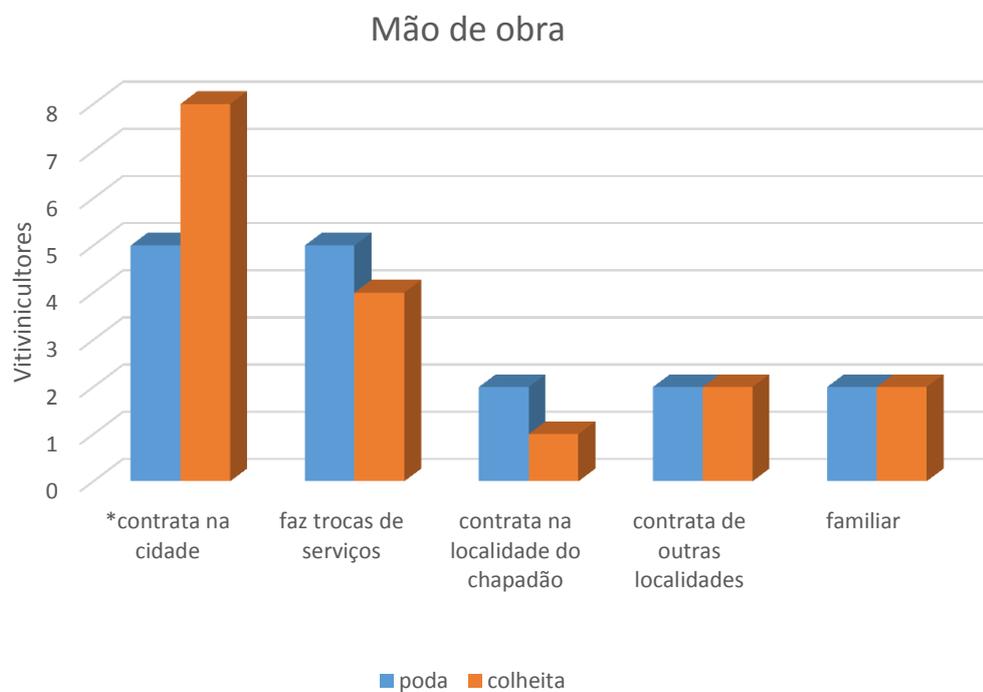


Gráfico 6 – Utilização da mão de obra para poda e colheita da uva no Chapadão  
 Fonte: Venturini, 2014.

Franco (2009), salienta que uma rede mais distribuída não possui organização hierárquica, e este é um fator importante de ser avaliado na rede socioprodutiva do Chapadão. Os produtores se relacionam sem hierarquia, não descartando a possibilidade de uso de poder, a partir da habilidade social de alguns membros, mas isto se dá de forma muito pacífica nas relações cotidianas pelo que os entrevistados representaram durante os diálogos.

As organizações formais, como cooperativas, empresas, associações, sindicatos, pressupõe uma sede, para dar forma física a esta organização, mas uma organização em rede informal, dirigida pelas relações colaborativas entre seus membros, as interações ocorrem no espaço<sup>14</sup> onde estão inseridos os membros. No caso da rede socioprodutiva do Chapadão pode-se perceber locais que Giddens (1991) recupera como pontos de acesso, os quais são locais onde ocorrem as conexões entre indivíduos ou coletividades. São lugares vulneráveis para se dar o início do compartilhamento de ações.

A localidade possui o clube Internacional do Chapadão (imagem 2), e é neste local que ocorrem as reuniões da comunidade, ocorrem as festas locais, e os encontros para lazer aos finais de semana e até mesmo em alguns dias da semana, durante a noite. É no clube que a confiança generalizada que Granovetter (2003) trata, ganham força através das relações colaborativas. Pois é no clube, que por vezes são fechados os negócios de compartilhamento de equipamentos, são transmitidas informações sobre os tratos culturais, sobre quando começar a poda, ou a colheita, sobre a previsão do tempo e também são organizadas festas na localidade, enquanto se jogam cartas e se bebe vinho. É neste ambiente que os elementos confiança e reciprocidade podem ser mantidos ou reforçados.

De certa forma existe um fator que, pode-se dizer, favorece algumas relações dentro de uma organização em rede. A posição geográfica dos membros não pode ser descartada. Não é o mais importante mas a proximidade ajuda, principalmente quando se pensa no compartilhamento de equipamentos. Se os membros que compartilham estiverem muito distantes geograficamente pode haver desinteresse pela ação, por gerar dificuldade de deslocamento. Mas salienta-se que não é fundamental, porque pode haver aglomerados

---

<sup>14</sup> “o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. (MILTON SANTOS, 1999, p. 18). “O espaço é entendido como produto de um processo de relações reais que a sociedade estabelece com a natureza (primeira ou segunda). A sociedade não é passiva diante da natureza; existe um processo dialético entre ambas que reproduz, constantemente, espaço e sociedade, diferenciados em função de momentos históricos específicos e diferenciados. [...]. O espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz. Ele é um produto desigual e contraditório à imagem e semelhança da sociedade que o produziu com seu trabalho” (CARLOS et al., 2002, p. 165).

próximos geograficamente e não organizarem-se em rede por não possuírem elementos que são importantes, como confiança, reciprocidade e interação.

Existe na localidade um conjunto complexo de relações entre membros em torno da cadeia da uva e vinho e por isso buscou-se analisar em duas dimensões, no intuito de focalizar análise descritiva dentro de uma dimensão sociocultural e uma dimensão econômico-financeira. Foi uma opção de análise na medida em que se poderia analisar por outros aspectos que não estão postas aqui, como, por exemplo, a dimensão mercadológica, ambiental, cultural, entre outras. Mas escolheu-se estas duas, dimensão econômico-financeira e sociocultural por compreender a partir do discurso do entrevistado e a partir do que o referencial teórico trazia, que as relações se davam mais no âmbito dessas. E por fim, optou-se por denominar rede socioprodutiva por avaliar que as relações sociais influenciam na produção da uva e vinho na respectiva localidade e vice versa.

Para dar sustentação à pesquisa foi necessário saber quais relações colaborativas eram praticadas pelos vitivincultores, ou seja, o que era compartilhado entre os membros. A partir da participação em reuniões na comunidade, conforme apresentado na metodologia, observou-se que os vitivincultores compartilhavam mão de obra durante a poda e a colheita, compartilhavam o que chamamos de ritos da cultura local durante as festas da localidade e compartilhavam equipamentos fazendo compras coletivas.

Considerou-se que o compartilhamento de recursos tangíveis, financeiros (compra de equipamentos coletivo) e recursos humanos (troca de mão de obra para poda e colheita) estão mais presentes na dimensão financeira. Contudo, entende-se que por essas ações de compartilhamento de recursos materiais também perpassam compartilhamento de recursos intangíveis, como reciprocidade e confiança, que estão na dimensão sociocultural.

Uma rede se forma a partir de um conjunto de ações que fomentam a continuidade da participação, que dão dinamismo para os membros continuarem interagindo. Estas ações de animação, conforme Martinho (2010), promovem o interesse, ou o desinteresse, pois nem todos os indivíduos tem o mesmo nível de participação (MORENO, 1969).

No mapeamento das ações da rede expresso pelo sociograma pode-se perceber indivíduos participantes como ativos, isolados e periféricos. Conforme pode ser visto na (Figura 6) existem membros ativos e alguns periféricos, mas isolados nenhum. Não apareceram membros isolados em nenhum dos sociogramas (MORENO, 1969; CALGARO NETO; DIESEL, 2009).

Os elementos presentes nas relações socioprodutivas são: interesse, interação, confiança e reciprocidade, os quais aparecem nas duas dimensões, embora que mais

fortemente em uma do que em outra, como é o caso do interesse, que é motivador para a organização em rede, e se apresenta mais forte na dimensão financeira. Sem o auto interesse não há nenhum tipo de compartilhamento.

Para compreender essas relações que se dão em torno do compartilhamento de recursos econômico - financeiros foram realizadas três perguntas, sendo a primeira referente ao compartilhamento de equipamentos: “*Quais destes vizinhos (abaixo citados) que produzem uva e vinho é mais fácil comprar equipamentos juntos? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*”.

Para organizar as respostas fez-se uma matriz que pode ser visualizada no Anexo A, e a partir desta matriz com o uso do programa Netdraw e ucinet<sup>15</sup> representou-se a relação em um sociograma conforme (Figura 6), que mostra como se conectam os membros em de determinada ação (neste caso o compartilhamento de equipamentos). Vale ressaltar que um sociograma não representa a rede, mas cada sociograma visa representar um conjunto de atos relacionais em torno uma ação da rede socioprodutiva que envolve a cadeia produtiva da uva e vinho no caso em estudo.

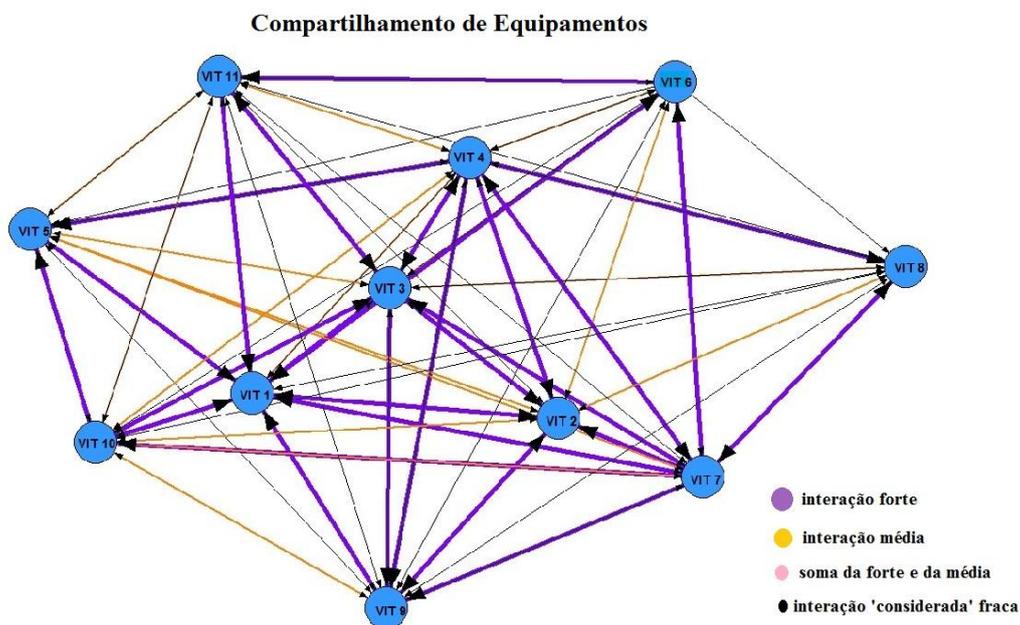


Figura 6 – Sociograma do compartilhamento de equipamentos

Fonte: Venturini, 2014.

<sup>15</sup> O uso dos programas Netdraw e Ucinet foi no sentido de demonstrar graficamente a organização em torno da ação compartilhada, fazendo uma análise descritiva conforme a bibliografia escolhida sem utilizar os índices do programa Ucinet.

Analisando a (Figura 6), nota-se que aqueles que estão dispostos mais na centralidade do sociograma são os membros da rede que possuem uma interação maior, ou seja, aqueles mais ativos, os quais através das notas dadas pelos outros componentes da rede se aproximavam da nota 1. Os membros mais periféricos são aqueles que não compartilham muito desta ação, o que não significa que não possuem interesse, tanto que possuem conexão, mas são designados pelos outros membros como “menos confiáveis”, ou também mais distantes geograficamente, o que influencia na hora de pensar o compartilhamento de ação.

O interesse no compartilhamento de equipamentos leva a interação de determinados membros da rede, em torno de uma ação, que neste caso é mais colaborativa do que cooperativa. Os laços promovidos durante a ação configuram-se mais em laços fortes do que laços fracos, denotando a presença da confiança e a reciprocidade entre os atos relacionais. Se não houver confiança não existe uma nova negociação, mas a resposta dos atores é interpretada de forma que respondessem que fariam novamente uma aquisição de equipamentos com os membros apontados. Aqueles que possuem uma ligação entre eles em roxo possuem a maior probabilidade de negociação por haver forte interação e confiança, laços fortes. Já, há alguns casos, onde os membros não retornariam a negociar ou teriam mais dificuldades para fazer uma aquisição de equipamento coletiva, essa afirmação está expressa na (Figura 6) pelas linhas finas em preto.

Nota-se que existem membros que interagem mais no compartilhamento do interesse na dimensão financeira que proporciona a redução de custos na produção da uva e vinho. Os equipamentos adquiridos pelos membros da organização estão mais voltados a produção do que ao processamento, pois o processamento ainda é realizado com equipamentos antigos, conforme mostra a (Imagem 5).

Nas organizações em rede é muito comum existirem micro redes, ou, tríades fechadas. Algumas possuem interação forte, outras nem tanto. Tríades fechadas promovem uma rede positiva, onde a informação circula de forma descentralizada, promovendo uma maior comunicação entre os membros. As micro redes se aproximam em determinadas ações colaborativas e se afastam posteriormente podendo retornar ou não, dependendo do interesse e do grau de confiança que gerou a relação colaborativa.

Conforme Calgaro Neto e Diesel (2009), o pressuposto para a interação da rede é a existência de interesses coletivos, e cada membro possui seus objetivos individuais, mas comungam de objetivos grupais que favorecem a sinergia da organização. Neste sentido, percebe-se que os interesses estão presentes na formação e sustentação da rede, mas

principalmente na formação, tornam-se o motivador. Para sustentação da organização deve existir dinamismo suficiente para que não ocorra desinteresse (MARTINHO, 2010).

Em geral, as organizações possuem grande força ao promoverem ações de interesse numa dimensão mais financeira, mas numa dimensão econômico o interesse pode ser importante. A troca de mão de obra nas atividades agrícolas foi uma prática existente nas comunidades rurais. Com as mudanças contemporâneas no mundo do trabalho e ainda a redução de famílias no meio rural ocorreu uma redução e quase inexistência dessa prática.

Observou-se que na localidade do Chapadão ainda existem alguns mutirões de troca de serviços, o tentou-se demonstrar pelo sociograma do compartilhamento de mão de obra. Esta ação ocorre tanto numa dimensão econômica, objetivando a economia de escala e de escopo, quanto numa ação sociocultural, por estar relacionada com aspectos de confiança e reciprocidade na troca de mão de obra.

A (Figura 7) apresenta como ocorrem as conexões quanto ao compartilhamento de mão de obra durante a colheita da uva entre os entrevistados. Ao responder a seguinte questão: “*Quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil de fazer troca de serviço durante a colheita? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*” elaborou-se o sociograma da Figura 7.

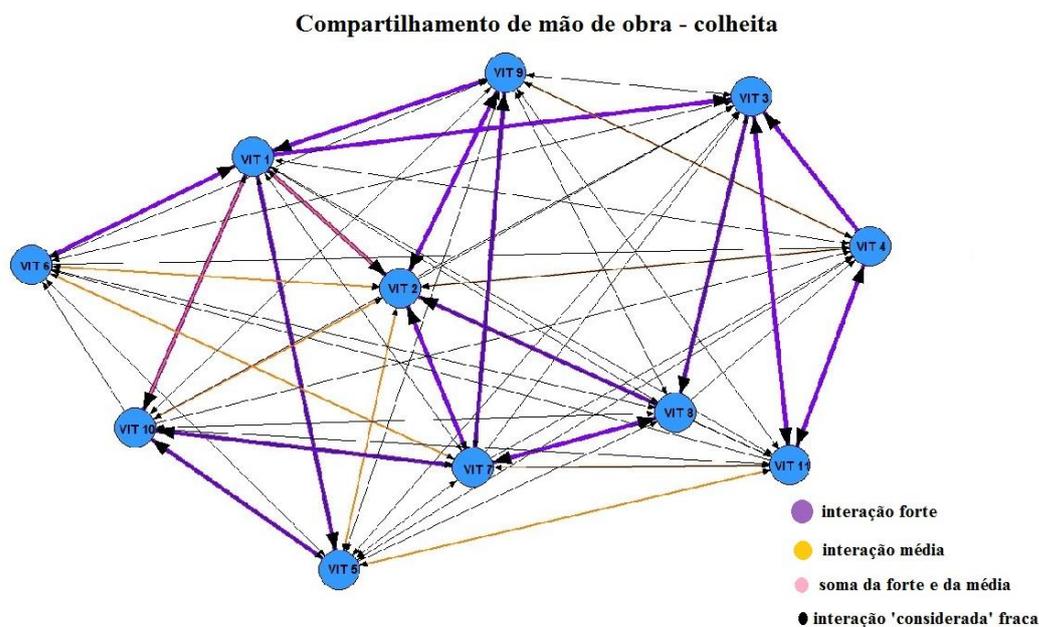


Figura 7 – Sociograma do compartilhamento de mão de obra – colheita

Fonte: Venturini, 2014.

O compartilhamento de mão de mão de obra, assim como o de equipamentos, se dá em um processo de interação; são ações colaborativas que os movem, colaboram durante o período de trabalho. O interesse na troca de mão de obra existe, mas pela fala dos vitivinicultores essa é uma prática que está cada vez mais difícil de realizar, em função da sucessão familiar, em tempos passados já foi maior. Os núcleos familiares se reduziram, e os filhos, na maioria dos casos saem da propriedade para estudar e não retornam mais. Conforme a fala do produtor VIT 4:

Seria bom poder ir na casa do vizinho e ajudar na colheita, por que depois, ele vem aqui com a família dele e ajuda a gente. O problema é que não tem mais tanta gente pra isso, então tem que trazer de fora; e ainda a uva não espera pra ser colhida, por isso na poda a gente se ajuda mais aqui na vizinhança (VIT4, 2013).

Ainda que reduzida em relação a tempos passados os dados coletados a campo mostram que ainda se faz troca de serviços e pelo sociograma pode-se observar a densidade rede, ou seja, o número de conexões existentes é menor no sociograma de compartilhamento de equipamentos na (Figura 6). O interesse nessa ação torna-se fraco, em função de todos terem que atender aos seus vinhedos antes de atender ao do outro. O autointeresse acaba por pesar mais nessa relação. A interação ocorre como mostram as flechas roxas, mas se dá mais dispersa no gráfico, o que estabelece relações mais pontuais, a representação das conexões mostra que existem algumas micro redes que atuam mais fortemente na troca de mão de obra na colheita, mas a maioria não faz mais essa prática, mas fariam se houvessem mais pessoas para contribuir.

Devido ao ponto de maturação na colheita, a precibilidade do produto, aliado ao planejamento de recepção da matéria prima na Cooperativa São José, os produtores não podem esperar muito tempo para fazer a colheita, e todos possuem seus vinhedos que encontram-se praticamente no mesmo ponto de maturação. Por isso durante o período de poda a troca de serviços é maior. Pode-se perceber pelo sociograma da (Figura 6) que existe uma proximidade maior entre os nodos o que confere uma confiança e o número de flechas reciprocas o que confere uma reciprocidade maior, e ainda observa-se a presença de linhas que conferem interação um pouco mais forte que no sociograma da (Figura 7), sendo mais voltada para uma dimensão sociocultural do que propriamente econômico-financeira.

Os laços construídos em função desta ação configuram-se em laços mais fortes do que laços fracos e um dos elementos que chama mais atenção é a presença da reciprocidade. A fala do VIT 4 era comum de ouvir entre os entrevistados “*por isso na poda agente se ajuda mais aqui na vizinhança*”, quando se conversava sobre a questão da troca de serviço,

complementavam dizendo que quando alguém recebia a ajuda no vinhedo durante a colheita ou na poda, era certo que iria “retribuir” a ajuda. Isso é reciprocidade, o ato de dar, receber e retribuir, mas não é isento de interesse, ocorre muito pelos laços existentes na localidade.

Pode-se compreender que os laços fortes mantêm as relações, são aqueles com representam mais confiança e reciprocidade, e podem ser observados no sociograma pela densidade e pelo número de flechas recíprocas respectivamente. O compartilhamento de ações dos vitivinicultores do Chapadão ocorre entre eles, ou seja, para com eles, nota-se que existe uma dificuldade em construir novos laços, que são os laços fracos que Granovetter (1987, 2003), discute. Pode ser em função do contexto de informalidade do vinho, que reforça a homofilia, em função até de se sentirem seguros enquanto comunidade e pelo suporte dado pela Cooperativa São José. Enfim, o fato é que estão coesos pelos laços fortes, mas correm riscos enquanto organização por não ampliar a rede através da construção de laços fracos.

apenas um adendo comparativo, diferentemente da rede formal do local, a APROVIJA, possui mais laços fracos que os laços fortes, mostrando uma maior abertura a parcerias no intuito de ampliação do mercado, mas possuem a lógica de empresas formalizadas do setor.

A presença da confiança configura-se muito em função da proximidade com os outros membros que são vizinhos, pois existe o fato de se conhecerem a anos, mas todavia essa confiança se dá no conhecimento técnico, pois é melhor conseguir trocar serviço com alguém que tem prática e sabe o que está fazendo, sobretudo na poda, do que contratar mão de obra desqualificada. O interesse é que é um elemento mais voltado a dimensão econômico-financeiro e de certa forma, no caso da ação de compartilhamento de mão de obra, mostra-se existente conforme a disponibilidade de contratação de mão de obra qualificada. Embora, considerando o contexto de sucessão das famílias, a troca de serviços está relacionada também à qualidade do serviço.



Imagem 9 – Poda do vinhedo sendo realizada

Fonte: Venturini, 2014.

Para conhecer como se organizavam os membros quanto ao compartilhamento de mão de obra para a realização da poda do vinhedo, foi realizada a seguinte pergunta: “*Com quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil de fazer troca de serviço durante a poda? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*”.

A partir das respostas a pergunta (conforme anexo B) foi elaborado o sociograma da (Figura 8) que mostra a existência de uma aproximação maior entre alguns membros, o que representa uma confiança maior para realizar esta atividade. A relação de confiança aqui, expressa a confiança que um membro possui que o outro vai cumprir com a expectativa de retribuir a troca de serviço com qualidade (MARQUES, 2010). Assim como o elemento reciprocidade que se representa pelas flechas recíprocas.

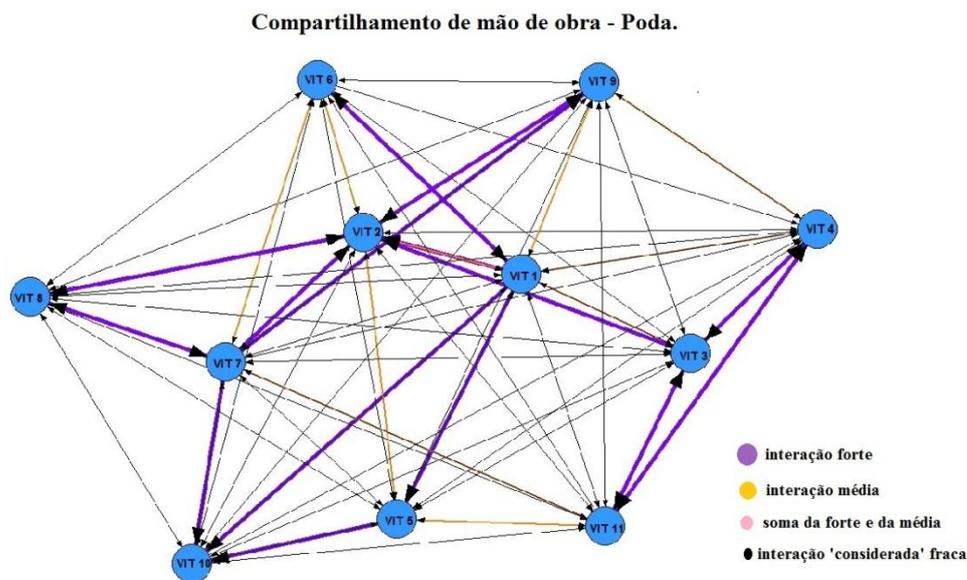


Figura 8 – Sociograma do compartilhamento de mão de obra – poda

Fonte: Venturini, 2014.

O elemento interesse nessa ação apresenta um grau médio. o interesse por compartilhar a mão de obra para a poda pode ser observado pela densidade da representação no sociograma da (Figura 8) onde os nodos se encontram mais afastados.

A interação maior se dá em alguns núcleos (tríades). o interesse e a interação não são tão fracos quanto na colheita, visto que aqui o conhecimento para a realização da poda é importante para manter a produtividade e sanidade do vinhedo. É um fator que contribui em função do período de poda ser mais longo que o período de colheita, podendo ser flexibilizado proporcionando assim, um planejamento organizacional por parte dos vitivinicultores. Neste sentido Giddens (1991) complementa que a confiança também está associada ao conhecimento técnico e confia-se muito mais em quem o têm, do que na ação de um leigo no assunto.



Imagem 10 – Família vitivinicultora do Chapadão em época de poda

Fonte: Venturini, 2014.

Uma organização em rede para Franco (2009), não possui uma forma organizacional prévia, ele existirá a partir de conexões motivadas por interesses que as façam interagir em diferentes níveis (forte, médio ou fraco).

Além do interesse, outros elementos são importantes para as organizações em rede, como a cultura típica local, principalmente no caso de redes informais. As práticas culturais locais no Chapadão se dão em torno dos festejos que ocorrem em geral no clube Internacional do Chapadão. A bibliografia apresenta a importância de um local onde ocorram as trocas relacionais em organizações informais. Neste caso, o clube ocupa essa posição importante para o engajamento dos membros na rede. Além dos festejos, os momentos de lazer também são comportamentos sociais, que por vezes, ocorrem no clube, e por vezes, na casa de algum vizinho.

São as festas que expõem a organização dos moradores do Chapadão em torno da gastronomia típica local, trazendo a uva e o vinho como simbólicos para os moradores. Os festejos que ocorrem todos os anos, trazem o retorno de familiares e pessoas que possuem afinidades com a cultura do imigrante italiano. As festas organizadas que são pela comunidade são: A festa da Vindima, a festa do Imigrante e a festa da Igreja.



Imagem 11 – Desfile do dia 7 de setembro em Jaguari – trazendo a representação do imigrante Italiano e da uva

Fonte: Venturini, 2014.

este contexto é pra estereotipar a existência de ritos locais em torno da etnia Italiana, a qual faz parte da cadeia da uva e vinho. É a partir de eventos que as pessoas se encontram para partilhar experiências e hábitos culturais, o cotidiano, a vida social esse é o momento de reforço dos laços fortes, de informação e comunicação, de incremento da reciprocidade e construção da confiança.

Nas festas são da comunidade do Chapadão, a maioria dos organizadores são os vitivinicultores. Isso mostra a capacidade organizativa presente nas relações locais e é importante salientar que estas manifestações são a porta de entrada para os encontros no Clube, encontros estes, que segundo Giddens (1991) fortalecem as relações sociais entre os membros de uma organização quando ocorrem em pontos de acesso, é por esse motivo que neste trabalho as manifestações dos ritos locais estão situadas como uma relação colaborativa importante para a organização da rede informal.

Para elaborar o sociograma apresentado na (Figura 9), a pergunta realizada aos entrevistados foi: “*Em termos de proximidade, quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil organizar festas e eventos tradicionais do Chapadão? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*”.

Conforme pode ser visto no sociograma de compartilhamento de manifestações dos ritos locais da (Figura 9), todos os membros entrevistados contribuem em maior ou menor intensidade com a organização das festas que ocorrem no Clube do Chapadão, principalmente as mulheres que preparam o cardápio típico<sup>16</sup>. Os homens são responsáveis pela copa e a churrasqueira. Para servir, todos contribuem dentro de uma escala feita antecipadamente, inclusive os filhos dos organizadores. Conflitos existem, mas de forma geral são resolvidos, mas já houve anos em que algumas festas não se realizavam por falta de organização prévia dos festeiros.

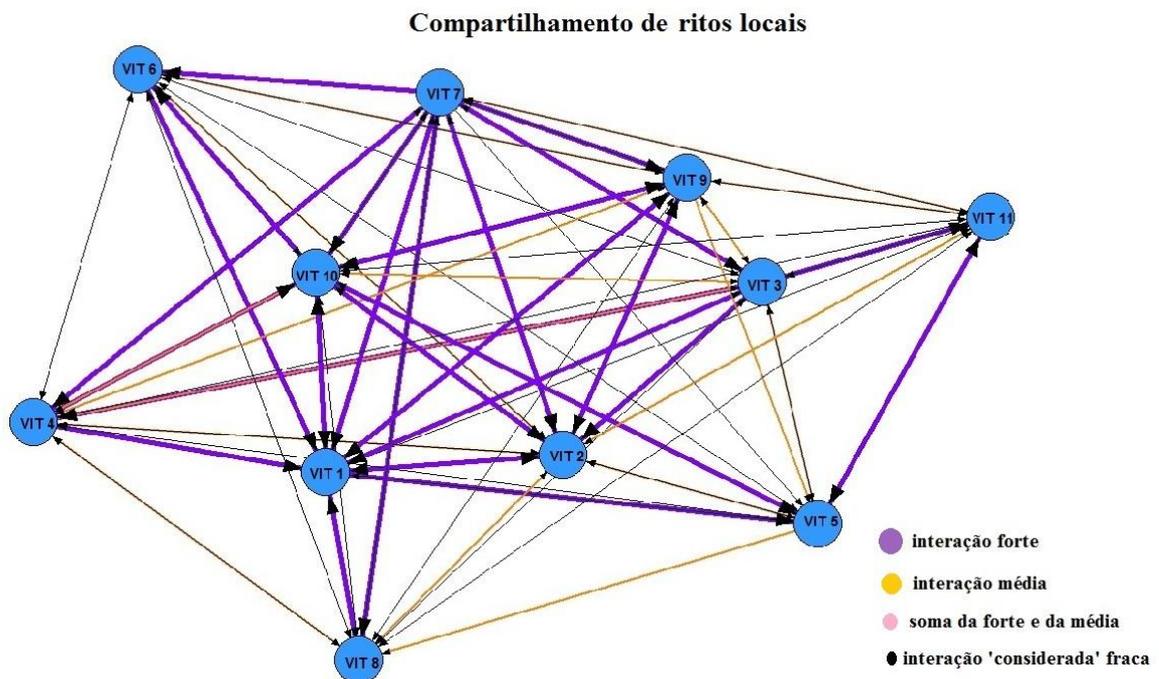


Figura 9 – Sociograma referente a Manifestação de Ritos locais

Fonte: Elaborada pela autora a partir de trabalho de campo (2013).

<sup>16</sup> O cardápio típico é risoto Jaguariense, massas, *fortaias*, polenta, saladas e sobremesas caseiras.

A densidade do sociograma das relações remonta o interesse em compartilhar os ritos locais, e este é fortalecido pelo fato de ser o maior momento de troca de informação entre os sujeitos, um momento sociocultural. É o momento onde os vizinhos se reúnem e informalmente trocam informações significativas para suas vidas.

É do interesse dos entrevistados em participar ativamente da organização dos ritos locais, pois para eles significa conviver socialmente no contexto local, significa manter-se informado e existir. Quando perguntado sobre o que faziam no momento de lazer, todos disseram que *iam ao clube, pra conversar, jogar carta, olhar o jogo, tomar um vinho ou uma cerveja*. Sendo assim pode-se afirmar que o clube é o catalizador dos processos relacionais, é o que Giddens (1991) chama de *ponto de acesso*.

O elemento interação assim como o elemento interesse possuem forte influência na ação de compartilhar os ritos locais. A interação forte, pode ser observada pelo sociograma da (Figura 9), onde há mais conexões fortes. As conexões representam a densidade da rede, e refletem na confiança existente entre os membros. Marques (2010, p. 158), cita que a homofilia aumenta o índice de confiança, pois “*confia-se em quem tem atributos (ou comportamentos) similares*”. Assim como as conexões com flechas recíprocas representam a reciprocidade, a reciprocidade aqui está vinculada a ajuda, seria o ato de dar, receber, retribuir ajuda ao outro.

Pode-se observar pelo sociograma da Figura 9 a existência de micro redes quanto ao compartilhamento dos ritos locais. Verifica-se que são os dois grupos de festeiros da localidade. Todo o ano a diretoria do Clube organiza com determinados festeiros, os quais atuarão por determinado período. Os festeiros são as pessoas que possuem a responsabilidade de organizar determinado encontro. Os grupos se configuram por afinidades, reciprocidade e confiança que também são elementos com relativa força na ação de compartilhamento dos ritos locais. Portanto, podem ser considerados sustentados rede socioprodutiva, muito mais do que formadores desta.



Imagem 12 – Abertura da colheita da uva em Jaguari – na imagem representantes da APROVIJA e enólogo da Cooperativa São José

Fonte: Site Polifotos de Jaguari.

Sintetizando a descrição a partir dos sociogramas apresentados, elaborou-se um esquema interpretativo da realidade da rede socioprodutiva do Chapadão, (Figura 10) mostrando os elementos mais fortes e os mais frágeis da rede socioprodutiva a partir da análise nas duas dimensões já citadas.

Conforme o esquema de análise (Figura 3) elaborado a luz do referencial utilizado, existem alguns elementos que foram apontados como os principais das relações entre os membros. A realidade nos reforça esse dado e através da pesquisa realizada pode-se verificar que alguns elementos podem ser mais sustentadores da rede e outros possuem um potencial maior na formação da organização por ter a propriedade de um elo mais imediato.

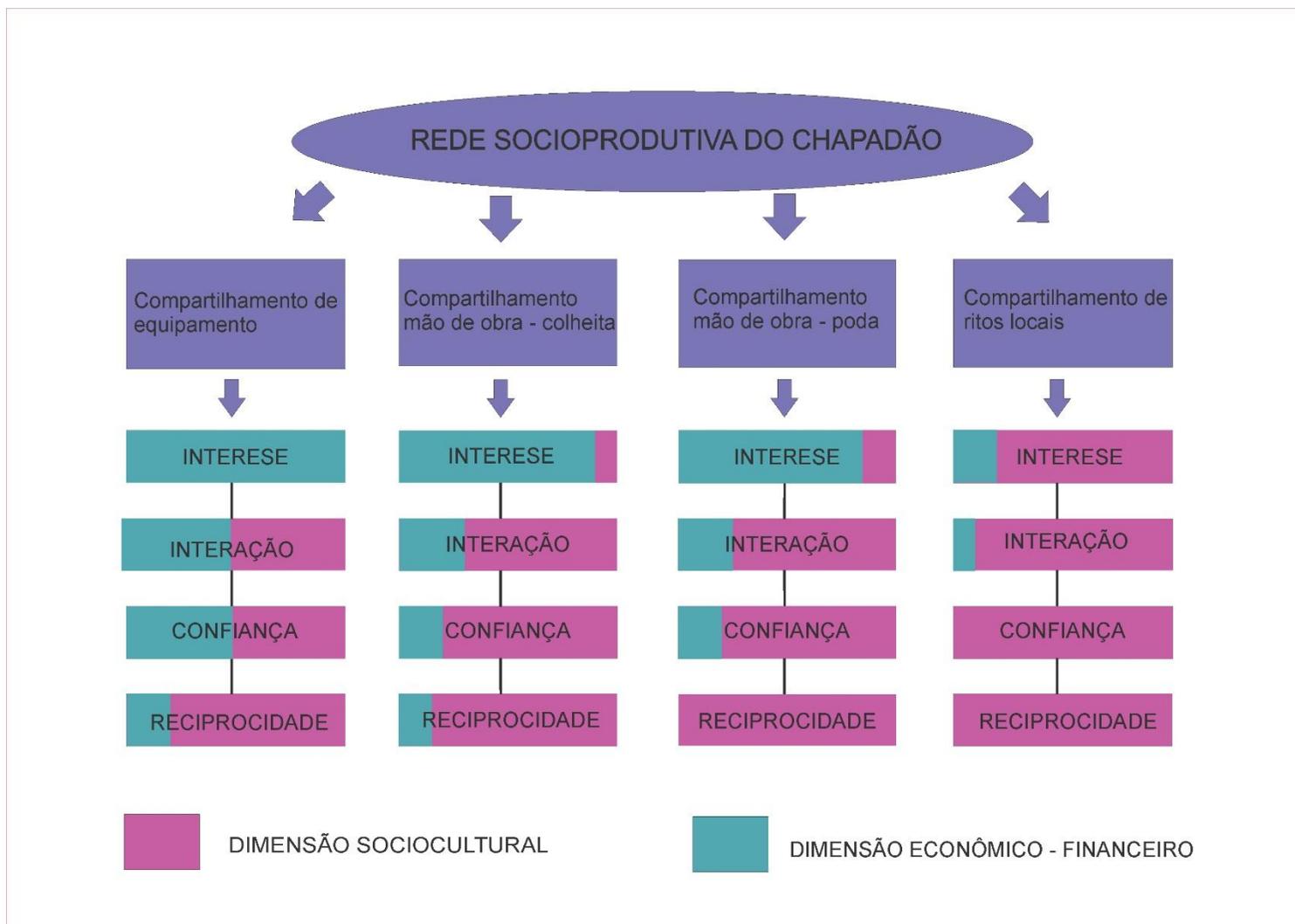


Figura 10 – Esquema interpretativo dos elementos presentes na rede socioprodutiva

Fonte: Venturini, 2014.

As dimensão sociocultural e econômico-financeira possuem diferenças muito tênues no processo de organização da rede socioprodutiva, pois a complexidade das relações faz com que elas se interliguem de certa forma. Mas para a análise realizada tratamos de separá-las para melhor interpretar os elementos constituintes da rede.

A dimensão sociocultural é uma dimensão mais abstrata que a dimensão econômico-financeira. Dentro da dimensão sociocultural tem mais espaço os elementos reciprocidade, confiança e interação em graus de intensidade diferenciados, e pode se dizer que sustentam as relações na rede no tempo e no espaço como traz a bibliografia.

Na dimensão econômico-financeira o elemento interesse se destaca e com ele a confiança necessária para as formas de contratos informais na rede, quando a confiança é quebrada alguns tipos de negociação (compartilhamento de equipamentos) tendem a não serem refeitos, prejudicando as ações da rede. Pode-se dizer que a dimensão econômico-financeira tem um papel motivador na formação da rede. Mas faz-se uma ressalva, no caso do interesse num primeiro momento pode ser o principal formador de uma organização, mas num segundo momento pode sim aparecer como sustentador, no sentido de provocar a interação novamente nos membros da organização. O interesse, principalmente dentro dos recursos tangíveis é um motivador para a organização em rede.

Conforme a experiência do Prorenda mostrou, o *signal de confiança* foi um motivador pois despertou o interesse financeiro para a ação coletiva, mas as organizações em rede só perpetuam no tempo e no espaço quando outros elementos, como confiança, interação e reciprocidade se fazem presentes nas relações colaborativas.

Pode-se dizer então que a rede socioprodutiva dos vitivinicultores do Chapadão tem nas suas relações colaborativas elementos como confiança, reciprocidade e interação que sustentam mais socioculturalmente essa rede. Essas relações colaborativas estão balizadas em relações de vizinhança, parentesco, que são afinidades que ocorrem conforme o grau de homofilia existente no espaço. E outros elementos como interesse e confiança que auxiliam na formação da rede e realimentam as ações colaborativas na dimensão econômico financeira.

Obteve-se como resultados a estrutura relacional em algumas ações colaborativas que auxiliam na compreensão da rede socioprodutiva no formato de sociogramas, mostrando a influência dos elementos de sociabilidade na organização da rede nas dimensões sociocultural e econômico - financeira.

A pesquisa mostra que o conjunto de elementos, confiança e reciprocidade presentes em diferentes graus de intensidade na rede socioprodutiva tem potencial de sustentação da rede na dimensão sociocultural, assim como o conjunto de elementos interesse e interação tem

potencial na formação da rede na dimensão econômico financeira em diferentes graus de intensidade. a interação num grupo pode gerar, ou despertar elementos de confiança e reciprocidade considerou-se que os sociogramas com maior interação, visto pelas representações das setas, promovem confiança e gradativamente reciprocidade.

Percebe-se a partir do esquema interpretativo que a dimensão sociocultural é a que mais aparece nas relações colaborativas presentes nessa rede. Este fato é notório ao estabelecer contato com os vitivinicultores, pelo seu modo de vida é tangenciado pelas relações produtivas e ritos locais.

Essa interpretação foi possível a partir das respostas dos vitivinicultores quanto as ações que compartilhavam e com o auxílio das informações de densidade, proximidade, largura das flechas reciprocas observadas nos sociogramas gerados com o uso dos programas NetDraw e Ucinet.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Quanto mais aumenta nosso conhecimento, mais evidente fica nossa ignorância”.*  
*John F. Kennedy*

Com o objetivo de compreender a natureza das relações colaborativas e assim a rede socioprodutiva das agroindústrias familiares rurais de vinho artesanal, esta pesquisa apresentou um estudo de caso com onze propriedades vitivinícolas na localidade do Chapadão. A abordagem teórica utilizada foi importante para melhor compreensão do fenômeno empírico contribuindo para elaboração de um esquema de análise conforme consta na (Figura 3).

A dificuldade de uma pesquisa na temática de redes é delimitar o referencial teórico a ser utilizado, pois existe uma gama de teorias com enfoques diferenciados para o tema. Como para tudo existem dois lados da moeda, neste caso, um lado mais positivo e um mais negativo. Pois, ao passo que existe um universo de teorias sobre o tema complexando a escolha, também existe a possibilidade de fazer links dessas teorias e conceitos que não foram feitos ainda. Como é o caso deste estudo, o qual se utilizou da Nova Ciência da Redes Sociais, pouco explorada, e de um conjunto de conceitos da sociologia econômica e economia neoclássica que direcionaram a pesquisa para os resultados obtidos com vistas ao que a realidade apresenta.

Entretanto deve-se ressaltar que a pesquisa é um estudo de caso realizado com 11 produtores de uva que possuem uma realidade peculiar, influenciada pela cultura local, pela geografia local, pelas condições socioeconômicas locais, e assim sendo, não pode ser generalizada, mas serve de base para reflexões sobre outras realidades rurais onde existam grupos organizados trazendo reflexões sobre as ações de desenvolvimento e extensão rural no sentido de quais elementos podem estar presentes, ou ausentes nos grupos organizados em comunidades rurais.

Por meio desta pesquisa evidencia-se a importância de estabelecer uso de ferramentas menos complexas para avaliar redes. Na metodologia desta pesquisa utilizou-se de programas como Netdraw aliado ao Ucinet, para lançar os dados encontrados a campo e obter a estrutura do sociograma, para então a partir destes verificar visualmente a densidade, proximidade e interação das relações colaborativas.

Esses atributos (densidade, proximidade e interação) que podem ser percebidos no sociograma foram encontradas na literatura e permitiram fazer uma análise descritiva dos gráficos das relações sociais (sociogramas). Não foram utilizados os índices que o programa apresenta pela dificuldade de manusear os programas. Então a metodologia foi um limitante da pesquisa, mas que permitiu um aprofundamento na descrição das relações colaborativas. Esses softwares são programas utilizados por pessoas especializadas na ferramenta, por isso nota-se a importância de ter programas mais operacionais para que agentes desenvolvimento rural possam compreender as redes socioprodutivas locais.

É importante considerar que a pesquisa buscou compreender os quais eram os elementos importantes para auxiliar a formação e sustentação da rede, através das relações colaborativas que eles mantinham. Sendo que a maioria dos entrevistados já se conheciam a muitos anos e compartilhavam ações, as perguntas tornavam-se delicadas e por vezes notou-se que existiam receio de dizer que o vizinho não era um bom próximo para negociar, neste caso acredita-se que o processo de confiança gerado no pesquisador, pelas várias conversas informais e visitas gerou o resultado esperado. Mas também compreende-se que as questões relacionais variam ao longo do tempo, e talvez num momento diferente as respostas poderiam ser outras.

A riqueza do recorte empírico traz diversos elementos para a pesquisa que influenciam no processo organizativo da rede socioprodutiva, como o paisagismo local, as atividades produtivas em torno da cadeia da uva e vinho, a gastronomia típica, a identidade socioprofissional existente e experiências organizativas, buscou trazer essa riqueza para a pesquisa no intuito de representar a complexidade da realidade não analisando de forma estanque a organização em rede.

Nota-se que o processo de aprendizagem coletiva, a partir do PRORENDA, foi importante para a compra coletiva e principalmente para a construção de laços fortes na localidade, vinculados a relação de confiança e reciprocidade. Certamente, conforme comprova a experiência do PRORENDA existem formas de construir um processo de aprendizagem organizacional, capacitando pessoas para ações coletivas ou cooperativas, exigindo estudo das relações que ocorrem, e um período de tempo, que por vezes não é contemplado nos programas de governo.

a partir dos dados secundários e das reuniões e entrevistas buscou-se compreender que tipo de público estava-se trabalhando, pois sentiu-se a necessidade de compreender que vitivinicultores eram estes, onde estavam inseridos, qual a forma de comercialização do produto. A partir deste entendimento pode-se perceber a trama de outras redes que se

interligavam a rede socioprodutiva, como a APROVIJA e a própria Cooperativa Agrária São José e que são importantes dentro do processo de organização. Nota-se que o contexto organizacional de Jaguari tem certa propensão em organizar-se coletivamente em torno de atividades produtivas (ANÉSI, 2009).

Através da abordagem teórica utilizada para compreender a realidade empírica apresentada foi possível, com algumas limitações, obter resultados que são significativos tanto para o grupo de agricultores, quanto para futuras pesquisas. São resultados que exaltam a organização dos vitivinicultores do Chapadão, e ainda mostram que a existência de elementos que já estiveram mais fortes, ou seja, foram mais significativos, em períodos passados, como é o da interação na ação colaborativa de compartilhamento de mão de obra.

Conforme o esquema de análise elaborado a luz do referencial utilizado, existem alguns elementos que foram apontados como os principais das relações entre os membros. A realidade nos reforça esse dado e através da pesquisa pode-se verificar que alguns podem ser mais sustentadores da rede e outros possuem um potencial maior na formação da organização por ter a propriedade de um elo mais imediato.

Por isso projetos de extensão e desenvolvimento rural devem vir acompanhados de recursos que promovam o interesse dos participantes. Mas é relevante salientar que despertar o interesse não basta. É necessário que exista mecanismos que promovam a construção de elementos de sociabilidade que sustentem a rede como a confiança e a reciprocidade.

O exemplo do PRORENDA, mostra a importância de trabalhar um processo de aprendizagem organizacional, antes da liberação de recursos, principalmente financeiros, para que não sejam gerados grupos oportunistas ao invés de organizações coletivas. Pois assim como existem os elementos que sustentam a organização também existem aqueles que fragilizam, como é o caso do desinteresse, do oportunismo, da desconfiança aliada ao conflito.

Não foi prioridade deste estudo compreender os elementos que fragilizam a rede, mas não desconsidera-se a existência deles nesta organização estudada, e pode ser uma temática promissora de estudos no sentido de compreender quais os elementos que fragilizam as redes. Assim como outras pesquisas podem ser apontadas no sentido de como agentes de extensão rural podem ser mediadores na identificação e construção de elementos de sociabilidade. A compreensão desses processos relacionais podem vir contribuir com organizações em rede em determinados grupos rurais.

Nesta pesquisa utilizou-se de duas dimensões para compreender a organização, e pode-se utilizar de outras dimensões, assim como avaliar outros elementos presentes, que

talvez em outras experiências sejam mais significativos, tanto da formação como na sustentação da rede.

O grau de participação, ou intensidade dos elementos de sociabilidade dentro das relações na organização em rede são fundamentais para o entendimento, auxílio e desenvolvimento da organização. A rede se configura através das ações, que neste caso, são principalmente mais colaborativas que cooperativas. A ação colaborativa é “instantânea”, onde determinados membros colaboram para atingir um objetivo e quando o alcançam suspende-se a relação de troca, até que haja outro motivo ou interesse para colaborar novamente. Já a ação cooperativa envolve os membros por mais tempo, onde há construção de confiança e principalmente reciprocidade.

Considera-se que as relações da rede socioproductiva do Chapadão estão mais centradas em torno dos laços fortes, havendo necessidade de trabalhar os laços fracos, mesmo compreendendo que existem circunstâncias no contexto organizacional da cadeia da uva e vinho localmente, que propiciam maior homofilia e a construção de laços fortes garantido coesão e fortalecimento aos produtores informais de vinho artesanal. Mas os laços fracos ampliariam a rede, trazendo mais dinamismo a ela. Faz-se necessário uma outra pesquisa para conhecer os possíveis laços fracos que venham a contribuir com essa organização em rede, assim como outras, sendo esta uma pesquisa de complementação importante no segmento de redes informais.

É por essa configuração de interação forte na dimensão sociocultural e laços fortes que a confiança e a reciprocidade tornam-se sustentadoras da rede. É o convívio no clube e nas ações em torno da cadeia da uva que constroem a confiança. Percebe-se que a proximidade geográfica é um fator relevante, que neste caso aproxima os membros dentro das ações colaborativa e cooperativas, mas em outros casos pode ser até prejudicial dependendo do grau de intensidade dessa homofilia.

A problemática da pesquisa que moveu a pesquisa foi no intuito de responder quais são os elementos de sociabilidade que formam e sustentam a rede socioproductiva do Chapadão? Os resultados obtidos foram apontados pelo referencial utilizado, que trouxe a confiança, a interação, a reciprocidade e o interesse como os principais, mas destes, a pesquisa revelou que o conjunto de elementos, confiança e reciprocidade tem potencial de sustentar a rede na dimensão sociocultural em diferentes níveis, assim como, o conjunto de elementos interesse e interação tem potencial de atuar na formação da rede numa dimensão econômico-financeira em diferentes níveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, n. 2, v. IV, p. 379-397, abr./jun. 2000.

BALESTRIN, A **dinâmica da complementariedade de conhecimentos no contexto das redes interorganizacionais**. Tese (doutorado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre. 2005. 214p.2005.

BALESTRIN, A. **O campo de estudos sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil**. *Rac*, Curitiba, v. 14, n3, art. 4, pp. 458-477, Maio/Jun., 2010.

BARAN, P. On distributed communications: I. introduction to distributed communications networks. In: **Memorandum RM-3420-PR**, August 1964. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

BELL, J. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação saúde e ciências sociais. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BONACICH, P. Power and centrality: a family of measures. **American Journal of Sociology**, v. 92, n. 5, p. 1170-1182, 1987.

BORGATTI, S. P. **Net Draw Software for Network Visualization**. Analytic Technologies: Lexington, KY. 2002.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G. and FREEMAN, L. C. **Ucinet for Windows**: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BOURDIEU, P. **A representação política**: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2003. p. 13-28.

BRUNET, R. **Lê territoire dans les turbulences**. Paris: Reclus, 1990.

BURT, R. S. **Structural holes: the social structure of competition**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

CAILLÉ, A. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p. 5-38, 1998.

CARLOS, A. F. A. **A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões**. São Paulo: Terra Livre, Ano 18, v. 1 I, n. 18, p. 161- 178, jan./jun., de 2002.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, v. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439.

CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society**. Blackwell, Oxford. 1996.

COREDE, V. J. **Planejamento Estratégico**. 2010. Disponível em: <[http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=duB09\\_EVudc%3D&t abid=5363&mid=7972](http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=duB09_EVudc%3D&t abid=5363&mid=7972)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (FETAG-RS). **Agroindústria Familiar Rural: Geração de renda e qualidade de vida no meio rural**. Referências: elaboração. Rio Grande do Sul, 2009.

FLIGSTEIN, N. Habilidade social e a Teoria dos Campos. In: **Redes e sociologia económica**. Organizado por Ana Cristina Braga Martes. São Carlos: EdUFCar, 2009.

FLORES, M. a identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - uma visão do estado da arte. In: **Séries territórios com identidade**, São Paulo, 2006.

FLORES, M. X.; MACEDO, M. M. C. Novos Rumos do Desenvolvimento Rural. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**, Foz do Iguaçu, Paraná, 1999.

FRANCO, 2009 disponível em <http://www.redescomunitarias.org.br/images/Biblioteca/Redes.pdf> acesso em 27 dez. 2013.

FRANCO, A. **Capital Social e Desenvolvimento Local**. Disponível em [http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php?uf=43](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=43), acesso em 10 out. 2011.

FRANCO, A. **Empreendimentos em Rede: tendências e desafios**. 2009. Disponível em: <<http://www.redescomunitarias.org.br/images/Biblioteca/Redes.pdf>><http://www.redescomunitarias.org.br/images/Biblioteca/Redes.pdf> > acesso em: 28 dez. 2013.

FRANCO, A. **O poder das redes sociais**. 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/augustodefranco/o-poder-nas-redes-sociais-2a-versao>> acesso em 23 dez. 2013.

FRANCO, A. **Redes sociais: Você pode fazer**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/augustodefranco/redes-sociais-voc-pode-fazer?from=embed>, 2009.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, **Dicionário de Ciências Sociais**: FGV, Rio de Janeiro, 1986.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. – São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29 Maio/Jun., 1995.

GUIMARÃES, G. M. **Racionalidades Identitárias na produção e comercialização de alimentos coloniais na Quarta Colônia – RS**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011. 208p.

GUIMARÃES, G. M.; SILVEIRA, P. R. C. da. Por trás da falsa homogeneidade do termo Agroindústria Familiar Rural: indefinição conceitual e incoerências das políticas públicas In: VI Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. **Anais**. Fortaleza: SBSP, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do senso demográfico 2010**. Disponível em: <<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=210&uf=43>>> acesso em 23 jan. 2014.

LIMA, P. J.; PINHEIRO, M. C. A. Abordagem das relações sociais em experiências de produção e comércio de produtos ecológicos no Brasil. In: **Agricultura familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste do Brasil**. Organizadores: Angela Küster, Jaime Ferré Martí. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer; DED, 2004.

LIMANA, C. C.; MEDEIROS, E. R. **Atlas Escolar do Município de Jaguari - RS. 2001**. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1813.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

MALAGOLLI, G. A.; PAULILLO, L. F. O. Mobilização política e rede de interesses na produção calçadista de Jaú. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 20, n. 4, p. 927-938, 2013 disponível em: <<[http://www.scielo.br/pdf/gp/v20n4/aop\\_a747.pdf](http://www.scielo.br/pdf/gp/v20n4/aop_a747.pdf)>>, acesso em junho de 2014.

MARCHIORI, J. N. C. **Esboço Histórico de Jaguari**. Santa Maria: Pallotti, 1999. 183p.

MARCON, M.; MOINET, N. **La stratégie-réseau**. Paris: Éditions Zéro Heure, 2000.

MARSDEN P, V. Elements of interactor dependence. In: COOK, K. S. (Ed.) **Social exchange theory** Newbury Park, CA: Sage, 1987.

MARTINHO, C. **Uma aproximação da ideia de rede**. Disponível em:

<<[MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \*\*Sociologia e antropologia\*\*. São Paulo: EDUSP, 1974. v. 2, p. 49-209.](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.recea.org.br%2Farcervo%2Farquivos%2FApresenta%25E7%25E3o%2520Redes%2520e%2520RECEA_Projeto%2520Diagn%25F3stico.pps&ei=cTDsU5z4Msed8gHc3oCABQ&usq=AFQjCNEeYLNidnL1eP3FabWLyPZtjlbktw&sig2=70TuSh9fv0lybDOI-R4dzg&bvm=bv.72938740,d.b2U>> acesso em maio 2014.</p></div><div data-bbox=)

MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 339-372.

MIOR, L. C. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

MIOR, L. C. **Desenvolvimento Rural: A contribuição da Teoria das Redes**. In: “I Colóquio sobre agricultura familiar e Desenvolvimento Rural”. Porto Alegre Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Nov. 2005.

MIOR, L. C. Trajetórias das Agroindústrias Familiares Rurais no Estado de Santa Catarina (Brasil). In.: IV Congresso Internacional de la Red SIAL (ALFATER). **Anais...** Mar del Plata/Argentina: IICA, 2008.

MIZRUCHI, M. S. Análise de Redes Sociais: Avanços recentes e constrovérsias atuais. In: **Redes e sociologia econômica** / Organizado por Ana Cristina Braga Martes São Carlos: EdUFCar, 2009.

MORENO, J. L. **Fundamentos de la Sociometria**. Buenos Aires: Paidós, 1962. 443 p.

MURDOCH, J. Networks: a new paradigm of rural development? **Journal of Rural studies**, n. 16, 2000.

NEUMANN, P. da et al. Diagnóstico e cadastro das unidades de produção de hortigranjeiros e de produtos coloniais da microrregião da Quarta Colônia e Estudo Regional de mercado na região central do Estado. **Relatório de Pesquisa FAPERGS**. Grupo de Pesquisa Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento Rural e Núcleo de Estudos em Economia Agroalimentar da UFSM-RS. 2006.

NEUMANN, P. da et al. **Relatório de Pesquisa**: Análise diagnóstico do sistemas agrários de Jaguari - RS. DEAER- Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PECQUEUR, B. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul, Campina Grande: **Raízes**, v. 24, n.1 e 2, p. 10-22, jan./dez., 2005.

PFEFFER, J.; SALANCIK, G. R. **The external control of organizations**: a resource dependence perspective. New York: Harper e Row, 1978.

PREZOTTO, L. L. A agroindustrialização de pequeno porte: higiene, qualidade e aspectos legais. **Revista Agropecuária Catarinense**. Florianópolis, v. 10, n. 4, dez. 1997.

PREZOTTO, L. L. **Principais procedimentos para registrar uma pequena agroindústria**. Texto de referência – Pronaf/agroindústria. MDA/SAF, Brasília, 2001.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996, 260p.

ROGERS, E. M. **Diffusion of Innovations**. 5. ed. New York: Free Press, 2003.

SABOURIN, E. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, Nov. 2003. Aracajú: CISO, 2003. **Anais...** 25 p.

SAMPIERE, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGrall-Hill, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997 (Coleção Espaços).

SILVA, B. F.; BEZZI, M. L. Transformações Técnico-produtivas na Vitivinicultura de Jaguari/RS. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária - Perspectivas Teórico metodológicas da Geografia Agrária, 2006, Rio de Janeiro/RJ. **Anais** do XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária - Perspectivas Teórico-metodológicas da Geografia Agrária, 2006.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SILVEIRA, L. B.; NEUMANN, P. S.; SANTOS, V. F. Pluriatividade na Agricultura Familiar, as diferentes visões teóricas. **Anais** do VI Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. Aracajú/SE. Out, 2004.

SILVEIRA, P. C. da et al. A produção artesanal de vinhos na região da Quarta-Colônia/RS: (re)criação e transformação do circuito de produção-distribuição-consumo. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...** Londrina/PR: SOBER, 2007.

SILVEIRA, P. R. C. da; GUIVANT, J. S. As Relações Colaborativas e Conflitivas na Comercialização de Alimentos e Bebidas Orgânicas: Uma Análise a Partir do Caso dos Processados Orgânicos do RS, Florianópolis, 2010, Congresso da ANPPAS, **Anais em CD Room**, 2010.

SILVEIRA, P. R. C. da et al. O Turismo e a Recriação das Agroindústrias Rurais Tradicionais. In: V Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento. **Anais...** CITURDES. Santa Maria: UFSM, 2006.

SILVEIRA, P. R. C. da; ZIMERMANN, S. A. Qualidade em Circuitos Regionais de Produção de Alimentos numa Perspectiva de Segurança Alimentar. In: FROELICH, M.; DIESEL, V. **Espaço Rural e Desenvolvimento Regional**. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

SILVEIRA, P. R. C. da. et al. A construção da identidade territorial em sistemas agroalimentares localizados: o caso da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul/Brasil. In.: IV Congreso Internacional de la Red SIAL (ALFATER). **Anais...** Mar del Plata/Argentina: IICA, 2008a.

SILVEIRA, P. R. C. da. et al. Da identidade cultural a identidade territorial: o processo de valorização do saber local como estratégia de desenvolvimento regional. In: IV Congresso Argentino Y Latinoamericano de Antropologia Rural, 2009, Mar del Plata. **Del continuum folk-urbano a las actuales interpretaciones del mundo rural**. Mar Del Plata: INTA. v. IV, p. 1-20.

SILVEIRA, P. R. C. da; HEINZ, C. Controle de qualidade normativo e qualidade ampla: princípios para re-estruturação e qualificação da produção artesanal de alimentos. In: Seminário sobre Agroindústria Familiar e Desenvolvimento Rural. **Anais...** São Luis Gonzaga: UERGS, 2005.

SOUZA, R. S. **A condição organizacional**: o sentido das organizações no desenvolvimento rural. Editora da UFSM, 2012. 280 p.

SPERRY, S. A fábrica das associações. In: CARVALHO JÚNIOR et al. (Org.). **Ações coletivas praticadas pelos produtores rurais**. Brasília - DF: Embrapa Cerrados, 2003.

SULZBACHER, A. W. **A agroindústria familiar rural enquanto alternativa para agricultura familiar**: estudo de caso no município de Chapada/RS. Monografia (Curso de Geografia – Licenciatura Plena) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SULZBACHER, A. W.; DAVID, C. de. Alternativas para o Espaço Rural: importância de compatibilizar políticas públicas com saberes locais. In: **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 3, p. 14-37, 2008.

SWEDBERG, R.; GRANOVETTER. **The Sociology of economic life**. In: GRANOVETTER, M.; SWEDBERG, R. (Eds). Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 1-26.

TAMBARA FILHO, C. R. **A cooperativa do vinho de Jaguari**: das brumas do passado rumo ao centenário; um histórico a ser escrito. Arquivo cooperativa Agrária São José. Jaguari. 2008.

TESCH, R. W. **As relações de reciprocidade dos agricultores familiares e a formação de redes de cooperação no noroeste do Rio Grande do Sul**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Administração Rural, 1999.

TOMAÉL, M. I.; ALCARA, A. R.; DI CHIARA, I. G. **Das redes sociais à inovação**. *Ci. Inf.*[online]. 2005, v. 34, n. 2, pp. 93-104. ISSN 0100-1965. Disponível em <<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000200010>>> acesso em junho de 2014.

VENTORINI, F. E. O. A diferenciação das agroindústrias familiares rurais: do real ao desejado. **Anais do encontro: VII Jornadas Interdisciplinares de Estudos Agrários e Agroindustriais**. Buenos Aires, Argentina, 2011.

VENTORINI, F. E. O. **Agroindústrias Familiares Rurais e a construção de Redes: Estratégias da Quarta Colônia –RS**. Relatório de Estágio Curricular. (Curso de Tecnologia em Agropecuária – Agroindústria). Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Cachoeira do Sul, 2009.

VENTURINI, F. E. O.; SILVEIRA, P. R. C.; DEON, P. R. C.; GUIMARÃES, G. M. A interação entre a elaboração de alimentos artesanais e atividades produtivas na agricultura familiar em comunidades de colonização italiana no RS – Brasil. Concórdia – Arg., 2012, Jornadas Nacionales de Extensión Rural e del Mercosur, **Anais em CD Room**. 2012.

VIEIRA, L. F. Agricultura e Agroindústria familiar. In: **Revista de Política Agrícola**. Ano VII (01), Jan./Mar., 1998.

WILKINSON, J.; MIOR, L. C. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 13, out. 1999, p. 29-45.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## ANEXOS

### ANEXO A – Roteiro de entrevista I

- 1) Propriedade: \_\_\_\_\_
  - 2) Sigla do entrevistado: \_\_\_\_\_
  - 3) Moradores da propriedade: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  - 4) Produtor de: uva ( ) uva vinho ( )
  - 5) Sócio da Cooperativa Agrária São José: ( ) sim ( ) não
  - 6) Área de produção de uva:  
Bordo \_\_\_\_\_ hectare  
Isabel \_\_\_\_\_ hectare  
Goethe \_\_\_\_\_ hectare  
Niágara \_\_\_\_\_ hectare  
Outras: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- Desde quando produz uvas? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 7) Qual descendência: ( ) italiano ( ) alemão ( ) português ( ) outros quais:  
\_\_\_\_\_
  - 8) Produz vinho? Desde quando? \_\_\_\_\_
  - 9) Considera esta (produção de vinhos) atividade hereditária?  
( ) sim ( ) não
  - 10) Possui assistência técnica para atividade de viticultura?  
( ) sim ( ) não Qual? \_\_\_\_\_
  - 11) Possui assistência técnica para a atividade vinificação?  
( ) sim ( ) não
- Se a resposta for não, julga necessário? ( ) sim ( ) não.
- 12) Na época **de poda** possui mão de obra? ( ) sim ( ) não.  
Como procede se não possui?  
( ) contrata da cidade \_\_\_\_\_  
( ) faz trocas de serviços  
( ) contrata na localidade do chapadão  
( ) contrata de outras localidades

13) Na época **de colheita** possui mão de obra? ( ) sim ( ) não.

Como procede se não possui?

- ( ) contrata da cidade
- ( ) faz trocas de serviços
- ( ) contrata na localidade do chapadão
- ( ) contrata de outras localidades

14) Você possui todos os equipamentos que necessita para o cultivo **da uva**?

( ) sim ( ) não

Como soluciona quando não possui algo?

- ( ) pede emprestado para vizinhos
- ( ) compra
- ( ) organiza uma compra
- ( ) busca alternativa para fazer sem o equipamento.

15) Se não houvesse a possibilidade de adquirir equipamentos em conjunto continuaria produzindo uvas e vinho? ( ) sim ( ) não

16) Você possui todos os equipamentos que necessita para produzir **vinhos**?

( ) sim ( ) não

Como soluciona quando não possui algo?

- ( ) pede emprestado para vizinho
- ( ) compra
- ( ) organiza uma compra coletiva na comunidade.
- ( ) busca alternativa para fazer sem o equipamento.

17) Se não houvesse a possibilidade de adquirir equipamentos em conjunto continuaria produzindo uvas e vinho? ( ) Sim ( ) Não

18) Sua família participa das festas tradicionais da localidade do chapadão?

( ) Sim ( ) Não

Qual festejo?

\_\_\_\_\_

O que sua família faz nos momentos de lazer? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Obs:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**ANEXO B – Roteiro de entrevistas II e Planilhas de respostas.**

**PERGUNTA:** *Quais destes vizinhos (abaixo citados) que produzem uva e vinho é mais fácil comprar equipamentos juntos? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*

<b>COMPARTILHAMENTO DE EQUIPAMENTOS</b>											
<b>MEMBROS DA REDE</b>	VIT 1	VIT 2	VIT 3	VIT 4	VIT 5	VIT 6	VIT 7	VIT 8	VIT 9	VIT 10	VIT 11
VIT 1	0	1	2	2	3	1	3	3	2	3	3
VIT 2	1	0	3	3	5	2	3	7	1	6	7
VIT 3	1	1	0	1	2	2	2	2	1	4	1
VIT 4	3	1	1	0	1	2	1	1	1	2	2
VIT 5	1	2	2	5	0	10	8	10	3	2	2
VIT 6	1	2	7	7	5	0	5	6	3	8	1
VIT 7	1	1	1	1	2	1	0	1	1	1	5
VIT 8	3	2	4	5	10	10	1	0	6	7	8
VIT 9	1	1	5	5	7	4	5	5	0	4	9
VIT 10	1	2	1	2	1	4	2	3	2	0	2
VIT 11	1	3	1	2	4	6	8	9	7	5	0

**PERGUNTA:** *Quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil de fazer troca de serviço durante a colheita? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*

<b>COMPARTILHAMENTO MÃO DE OBRA - COLHEITA</b>											
<b>MEMBROS DA REDE</b>	VIT 1	VIT 2	VIT 3	VIT 4	VIT 5	VIT 6	VIT 7	VIT 8	VIT 9	VIT 10	VIT 11
VIT 1	0	1	1	3	1	4	4	4	2	1	4
VIT 2	2	0	3	2	4	2	2	2	1	4	6
VIT 3	10	10	0	10	5	5	10	1	3	10	1
VIT 4	8	5	1	0	3	10	10	10	2	10	1
VIT 5	4	2	4	4	0	7	7	7	3	1	3
VIT 6	1	2	6	7	8	0	3	4	5	10	10
VIT 7	3	1	3	3	5	2	0	1	1	1	2
VIT 8	9	1	9	9	10	5	1	0	3	5	5
VIT 9	1	1	5	4	6	6	4	6	0	4	3
VIT 10	2	2	4	6	6	5	7	6	4	0	6
VIT 11	5	3	1	1	2	7	9	10	6	4	0

PERGUNTA: *Com quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil de fazer troca de serviço durante a poda? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante*

<b>COMPARTILHAMENTO DE MÃO DE OBRA - PODA</b>											
<b>MEMBROS DA REDE</b>	VIT 1	VIT 2	VIT 3	VIT 4	VIT 5	VIT 6	VIT 7	VIT 8	VIT 9	VIT 10	VIT 11
VIT 1	0	1	2	2	1	1	3	3	2	1	3
VIT 2	2	0	3	3	4	2	2	1	1	4	6
VIT 3	3	1	0	1	8	8	8	8	8	9	1
VIT 4	8	5	1	0	3	10	10	10	2	10	1
VIT 5	4	2	4	4	0	7	7	7	3	1	3
VIT 6	1	2	4	5	3	0	7	8	6	9	10
VIT 7	3	1	3	3	5	2	0	1	1	1	2
VIT 8	5	1	5	5	6	3	1	0	5	6	6
VIT 9	2	1	3	5	7	7	6	6	0	4	5
VIT 10	5	7	7	6	8	6	7	7	5	0	7
VIT 11	5	3	1	1	2	7	9	10	6	4	0

PERGUNTA: *Em termos de proximidade, quais destes vizinhos (abaixo citados) é mais fácil organizar festas e eventos tradicionais do Chapadão? Dê uma nota de 1 a 10, sendo 1 o mais próximo e 10 o mais distante.*

<b>COMPARTILHAMENTO DE RITOS LOCAIS</b>											
<b>MEMBROS DA REDE</b>	VIT 1	VIT 2	VIT 3	VIT 4	VIT 5	VIT 6	VIT 7	VIT 8	VIT 9	VIT 10	VIT 11
VIT 1	0	1	3	3	1	2	7	5	1	1	8
VIT 2	1	0	2	2	2	2	3	5	1	4	6
VIT 3	1	1	0	1	2	8	3	3	3	3	1
VIT 4	1	4	2	0	5	4	9	2	2	1	10
VIT 5	5	6	4	5	0	5	10	2	10	4	1
VIT 6	1	4	5	6	9	0	10	7	2	8	10
VIT 7	1	1	1	1	5	1	0	1	1	1	2
VIT 8	1	2	5	5	10	4	4	0	6	3	7
VIT 9	1	1	2	2	2	6	5	5	0	1	2
VIT 10	1	1	2	2	1	1	3	4	1	0	4
VIT 11	10	2	5	4	1	10	8	7	3	9	0